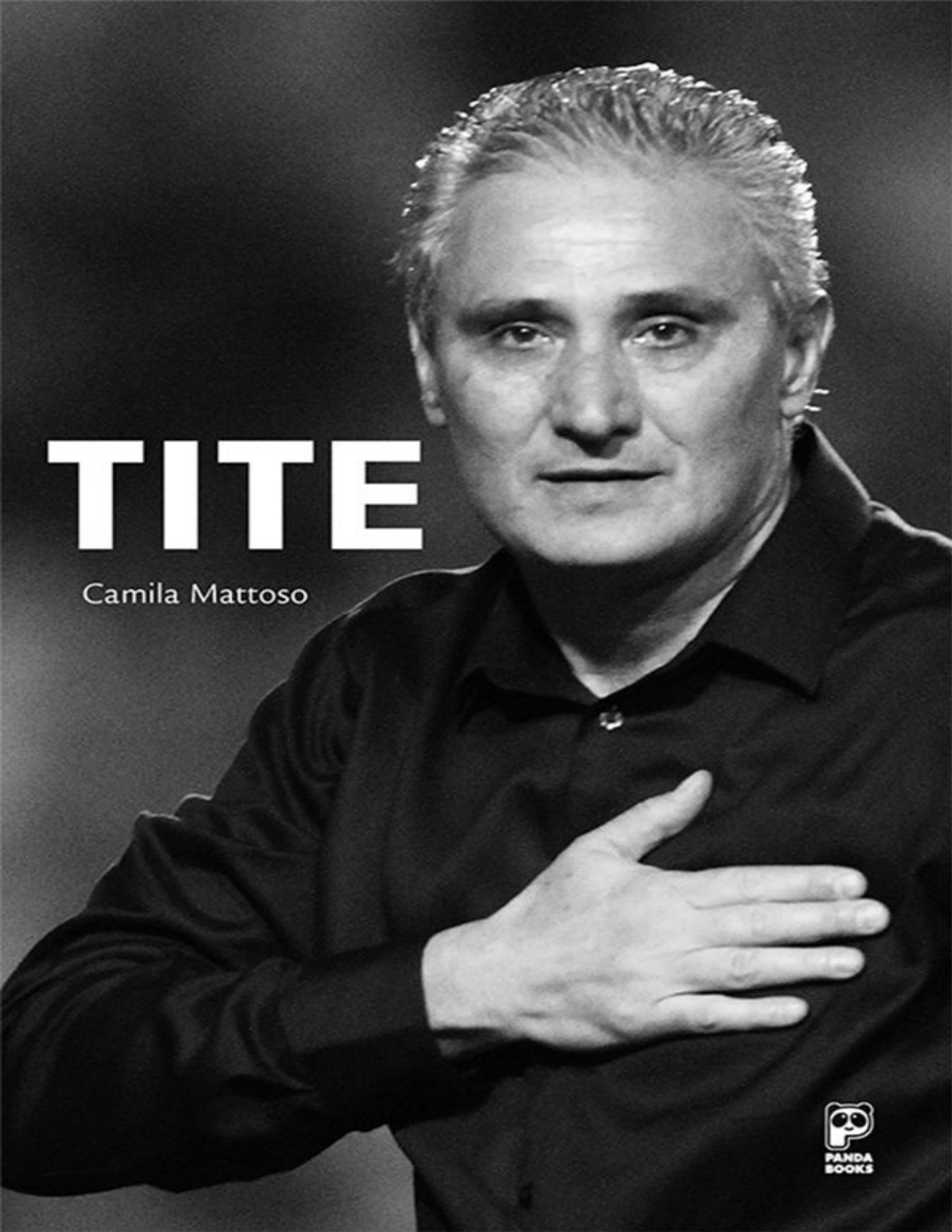


TITE

Camila Mattoso

PANDA BOOKS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Um livro dedicado à dona Rosinha e ao seu Antônio.

Sumário

Eu quero!, por Paulo Vinicius Coelho (PVC)
Apresentação
1. Hexabilidade
2. Familiabilidade
3. Religiosabilidade
4. Dinheirabilidade
5. Merecibilidade
6. Respeitabilidade
7. Lealdabilidade
8. Disciplinabilidade
9. Estudabilidade
10. Treinabilidade
11. Magoabilidade
12. Equilibrabilidade
13. Previsibilidade
Ficha técnica
Agradecimentos
A autora
Notas

EU QUERO!

Tite estava do outro lado do mundo, no Al Wahda, dos Emirados Árabes. Sem mistério, atendeu ao telefone e confirmou que havia recebido uma ligação do presidente do Corinthians, Andrés Sanchez. Tinha um convite para voltar ao Parque São Jorge, cinco anos depois de ter sido demitido por Kia Joorabchian, depois de uma derrota para o São Paulo. Só que existia um contrato e seria difícil conseguir a liberação do clube árabe.

"Eu quero!", lembro da frase dita em meu ouvido e de maneira tão convicta, que até hoje parece ter vindo acompanhada do advérbio: Tite queria... muito. Foi por ter dito isso com todas as letras para os dirigentes do Al Wahda que conseguiu a liberação. Todo esse seu desejo se vê no trabalho a partir de seu retorno ao Brasil. Andrés Sanchez também queria, ou não o teria mantido no cargo depois da derrota para o Tolima. Cercado de dirigentes em sua sala, no Tatuapé, Andrés ouviu um a um os conselheiros defenderem a demissão. Apenas um levantou-se contrariamente: "Chefe, se você demitir o Tite e não mudar o que está acontecendo aqui, em dois meses vai dispensar o próximo treinador". Tite foi mantido no cargo e foram dispensados Ronaldo, Roberto Carlos e Jucilei.

Até chegar a ser considerado o melhor técnico do Brasil, Tite passou apuros. Não emplacou no Atlético, sofreu no São Caetano e foi demitido do Palmeiras apesar de ter somado a pontuação que salvou o time do rebaixamento em 2006.

– Vocês pensam que ele é fácil, mas não é. Quando perde, entra no vestiário chutando as coisas – disse o conselheiro Fernando Pizo, depois da briga entre Tite e Salvador Hugo Palaia que causou sua saída.

Sucesso para Tite vem acompanhado de tempo. Seus trabalhos incontestáveis foram nos clubes onde teve mais de um ano de confiança. No Grêmio, foi campeão da Copa do Brasil, do Gauchão e semifinalista da Libertadores.

No início de 2001, quatro meses antes de ganhar a Copa do Brasil e de Tite ser descoberto como técnico fora do Rio Grande do Sul, Paulo César Carpegiani disse em rede nacional o que mais tarde todos saberiam:

– Neste momento o melhor time do Brasil é o Grêmio. – Em junho, o Grêmio aniquilou o Corinthians de Vanderlei Luxemburgo, recém-saído da Seleção Brasileira.

No Inter, seu segundo grande sucesso, Tite ganhou o Gauchão, a Copa Sul-Americana, foi vice da Copa do Brasil e montou o time vice-campeão brasileiro. No Corinthians, ganhou o Paulista, o Brasileiro, a Libertadores, a Recopa e o Mundial.

Isso tudo é o que se sabe sobre Tite. O que você nunca soube, Camila Mattoso vai contar a partir da próxima página – e você descobrirá que, assim como Tite, ela é capaz de transformar o que toca em ouro.

Paulo Vinicius Coelho (PVC)

APRESENTAÇÃO

Escrever sobre um técnico do tamanho do Tite, que estava perto de ser hexacampeão com um time como o Corinthians, não era uma responsabilidade pequena. Eu o conhecia, mas não tão bem quanto meus colegas setoristas que seguem todos os passos do time alvinegro. Um perfil não precisaria obrigatoriamente da interação dele, mas se a tivesse, seria ainda mais legal.

Arrumei com um grande amigo o telefone do professor Tite e escrevi pelo WhatsApp mesmo. Foi no dia 6 de novembro de 2015, por volta das 13 horas. Nem cinco minutos depois apareceu aquele desesperador tique azulzinho do aplicativo. Nenhuma resposta, porém. Fiquei um pouco tensa no restante da tarde. Não ia mudar muita coisa a resposta dele. Meu recado era, na verdade, um comunicado simples de que eu estava escrevendo um livro sobre ele. Um aviso de que a partir daquele momento as pessoas próximas dele estariam recebendo minhas ligações alucinadas.

Por acaso, naquele mesmo dia tive de ir ao Centro de Treinamento Joaquim Grava entrevistar o Vagner Love para a *Folha*, para a cobertura da reta final do Campeonato Brasileiro de 2015. Era dia também de entrevistar o treinador, pois na última coletiva antes do jogo é sempre ele quem fala. O Corinthians havia ganhado de 2 X 1 do Coritiba, na Arena Corinthians, no sábado anterior, e isso poderia ter representado a conquista do título não fosse o Atlético Mineiro ganhar do Figueirense no domingo, no finalzinho do confronto, em Florianópolis.

Eu cheguei atrasada por causa da sessão com Love, mas deu tempo de pegar o final da coletiva. Sem querer mesmo, entre uma pergunta e outra da imprensa, Tite deixou o dedo do meio à mostra. Mas com pelo menos três televisões lá, acompanhando, era impossível passar despercebido. Quando ele notou, ficou sem graça, fez todo mundo cair na risada. Olhou pra mim na mesma hora e disse: “Isso não vai entrar no livro, né?”.

E não é que acabou entrando? Quando a coletiva terminou, passou e agradeceu:

– Obrigado, Camila, obrigado de verdade – essa mania que ele tem de chamar todo mundo pelo nome (os que ele conhece muito e os que ele não conhece nada) e ser extremamente educado com qualquer um que seja.

No início da noite respondeu o WhatsApp, dizendo que me ajudaria contando algumas histórias. A partir dali, a estratégia estava traçada. Decidi que queria ouvir todo mundo que fosse possível e, ao fim, quase como que para ver o "outro lado", entrevistaria Tite para confirmar e conferir as versões das histórias.

E como o WhatsApp ajuda, não é? Comecei a mandar mensagens uma atrás da outra: "Oi, fulano, tudo bem? Deixa eu te contar uma coisa: estou escrevendo um perfil do Tite. Você conviveu bastante com ele. Você se importa em me atender?". E logo vinham as respostas: "Sobre o Tite? Claro que ajudo. Faço questão de falar sobre ele". Seria um exagero dizer que todos responderam assim, apenas uma única pessoa me respondeu: "Sobre ele, eu não falo. E gostaria de ficar fora do livro". Se escondesse este nome, estaria cometendo um erro grosseiro com você, leitor, que quer saber tudo sobre Tite. Foi o Guilherme Prado, ex-assessor de imprensa do Corinthians, que deixou o time em 2015, quando Roberto de Andrade foi eleito. Saiu odiando e sendo odiado por Andrés Sanchez e com a honra de não ter abandonado Mario Gobbi – a história que envolve todo esse processo você encontra neste livro e, com ela, poderá chegar à sua própria conclusão.

Foram ouvidas exatas 84 pessoas para tentar contar as melhores histórias do técnico campeão da Libertadores com o Corinthians. Foram várias entrevistas feitas por diversos meios – Skype, áudio de WhatsApp, e-mail e até pessoalmente. Dos entrevistados, não há como não citar a carinhosa e inesquecível dona Ivone, mãe de Tite, e Miro, o irmão mais novo. Eles me receberam de forma muito gentil e simpática em Caxias do Sul e foi uma tarde inteira de conversa, entre um almoço e um café, servidos com uma ternura indescritível por dona Ivone. Quantas histórias eles contaram, enquanto eu aproveitava uma sopa deliciosa e, depois, um frango ao molho, especialidade da casa! Além deles, não foram poucos os que choraram ao falar de Tite – aliás, ao menos quatro, que reservo o direito de não serem identificados.

Assim que o título do hexa foi conquistado, Tite deu sinal verde para a entrevista acontecer. Luciano Signorini, assessor de imprensa dele, escreveu para mim: "Entrevistas de meia em meia hora com o professor no CT do

Corinthians”. Eram muitos os pedidos.

Primeiro fiz uma entrevista para a *Folha* e deixei marcada uma segunda, esta para o livro. Combinamos para o dia 5 de dezembro, véspera do último jogo do Brasileiro, em treino feito especialmente para arrecadar água, logo após o desastre em Mariana, Minas Gerais. Cheguei por volta das 11 horas e ele logo começou a me atender, mas já na primeira pergunta percebeu que não ia dar certo. Tite havia acabado de fazer uma cirurgia de varizes e precisava passar de novo no médico:

– Vai ficar muito atropelado. Vamos remarcar com mais tempo.

Remarcamos para a terça-feira seguinte. Ainda na loucura da sua agenda, cheguei quando ele terminava uma entrevista para o SBT, em seu prédio, no Tatuapé. Ele me recebeu na churrasqueira do térreo e logo subimos para o apartamento. Sua esposa, Rose, também estava lá, ambos acompanhados de Márcio, o jornalista que trabalha com Luciano Signorini.

Ainda com cuidados na perna por causa da cirurgia, o treinador se sentou no sofá da sala, pronto para a entrevista. Assim começamos. Duas horas de perguntas e respostas. Não fugiu nem se esquivou dos questionamentos. Ficou surpreso com algumas perguntas, especialmente as que envolviam seu pai. A conversa, contudo, não foi interrompida em nenhum segundo. Não me pediu segredo, não fez nenhuma vez aquilo que chamamos de “off”. Foi tudo em “on”.

Ao fim, deixou de novo um recado que já havia me dito de forma direta:

– Camila, não pense duas vezes em me procurar para tirar qualquer dúvida que seja, sobre qualquer assunto. Estou totalmente aberto para isso.

Não foi uma nem duas vezes que isso aconteceu. Perdi as contas da quantidade de mensagens que mandei para ele e para o irmão Miro (que tanto me ajudou!), perguntando diversas coisas. Mas percebi que ainda não tinha sido suficiente.

– Tite, acho que preciso de uma nova entrevista contigo. Pode me atender por telefone? – ele já estava curtindo as férias na sua praia preferida do Rio Grande do Sul, em Torres.

– Sim. Vamos fazer.

Talvez tenha sido essa segunda conversa a melhor de todas. Mesmo que por telefone, com a distância que existe nisso, em todos os sentidos, Tite estava mais aberto, mais à vontade. Foi quando confirmou para mim uma revelação que eu

havia conseguido: de que fora chamado bastante recentemente por um dito intermediário da CBF, para uma conversa sobre a Seleção Brasileira – você precisa ler este livro!

Num certo momento, falou algo que me marcou:

– Camila, eu sei que muitas pessoas ali dentro do Corinthians têm restrição com você pelo tipo de jornalismo que você faz. Mas não me importo com isso. Fica tranquila – fazia referência às matérias tachadas "ruins" para o Corinthians, que eu e tantos outros colegas fazemos quando temos as informações. Talvez por esses motivos, ou por outros quaisquer, Roberto de Andrade e Edu Gaspar não estejam entre as 84 pessoas ouvidas para este livro.

Parecia que estava tudo certo. Todas as entrevistas tinham sido feitas, era só escrever. Que parte difícil essa! Decidi tentar uma consulta com quem melhor poderia falar sobre isso. Liguei para o Ruy Castro, na maior cara de pau que eu poderia ter, em seu telefone fixo – ele não tem celular. Agradeço infinitamente a atenção que me foi dada, diante de tão estranho telefonema.

– Ruy, muito prazer. Desculpa te ligar assim, nessa situação. Sou repórter e estou escrevendo um livro sobre o Tite. Estou em dúvida se divido o livro em ordem cronológica ou se divido por traços da personalidade dele – eu disse quase como perguntando se fazia sol ou se ia chover, sem dar nenhuma outra informação mais.

Não vou dizer toda a resposta dele, mas o principal dos cinco minutos de conversa foi a constatação que ele fizera sobre a dificuldade de escrever uma biografia, ou um perfil que fosse, que é o que este livro se propõe, de uma personalidade ainda em vida. Afinal, quem se disporia a contar as coisas ruins, os defeitos, os problemas?

Não precisaria confirmar isso, mas, claro, Ruy Castro estava certo. Ainda assim, me declaro satisfeita em poder dar uma pequena ideia de quem é Adenor Leonardo Bachi, revelando um pouco de diferentes lados da sua trajetória até aqui, do nascimento em uma colônia no Rio Grande do Sul até a conquista do hexacampeonato.

Em uma das vezes que pedi ajuda a Tite, falei que queria mais detalhes sobre o ano sabático, e ele respondeu: "Por que não liga direto para o Ancelotti?", ex-técnico do Real Madrid, com quem ele esteve durante o tempo que ficou estudando. Eu quase respondi: "Porque seria impossível falar com o último

campeão do time madrilenho”. Segundos depois, o telefone do italiano estava no meu celular. Ele topou falar e esta conversa está aqui também neste livro, que você pode começar a ler agora mesmo.

HEXABILIDADE

– No ônibus eu ficava me lembrando de um jogo que a gente fez na Libertadores, molhado, difícil, que nós empatamos em 0 X 0 para depois ganhar com um gol de Paulinho aqui [em São Paulo] por 1 X 0. O tamanho da dificuldade daquele jogo foi proporcional à emoção da partida.

O Corinthians estava 11 pontos à frente do Atlético Mineiro no Campeonato Brasileiro. Ninguém era louco de considerar a chance desprezível de o time de Tite não ser campeão. Mas a ansiedade incomodava. No caminho entre o hotel Windsor Atlântica, em Copacabana, e São Januário, saindo da avenida Atlântica, passando pela praia de Botafogo, pelo túnel Santa Bárbara, chegando na avenida Presidente Vargas até cair na rua General Almério de Moura, a do estádio, Tite via da janela do ônibus centenas de vascaínos que ainda sonhavam com o milagre da salvação para não serem rebaixados.

Sentado na poltrona logo atrás do motorista, ao lado da janela, na frente do seu braço direito, Cleber Xavier, o treinador começava a ser tomado pela tensão. O calor de mais de 32 graus do Rio de Janeiro e a sensação térmica, que não era menor, da pré-decisão não passavam nem com o ar-condicionado do ônibus.

As lembranças de momentos difíceis e marcantes vividos contra o Vasco se confundiam na sua cabeça. Vieram à sua mente os duelos pelas quartas de final da Libertadores, três anos e quatro meses antes: um empate em São Januário e uma vitória sofrida no Pacaembu, com gol de cabeça de Paulinho aos 42 minutos do segundo tempo, que ele viu da arquibancada ao lado do gerente de futebol Edu Gaspar e de milhares de torcedores – algo inimaginável para quem conheceu a torcida corintiana ensandecida e raivosa em eliminações anteriores no torneio. Esses jogos levaram o Corinthians à semifinal do campeonato sul-americano e ficariam marcados na campanha invicta e histórica do time, que seria campeão pela primeira vez na competição.

A poucos quilômetros de encarar mais uma vez o inferno de São Januário, Tite passeava pelo passado como se estivesse imerso em um experimento científico.

– Fiquei me lembrando de um 2 X 2 que fizemos lá, um jogo do Campeonato Brasileiro, em que o Dedé fez um gol de cabeça. Fiquei pensando o quanto era difícil jogar lá. E fiquei imaginando que novamente São Januário poderia ser o palco da decisão, do título nacional.

O problema é que se o Corinthians não vencesse o Vasco, São Januário só seria palco do título nacional caso o Atlético Mineiro não ganhasse do São Paulo no Morumbi, duelo que acontecia simultaneamente. Essa matemática incomodava tanto quanto as más lembranças.

– Eu combinei com a comissão técnica de não acompanhar nenhum resultado de outros confrontos durante o nosso jogo. Eu não queria saber do Atlético Mineiro, que jogava contra o São Paulo. A gente combinou: “Vamos para o jogo e eu não quero saber nada de nenhum outro jogo”.

Ainda dentro do ônibus, no caminho para o hexa, lá foi Tite de novo dar um pulo de volta para décadas passadas e lembrou-se de quando era jogador em uma partida contra o Vasco.

– Depois de um ano de recuperação de uma lesão no joelho, eu voltei a jogar bem e o Guarani venceu o Vasco por 1 X 0, com um gol meu. Fiquei imaginando o quanto São Januário tinha sido importante para mim como atleta e como agora poderia nos dar o título também. É um misto de emoção de todas essas situações que eu vivenciei em São Januário.

Ao mesmo tempo em que divagava, Tite insistia:

– Tu tens que manter a concentração!

Enquanto tentava manter a calma, os dez ônibus que saíram de São Paulo rumo ao Rio de Janeiro por volta das oito da manhã naquela quinta-feira, dia 19 de novembro, começavam a chegar. Foram com a expectativa de que seria a noite do “enfim”, afinal faltavam apenas quatro rodadas para o fim do Brasileiro de 2015, mas já havia pelo menos 11 dias que o Corinthians poderia ter sido sagrado campeão.

O árbitro Anderson Daronco autorizou, e a bola começou a rolar.

No primeiro tempo, o Vasco ficou mais tempo trocando passes, mas os dois times atacaram praticamente com as mesmas chances reais, duas para cada lado. Enquanto em São Januário havia somente “quase”, no Morumbi a rede não parava de balançar. Mas Tite não queria saber do placar.

Foram para o intervalo, ainda em 0 X 0. Logo que subiram de volta ao campo,

assim que o segundo tempo começou, o professor não aguentou de ansiedade e chamou Fabio Carille, também seu auxiliar, para saber de informações do rival.

– Vamos nos concentrar no jogo, deixa o jogo deles lá – respondeu Carille.

Aquela ansiedade tomou conta por completo aos 26 minutos depois da volta do intervalo. Julio Cesar tabelou com Nenê, invadiu a área e fez o primeiro gol no Rio de Janeiro. Frustração completa para o time paulista, euforia total em São Januário.

Seis minutos depois, Carille não se aguentou e decidiu romper o combinado. Levantou-se do banco e foi para pertinho de Tite.

– São Paulo fez um gol agora e está na frente – cochichou.

Um alívio no ouvido do treinador. Mas o nó na garganta ainda ia sair de vez. Aos 36 minutos, Edilson carregou pela direita, cruzou na área e Lucca cabeceou com um passe para Vagner Love tocar para dentro, também de cabeça. A confirmação do sexto título do Corinthians veio do jogador mais criticado durante toda a temporada, de quem tirou forças do choro de sua mulher para voltar a jogar bem. Um final feliz.

– Vou cumprir minha promessa: mergulhar na caipira e ficar mamado.

Foi a frase do alívio de Tite, do desabafo após um ano cheio de altos e baixos, de certezas e dúvidas, de frustrações e conquistas, de derrotas marcantes e muitas vitórias, de apostas e confirmações. De felicidade. Uma felicidade que não cabia em São Januário nem no Maracanã que fosse.

Os passos para o hexa

Noite de recorde de público em Itaquera, quase 40 mil pessoas lamentavam juntas a chance perdida e fazendo ecoar, ao mesmo tempo, o inconfundível som de quase gol. Cinco minutos do primeiro tempo: Fábio Santos arranca pela lateral esquerda, cruza nos pés de Jadson, que dá um chute forte que para no goleiro.

Aos nove minutos, Paolo Guerrero recebe pela direita, carrega até perto da entrada da área, faz outro bom cruzamento, Malcom pega de primeira com a esquerda, não consegue mandar para o gol, mas a bola passa rente à segunda trave, onde estava Elias, que por milímetros não conseguiu empurrar para dentro. Mas ainda restava esperança – só dava Corinthians.

Com a vantagem de ter marcado 2 X 0 no jogo de ida das oitavas de final no estádio Defensores del Chaco, em casa, o clube paraguaio Guaraní cravou as pernas dos 11 jogadores na defesa e de lá não saía nem por milagre. Nos primeiros 45 minutos do confronto da volta, já na casa do alvinegro, os paraguaios não conseguiram chance nem para contra-atacar, era ataque contra defesa e nada mais. Queria o destino que a bola não entrasse de jeito nenhum.

No segundo tempo, Fábio Santos e Jadson foram expulsos. Entre outras oportunidades desperdiçadas, Fernández acabou de vez com o sonho que, aos 46 minutos, já mal existia: 1 X 0 para os visitantes, 3 X 0 na soma.

O canto forte que vinha das arquibancadas, “Esta noite teremos que ganhar”, trilha sonora que embalou a noite inesquecível de 4 de julho de 2012 contra o argentino Boca Juniors, no Pacaembu, não surtiu efeito desta vez. Fim da linha na Libertadores 2015.

O relógio já marcava mais de uma hora da manhã, Tite ainda estava sentado em sua sala reservada na arena, sozinho, e foi flagrado com lágrimas nos olhos pelos poucos que o viram naquele momento. Foi uma noite dolorida. Quanta coisa passava pela cabeça do gaúcho. Um ano afastado do futebol, ele escolhera voltar para o clube em que havia conquistado tudo o que podia e se via naquela situação.

Tentava entender o que havia feito de errado. Seu time tinha começado a temporada fazendo exibições irretocáveis, comparado a equipes históricas do

futebol brasileiro. Classificou-se em primeiro lugar e com antecedência em um grupo que contava ainda com o rival São Paulo, o San Lorenzo, da Argentina, então campeão da Libertadores, e o Danúbio, do Uruguai.

Por que então sofrera, naquele 13 de maio, sua segunda eliminação seguida?, perguntava-se o comandante. Nem trinta dias antes, seu time havia perdido por pênaltis para o Palmeiras na semifinal do Campeonato Paulista, realizada na Arena Itaquera.

Não havia resposta exata. Não era uma conta matemática que explicaria por A + B o motivo da desclassificação. O futebol é assim mesmo. Apronta dessas, sem distinção de cor da camisa, credo, número de torcedores ou classe social.

Além da desclassificação em campo, a derrota para o Guaraní ainda causou uma séria crise administrativa no Corinthians.

O diretor de futebol do clube na época do confronto, Sérgio Janikian, comemorou a definição do adversário nas oitavas de final da Libertadores e deu a seguinte declaração à Fox Sports, acompanhada por um sorriso no rosto:

– A gente teve a felicidade de ter o Guaraní [do Paraguai] como adversário. Não vamos negar. A gente foi presenteado por Deus, vamos dizer assim, de começar estas oitavas com um jogo que não é tão complicado. Não é nenhum time brasileiro. Não é nenhum grande expoente da Argentina.

Sérgio Janikian tentou negar essas declarações, mas não teve jeito; ele deixou a diretoria de futebol nove dias após a desclassificação do Corinthians no torneio sul-americano.

A partir da queda para o Guaraní paraguaio, o time do Parque São Jorge viveu três momentos que marcaram a corrida pelo hexacampeonato, determinantes para a conquista do título.

Vai bater campeão

Alguns dias depois, no saguão de entrada da porta principal do Centro de Treinamento (CT) do Corinthians, que dá acesso à academia e ao refeitório, estavam todos reunidos: jogadores, comissão técnica, diretoria, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, roupeiros, pessoal da limpeza, do refeitório, da segurança. Já era terça-feira, um pouco antes de o treino começar. Esse encontro Tite costuma fazer para falar sobre o último jogo realizado e, pelo menos a cada 15 dias, conta com a presença de todos os que trabalham pelo time.

Assim que encerrou a parte da análise técnica, o treinador iniciou um discurso:

– Eu entendo que todo mundo aqui possa estar de luto. Tem de ficar assim mesmo. Mas não pode entrar desconfiança aqui dentro. Não pode entrar questionamento sobre o trabalho que estamos fazendo. Tem que confiar que estamos no caminho certo. E eu vou dizer uma coisa, eu não tenho nenhuma dúvida disso: a gente vai bater campeão lá na frente, a gente vai. Nós estamos trabalhando muito e estamos fazendo por merecer. Vai ser inevitável, a gente vai bater campeão.

Este seria um exercício de motivação, quiçá de fé, mas foi mesmo de presságio, premonição, intuição, pressentimento. A frase, não esquecida, foi lembrada por quase todos os atletas, especialmente na reta final do Campeonato Brasileiro, quando o hexa já batia à porta e invadia o Parque São Jorge.

– Não era só motivação. Era verdade. O trabalho que a gente estava fazendo estava dando certo. Não havia motivo para desconfiança. Se a gente continuasse daquele jeito, era inevitável que fossemos campeões no fim do ano. Mas, sinceramente, eu não esperava que seria no Brasileiro. Eu achava que poderia vir uma Copa do Brasil. O Brasileiro foi uma surpresa para mim – lembrou Tite em nossa conversa.

É hora de mudar o tom

A eliminação no Paulista, e especialmente na Libertadores, deixou uma lacuna a ser preenchida: o que estava sendo feito de errado? A busca por essa resposta foi o ponto-chave da conquista no fim do ano. Era verdade que o trabalho feito até aquele momento era irrepreensível, mas algo não funcionava bem.

Os jogadores estavam convivendo com direitos de imagem atrasados. Vale destacar que o direito de imagem, como o próprio nome indica, é um mecanismo legal e é o contrato que permite a exploração da imagem do jogador por parte do clube. Também é usado como uma engenharia financeira para recolher menos impostos trabalhistas para todas as partes envolvidas. O acordo é assinado entre o time e a empresa que representa o atleta, que às vezes pertence ao próprio jogador ou a pessoas de confiança, da família ou empresários.

O Corinthians argumentava que a situação financeira estava complicada e dizia estar fazendo de tudo para regularizar os pagamentos – Ralf, Elias, Renato Augusto, Emerson Sheik, Danilo e Guerrero eram os afetados pela crise no Parque São Jorge. Preocupada, horas antes daquele jogo contra o Guaraní paraguaio, a diretoria avisou aos atletas que havia conseguido dinheiro para acertar ao menos parte da dívida existente – o que não mudou o resultado na Arena Itaquera.

Também não era só esse o problema. Se fosse, como argumentavam os jogadores, não teria tido o começo arrebatador, pois já havia dívidas inclusive de premiações dos anos de 2012 e 2013.

– Atraso de pagamento muitas vezes atinge de fato o grupo. A gente viu isso ao longo da carreira, nos clubes que passamos. Não era esse o problema nesse Corinthians. Não era mesmo – afirmou Cleber Xavier, auxiliar técnico e parceiro de Tite desde o tempo do Grêmio, em 2001.

A partir dessa constatação, descartando os atrasos como mote do problema que atingia o elenco, a comissão técnica se dedicou a tentar identificar qual era afinal a pedra no sapato. Foram reflexões pessoais, debates em reuniões, até que chegaram a uma conclusão.

O time que tinham nas mãos não era o mesmo de 2012. Apesar dos muitos

remanescentes, como Danilo, Sheik, Cássio, Fábio Santos e Ralf, era um novo grupo, com características diferentes daquele que foi campeão da Libertadores, do Paulista de 2013, da Recopa no mesmo ano e bicampeão do Mundial de Clubes da Fifa.

O diagnóstico estava pronto: o elenco de 2015 não respondia às preleções que estavam sendo feitas pelo treinador. O formato daquela reunião, horas antes do jogo, mantendo o estilo de três anos antes, não surtia o mesmo efeito com os jogadores do novo grupo. O tom de voz mais alto, as provocações, as palavras escolhidas, nada disso funcionava.

– A gente chegou à conclusão de que não estava funcionando. Em 2012, eu era contundente, desafiador, incentivador. Eu levava desconforto e conflito para as palestras de antes do jogo. Todos respondiam. Ralf, Leandro Castán, Chicão, Alessandro, Sheik. Funcionava. Em 2015, a gente percebeu, depois da Libertadores, que não estava dando certo. Eles eram mais sedentos de informação, de orientação, de forma linear – comentou Tite.

Acertaram em cheio. A mudança deu certo logo de cara, com bons resultados, e assim o retorno dos jogadores confirmava o diagnóstico.

A reunião com a diretoria

Havia, porém, algo não bem-resolvido, que trazia um clima de insegurança para o grupo. Se a comissão técnica já tinha acertado uma parte do que não andava bem no time, havia outro problema que ela não poderia resolver sozinha.

Assim que a Libertadores acabou para o Corinthians, aos poucos o time foi se desmantelando com a perda de três jogadores importantíssimos no elenco: Fábio Santos (foi para o Cruz Azul, do México), Paolo Guerrero e Emerson Sheik (ambos para o Flamengo). O trio dava adeus e deixava um ponto de interrogação sobre como seria o futuro no Parque São Jorge.

Vendo os sinais de possível desmanche, outros atletas começaram a se mexer. Renato Augusto e Elias chegaram a pensar em sair ao serem especulados pelo Flamengo. Tite percebeu o que estava acontecendo. Procurado por um grupo de jogadores, teve de tomar uma atitude:

– Os atletas me procuraram. Ficou uma insegurança muito grande. Eles queriam saber o que seria na sequência. Eu me lembro do Renato Augusto, do Cássio, do Ralf, do Gil. Eu não sabia como ia ser e também estava inseguro. Fui para minha casa nesse dia, cheguei chateado e conversei com a Rose, minha esposa. Ela me aconselhou que era hora de conversar com a diretoria – contou Tite.

No dia seguinte, o técnico chegou ao CT Joaquim Grava e foi direto para uma reunião. Estavam presentes o presidente, Roberto de Andrade; Edu Gaspar, gerente de futebol; Alessandro, coordenador técnico; e Eduardo Ferreira, diretor adjunto de futebol.

– A conversa começou e o presidente logo falou que não sairia mais ninguém. Que o grupo seria aquele até o fim do ano e que a gente já podia voltar ao trabalho. E falou também que o esforço continuaria para pagar os atrasados. E eu disse que para mim aquela explicação estava ótima, mas que isso deveria ser falado para os jogadores por alguém da direção. Era o papel deles.

O pedido foi atendido. Ralf, Gil, Cássio, Renato Augusto, Edu Dracena e Elias foram chamados a uma das salas de reunião do CT, com a presença de todos aqueles dirigentes citados. Roberto de Andrade falou do planejamento que estava feito para o restante do ano, prometeu até contratações pontuais e

tranquilizou o clima de instabilidade que havia sido criado.

Logo depois, antes de o treino começar, Tite achou que seria importante um encontro com todo o elenco para que a mensagem do presidente fosse passada para os demais jogadores, que também poderiam estar inseguros.

– O presidente deu a palavra. Daqui não sai mais ninguém. Vamos brigar com esse time até o final.

Pode comemorar

Dez ônibus saíram de São Paulo rumo ao Rio de Janeiro, quinta-feira, 19 de novembro, por volta das oito da manhã. Aquela noite seria de decisão em São Januário, como é mais conhecido o estádio do Vasco da Gama. Era a noite do "enfim". Faltavam apenas três rodadas para o fim do Brasileiro de 2015.

Na verdade, o Corinthians poderia ter se sagrado hexacampeão 11 dias antes. Na 34a rodada, depois de vencer o Coritiba de virada, ficou apenas à espera do jogo do Atlético Mineiro para poder soltar o grito. Seria do tipo sem graça, do sofá de casa, cada um em seu lugar. Mas Carlos Alberto, do Figueirense, ex-jogador da equipe paulista no período de 2005 a 2007, não colaborou. Perdeu um monte de gols e Dátolo, no finalzinho, aos 45 minutos do segundo tempo, fez o seu e manteve a chance mineira pelo título.

O clima em São Januário não poderia ser melhor. A torcida chegou em festa, sem briga na estrada. Em contrapartida, o Vasco do técnico Jorginho lutava desesperadamente contra o rebaixamento, e queria muito estragar a festa corintiana.

Quase conseguiu. Julio Cesar tabelou com Nenê, invadiu a área e fez o primeiro gol no estádio do Rio de Janeiro. Frustração completa. Em São Paulo, no Morumbi, o Atlético Mineiro jogava contra o São Paulo e, se perdesse, era também o fim do campeonato. Mas Tite não queria ser campeão assim.

Mesmo com a derrota para o Vasco, o Corinthians sagrava-se campeão, já que no fim o São Paulo venceu o Atlético Mineiro por 4 X 2. Aliás, a partida na capital paulista ainda criou uma situação curiosa no banco de reservas do clube carioca.

Quando o jogo em São Paulo ainda estava 2 X 2, resultado que mesmo assim garantia o título ao alvinegro paulista, membros da comissão técnica do Vasco, como o técnico Jorginho e seu auxiliar Zinho, ambos ex-jogadores, tentaram sensibilizar os atletas corintianos pedindo que aliviassem a partida em campo, já que o clube deles precisava dos três pontos da vitória.

Até mesmo o locutor do jogo em São Januário passou a informar apenas os gols são-paulinos, ignorando os demais jogos da rodada, na tentativa de se fazer ouvido pelos jogadores dentro de campo.

Pouco adiantou, pois o Corinthians de Tite não queria ser campeão com uma derrota. Aos 36 minutos, Vagner Love marcou o gol do empate. Era a explosão corintiana.

– Renato, Renato, vou cumprir minha promessa hoje. Vou mergulhar na minha caipira e vou ficar mamado – desabafou Tite, em frente às câmeras de televisão, assim que viu Renato Augusto passar a caminho do vestiário.

FAMILIABILIDADE

Mãe Alessandro, pai Júlio César

Tite, Adenor Leonardo Bachi, nasceu em uma quinta-feira, dia 25 de maio de 1961, na pequena colônia italiana São Braz, zona rural próxima de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Antes dele, dona Ivone Mazochi e seu Genor Bachi, chamado de Agenor, que faleceu em 2009, tiveram Beatriz e, quatro anos depois, o mais novo, Ademir, de apelido Miro. Cinquenta anos mais tarde, Tite ganhou vida de novo em um domingo, dia 6 de fevereiro de 2011, no estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, às 18:35 horas.

O lateral direito Alessandro foi o responsável pelo parto daquele fim de semana em um jogo contra o Palmeiras, pelo Campeonato Paulista, decisivo para a carreira do treinador. Se o ex-lateral foi a mãe, vamos dizer assim, Júlio César, então goleiro titular, foi o pai: fechou o gol com pelo menos oito defesas incríveis e garantiu a vitória por 1 X 0.

– Júlio e Alessandro me salvaram – costuma brincar Tite. Júlio César foi emprestado para o Náutico em 2014 e Alessandro, ao deixar a carreira de jogador, se tornou coordenador técnico do Parque São Jorge em janeiro do mesmo ano.

Quatro dias antes daquela tarde, no dia 2 de fevereiro, o Corinthians, já comandado pelo técnico gaúcho, protagonizou um dos maiores vexames da sua história. Com Ronaldo Fenômeno ainda no elenco, fora eliminado pelo colombiano Deportes Tolima no estádio Manuel Murillo Toro, em Ibagué, capital musical da Colômbia, e não conseguiu se classificar para a fase de grupos da Libertadores.

A partida de ida, realizada em 26 de janeiro no Pacaembu, acabou com empate por 0 X 0 e a decisão ficou para a partida de volta, no país do adversário. Apesar de o Corinthians pressionar os noventa minutos, o nervosismo e, principalmente, a falta de ritmo, pois o time tinha voltado das férias 23 dias antes da partida, predominaram no jogo.

Mesmo assim, quem apostaria em fracasso do Corinthians? A partida

terminou em 2 X 0, com gols de duas figuras que ficaram guardadas para sempre na memória da Fiel, Danny Santoya e Wilder Medina. Houve festa com todos os tipos de som para os quase 470 mil habitantes daquela cidade, distante duzentos quilômetros da capital Bogotá.

Não era só mais um, era o principal fracasso do clube na incansável e obsessiva luta pela conquista do primeiro título do torneio sul-americano. As piadas se multiplicaram. Sem Libertadores, o primeiro brasileiro a ser eliminado antes mesmo da competição começar de fato, e perder para o Tolima. Para o Tolima! Definitivamente, esse era um fracasso histórico.

Por volta da uma da tarde da quinta-feira, o dia seguinte àquela humilhação, o avião dos corintianos pousou de volta no Brasil, no aeroporto de Viracopos, em Campinas. Desceram na pista e nem passaram pelo saguão, como estratégia para fugir dos torcedores. Em vez de irem ao CT, foram para o hotel Radisson, em Alphaville, oitenta quilômetros distante do local onde aterrissaram, despistando de todas as formas centenas de indignados com o resultado da quarta-feira. Chegaram ao hotel às 14 horas, e ali ao menos sete táxis já aguardavam para fazer os traslados necessários de atletas, comissão técnica e dirigentes.

Tite havia chegado ao clube quatro meses antes, em outubro de 2010, vindo de curtíssima temporada nos Emirados Árabes, com a tarefa de reerguer a equipe da crise deixada por Adilson Batista a oito rodadas do fim do Brasileiro. Chegou a brigar pelo título e terminou em terceiro lugar na tabela, a mesma colocação deixada pelo ex-técnico, o que o credenciou para disputar a pré-Libertadores. Diante do resultado vergonhoso contra o time colombiano, o técnico se viu por um fio.

– Você fica, professor. Estamos juntos ou não estamos? – disse Andrés Sanchez, então presidente do Corinthians, ao entrar na sala do comandante no CT Joaquim Grava naquela sexta-feira, apertando sua mão e dando-lhe um abraço.

Contudo, o professor não era mais um novato. Conhecia o futebol. Ele já não era aquele treinador de times pequenos do interior do Rio Grande do Sul. Estava na sua segunda passagem pelo Parque São Jorge, tinha treinado São Caetano, Grêmio, Atlético Mineiro, Palmeiras e Internacional, além de ter morado duas vezes nos Emirados Árabes, comandando o Al Ain e o Al Wahda. Sabia que o discurso do dirigente não era uma verdade na qual poderia acreditar cegamente,

ainda que Andrés Sanchez jure até hoje que jamais o dispensaria.

O treinador dependia de resultados, e uma derrota para o maior rival da capital naquele comecinho de noite de 6 de fevereiro poderia, sim, significar a sua demissão. Para Tite, estava mais do que clara a situação ao encontrar o presidente do clube naquela sexta-feira.

Nos muros do CT já se via o ânimo da torcida: pichações contra Tite, Roberto Carlos, Ronaldo e o então presidente Andrés Sanchez. No estacionamento, mais um sinal da revolta: na noite da derrota para o Tolima, dez torcedores encapuzados invadiram o local e apedrejaram carros de jogadores, de dirigentes e de membros da comissão técnica. Não bastasse isso, por volta das quatro da tarde daquela sexta-feira, cerca de cinquenta integrantes de torcidas organizadas apareceram para mais um protesto durante o treino para a partida contra o Palmeiras.

“Ronaldo: a maior barriga, o maior salário, o menor futebol”, estampava um dos cartazes levados ao CT, localizado na rodovia Ayrton Senna. Era pressão total.

Para o confronto com a equipe de Luiz Felipe Scolari ainda havia mais inconvenientes. Ronaldo, Roberto Carlos e Dentinho estavam fora por problemas físicos. Com mando do Palmeiras e público de 23.714 pagantes, as arquibancadas do Pacaembu estavam coloridas de alviverde, com uma exceção: o amarelo, o azul e o vermelho, as cores da bandeira colombiana, em uma faixa que subia do setor amarelo do Paulo Machado de Carvalho, provocação aos alvinegros com a legenda gozadora: “Ha Ha Ha”.

Bola rolando, não perca a conta de todos os que tentaram balançar a rede naquela tarde em que Júlio César postulou sua canonização, no lugar de Marcos, goleiro palmeirense: o atacante Kléber Gladiador, o recordista, foi parado seis vezes, Marcos Assunção, uma vez, assim como Mauricio Ramos, Tinga e Max Santos, que ainda encontrou a trave pela frente.

Em uma das raras chances do Corinthians, aos 37 minutos do segundo tempo, Alessandro fez tabela com o meia Moraes, desde o meio de campo, chegou na cara do gol e bateu rasteiro, como havia pedido Tite na preleção feita horas antes de o jogo começar. Não havia chance de beatificação para o lado alviverde desta vez.

– São coisas do futebol. Se o time não ganhasse, era muito provável que as

mudanças acontecessem. Uma hora a gente salva, em outra a gente é salvo. Um ano depois, o Cássio me salvou – brincou Alessandro, lembrando-se do lance das quartas de final da Libertadores de 2012 contra o Vasco, no Pacaembu; seu passe errado deixou Diego Souza cara a cara com o goleiro corintiano, que fez uma das mais importantes defesas da sua carreira.

Alessandro e Júlio César fizeram Tite respirar de novo, e isso era só o começo.

Dezesseis degraus abaixo: o sufoco do parto

A aflição de esperar quase até o fim pelo gol do lateral contra o Palmeiras, que lhe segurou no cargo e no caminho das principais glórias, não pode se comparar às dificuldades do verdadeiro parto de Tite, ou Ade, como era chamado pelos familiares. Já com o seu garotinho na barriga, e pouco depois de descobrir a nova gravidez, dona Ivone rolou os 16 degraus de uma escada.

– A gente não tinha dinheiro nem para o ônibus. Meu marido me colocou em uma carroça para me levar ao médico. A doutora que me atendeu falou que não tinha remédio, que tinha que fazer repouso – contou ela, com lágrimas nos olhos, sentada à mesa da cozinha de sua casa, no bairro de Ana Rech, em Caxias do Sul.

Depois de oferecer a mim uma boa sopa e frango ao molho, sua especialidade, dona Ivone serviu uma xícara de café, em nossa conversa em novembro de 2015, enquanto se lembrava quantos meses teve de ficar deitada na cama sem poder fazer nada além de esperar, até a hora de dar à luz. A família vivia, naquela época, tempos difíceis. Eles moravam em uma pequena casa da colônia São Braz. Todos dormiam em um mesmo quarto, tinham pouco dinheiro e muitas vezes faltava comida para pôr na mesa. Não cabe na memória de dona Ivone quantas refeições fez apenas com um restinho de leite que sobrava, misturado com água da torneira.

Seus irmãos nasceram no Hospital Pompeia, em Caxias do Sul, mas as contrações para o nascimento de Tite começaram antes do previsto e o parto aconteceu em um pavilhão da colônia. Mesmo com apenas oito meses, aquele garotinho já era grande o suficiente para dar trabalho para sair da barriga da mãe. Sua cabeça passou pelo canal, mas não havia milagre que tirasse o restante do corpo.

Orações foram feitas na capela que ficava ao lado, tamanha era a dificuldade para o guri nascer. Pelo menos três pessoas tiveram de ajudar a retirá-lo de dentro da mãe. Assim que finalmente se despediu da barriga de dona Ivone, Tite foi levado pelo pai para o quarto de sua casa, dessa vez 16 degraus acima, e foi escondido das visitas em um cantinho entre as quatro paredes, enrolado em uma toalha.

– Ele nasceu com muitas deformações e o pai foi guardar ele para que ninguém visse. Ele é um homem tão bonito, não dá nem pra acreditar que isso aconteceu. Por ter ficado prensado dentro de mim, passou mais de um mês com lencinho amarrado para poder se ajeitar.

A preocupação com a saúde da criança recém-nascida era tanta, que só depois a família foi olhar com atenção e percebeu que se tratava de um menininho. Apaixonada pelo marido, dona Ivone queria que o filho fosse batizado com o mesmo nome dele. Aconselhada por uma prima a trocar a letra *g* pela *d*, mudou de ideia na última hora. E ficou assim: Adenor, filho de Agenor.

A ordem de um aborto

A família poderia ter sido ainda maior. Pouco tempo depois da chegada do terceiro filho, o casal foi surpreendido por outra gravidez. A inspiração de dona Ivone vinha de dentro de casa. Ela tinha 11 irmãos e sempre dizia: “Quero mais filhos”.

No entanto, o casal rapidamente percebeu que não seria nada fácil ter mais um. Em 1965, após o nascimento de Miro, o caçula, eles se mudaram para uma pequena casa no bairro de Lourdes, onde as três crianças foram criadas. O pai trabalhava em um sacolão, enquanto a mãe passava o dia costurando, lavando roupa e se esforçando para a clientela aumentar. Essa era toda a receita que tinham para colocar comida na mesa.

Foi do seu Agenor a palavra final para que a gestação fosse interrompida. Com medo do marido, dona Ivone, apesar de relutante, aceitou a decisão e assumiu carregar para o resto da vida o sentimento de culpa pela escolha feita.

– Meu marido sempre foi muito bravo. Eu tinha um medo que me pelava inteira. Quando ele dizia não, era não. O bebê estava dentro de mim, não dentro dele. Mas eu concordei, né? Ele era bravo mesmo, e eu sabia que a dificuldade seria grande. A culpa é minha – sentenciou a mãe de Beatriz, de Ade e de Miro.

Enquanto lavava a louça do almoço, dona Ivone ia se recordando dos fatos, mesmo quando não havia nenhuma pergunta específica a responder. A memória, aos oitenta anos, já lhe causava certa irritação entre um e outro esquecimento, ou quando começava uma nova frase, um novo assunto. Sobre o filho que não teve, em meio a uma quase guerra com ela mesma em suas recordações, disse:

– Mas disso eu nunca vou me esquecer...

Se seu Agenor esbanjava braveza e dava medo, sua esposa é carinhosa a cada palavra dita, a cada choro derramado. Doce só de olhar, “querida” e “baixinha” foram algumas das formas escolhidas por ela para se dirigir a mim. Sim, uma batelada de ternura a cada pronunciamento. Tamanha é sua gentileza que conseguiu perdoar o marido, guardando a própria mágoa no coração.

Encontro com Felipão (I): o camisa 10 bom de bola

Dona Ivone diz que Tite puxou muito ao pai. Certamente não foi no jeito bravo. Tampouco no jeito quase sempre frio. Seu Agenor, dizem, não mostrava os dentes. Seu filho, embora reservado, não deixa um treino sem tirar fotos com fãs que aparecem no CT Joaquim Grava em dias de atividade. Sorri na hora do clique, e fora dele também.

O chefe dos Bachi não dizia “te amo” por nada nesse mundo. Carinho não era coisa dele. O momento em que mais falava, sem poupar a língua, era ao assistir jogos de futebol.

– O seu Agenor era corneteiro demais. Não perdoava um jogador – contou Alvaro Mentta, amigo da família. – Cornetava antes do Tite virar jogador, antes de virar técnico. Depois, cornetava as contratações dos times do filho.

Juventudistas de nascimento, gremistas de coração. A família sempre teve ligação forte com o futebol. Das brincadeiras na rua aos campeonatos do colégio, havia um incentivo do pai para ver o filho seguir seus passos e também se tornar esportista.

Tite e Miro passavam quase todas as tardes jogando bola. No colégio em que estudavam, o Estadual do Guarani, hoje Henrique Emilio Meyer, não havia quadra. O que não chegava a ser problema – pulavam o muro de uma escola particular de freiras, a Madre Imilda, que ficava a pouco mais de duzentos metros de onde moravam. As peladas ali disputadas ajudavam na preparação para as competições intercolegiais. E foi em um desses jogos que a vida de Ade começou a mudar, a começar pelo apelido.

No final da década de 1970, Luiz Felipe Scolari, 17 anos mais velho que Tite, já arriscava a vida como treinador. Dividia seu tempo entre as aulas de educação física que lecionava com o comando da equipe de um colégio estadual, o Cristóvão Mendonza, além de ser um jogador quase veterano do Caxias, pois já estava perto dos trinta anos.

Em um desses campeonatos conheceu o ainda Ade. Ele era o camisa 10 da sua equipe, meia-esquerda, destacava-se entre os demais. Do seu lado direito estava outro aluno, conhecido justamente pelo apelido de Tite. Felipão saiu daquela partida admirado com o futebol do camisa 10. Gostou do que viu e não

deixou essas lembranças se perderem.

Encontro com Felipão (II): quando Ade se transformou em Tite

Sem achar que o futebol daria algum fruto ao jovem garoto apaixonado pelo esporte, seu Agenor não teve dúvida: passou a cobrar do filho ajuda para as contas da casa ou, pelo menos, que ganhasse o suficiente para se manter.

Naquela época, 1978, Tite dava os primeiros passos nas categorias de base do Juventude, onde o escalaram como zagueiro. Já havia passado também por uma escolinha na própria colônia, o Esporte Clube Juvenil.

– Pela estatura dele e também porque gostavam do meio-campo que tinham, acabou ficando na defesa. Mas não era ali que ele queria jogar – explicou Miro para mim, em Caxias do Sul, na casa da mãe.

Beatriz, a irmã mais velha, já trabalhava havia algum tempo em uma concessionária da Volkswagen em Caxias do Sul. Resolveu ajudar o irmão e insistiu com seus chefes por uma oportunidade para o menino de 17 anos. Em poucos dias Tite foi contratado como office-boy da loja, mas o trabalho não durou nem uma semana.

Isso porque um encontro com Scolari, ali mesmo na revendedora de carros, fez com que a vida tomasse outro rumo. Felipão ainda tinha na cabeça o futebol de Ade, o camisa 10 que se destacava, mas, por traição da memória, guardou o nome do outro meio-campista do time, o tal de Tite que era, na verdade, Altemir Craver. Essa confusão de nomes nunca se desfez e o Ade acabou ficando com o apelido do colega.

– O Luiz Felipe foi na concessionária por acaso e viu o Ade lá, que ele chamava de Tite. E ele perguntou se o Ade não queria fazer um teste no Caxias. Ele não pensou nem duas vezes – lembrou o irmão.

A exigência de ajudar a pôr dinheiro em casa não tinha sido esquecida por seu Agenor, que não gostou da ideia de o filho largar o emprego que havia acabado de conseguir. Mesmo a contragosto, a mãe dessa vez foi firme e segurou as pontas.

– Eu disse: “Ade, pode ir. Vou trabalhar mais e você vai tentar sua vida lá. Não tem problema” – contou dona Ivone, que passou a buscar mais clientes e encomendas para costurar, orgulhosa por ter sido parte fundamental no caminho do filho.

Dona Ivone se lembra do quanto seu marido era mão-fechada. Diz ela que seu Agenor não a abria por nada. Ao ficar acordada por mais tempo para trabalhar ainda mais, quando ela sentia muito sono, batia com a tesoura de costura na cabeça para afastar o cansaço e continuar a produção.

– Eu sempre coloquei dinheiro em casa. Era pouco, mas a minha parte era grande. Eu que dava dinheiro para esse menino jogar bola. E eu nunca quis nem um tostão do meu marido. Onde ele [seu Agenor] estiver agora, vai dizer que nunca na vida deu dez tostões para a mulher dele.

Depois do encontro na concessionária, o jovem foi apresentado aos dirigentes do Caxias. Já não era mais “gringo”, chamamento para os descendentes de italianos nascidos nas colônias, nem Ade, o apelido familiar – ele agora era Tite, o guri do futebol. Foi aprovado nas avaliações do clube e ainda teve tempo de jogar com Felipão, zagueiro experiente. Naquela tarde, as portas do futebol se abriram de verdade para ele.

A frieza que chocou

Se os dois irmãos tinham uma relação mais próxima, hoje Tite e Beatriz são mais distantes. Dona Ivone contou que desde pequena a convivência entre elas foi difícil. Bea, como é chamada na família, escolheu o próprio caminho.

– Ela dizia: “Mãe, eu tenho o gênio do pai. Não adianta tentar me mudar”. Agora as coisas estão melhores. Mas a Bea seguiu a vida dela. Não vem nunca aqui me visitar. Acho que por isso a relação dos meninos com ela também é distante. Eles viram que ela não é muito ligada com a mãe – explicou dona Ivone.

A irmã de Tite não tem dúvidas de que o que a afastou da família foi o relacionamento ruim com a mãe e confessa que queria estar mais perto.

– Minha mãe tinha um plano para mim e eu não fiz as coisas do jeito que ela queria. Ela queria que eu fosse como ela, ficasse em casa, cuidasse da casa e eu não quis isso. Eu saí para o mundo. A gente acabou se afastando muito. Tenho certeza que é por causa disso que fiquei afastada também dos meus irmãos. Talvez ela queira assim. Dou um jeitinho sempre de falar escondido com o Tite.

Com mágoas guardadas pelos desentendimentos com Bea, a mãe do trio não esconde quem é seu preferido.

– Eu quero muito bem ao Ade, mas me pede para escolher um dos dois e eu te digo na hora: o Miro. E o Ade concorda, pode perguntar para ele. Ele diz: “Mãe, eu tô longe, eu sofro bastante por isso e quem está do seu lado toda hora é ele, o Miro”. O Miro é uma coisa fora do normal, uma bênção muito grande na minha vida. Até o meu marido, quando morreu, falou: “Fica calma, você tem o Miro aí”.

Para os amigos e parentes, o relacionamento com a irmã é uma das coisas que Tite gostaria que fosse diferente, mas a chance dessa situação mudar, atualmente, é muito pequena:

– Entendo que é da vida, comportamentos diferentes. Não vou deixar de ter amor pela minha irmã por discussões que teve com a minha mãe. Aprendi a amar as duas.

Dessa relação afastada e, por vezes, conturbada, ficou marcado um momento muito delicado, considerado por alguns familiares como o maior erro da vida de

Tite. Bea queria muito ter um menino depois de ter dado à luz uma menina, mas quis o destino que não conseguisse realizar esse desejo – depois de nove meses de gestação, seu garotinho Estevão, com mais de quatro quilos, nasceu sem vida, enrolado no cordão umbilical, em outubro de 1991.

No quarto do hospital em que Bea estava, Tite entrou e saiu sem derrubar uma só lágrima. A frieza chocou alguns familiares.

– Às vezes a gente pode cometer erros. Eu vou dizer qual foi a minha intenção: dar a ela uma força que ela sentisse, sim, mas que pudesse ser forte para dar o segundo passo. Para minha irmã ver o quanto era importante para a outra filha, que podia ir em frente. Que a Bea era importante para o marido, para ela mesma. Que sentisse, mas que tivesse força e olhasse pra frente – explicou Tite na primeira conversa que tivemos, em dezembro de 2015.

No sofá da sala da sua casa, no 18o andar de um prédio no Tatuapé, Tite ainda completou:

– Talvez eu possa ter sido frio, sem ter demonstrado o que sentia. Mas é claro que estava sensibilizado. Tu está com a criança pronta e ela não vem. Era um garoto, minha irmã queria muito. Mas foi no sentido de olhar pra frente. Não existe quem está certo e quem está errado. Existem enfoques.

Se alguns familiares viram a situação dessa forma, Bea não compartilha da mesma interpretação.

– Eu nunca fiquei magoada com isso, de jeito nenhum. Me lembro de como foi tudo, ele entrando no quarto, me dando um abraço. Eu disse: “Estevão seria seu afilhado”. E ele me respondeu: “Não pensa nisso agora”. Ele estava muito ocupado na época, mas não senti isso que as outras pessoas falam. Ele seria mesmo o padrinho.

Anos depois, veio mais uma menina na vida de Bea. Ela vive hoje com seu marido, Sérgio, e as duas filhas, já mulheres, em Caxias.

Agenor não podia ver negros

Além do pedido para ajudar nas contas da casa, seu Agenor tinha outra implicância em ver seu filho jogar futebol de verdade, profissionalmente, embora tenha sido o grande incentivador para a imersão de Tite nesse esporte: a presença volumosa de negros disputando vagas nos campos do Rio Grande do Sul.

Neto de italianos, seu Agenor foi criado em uma colônia em que pessoas negras não passavam nem perto. Os bisavós de Tite, que chegaram ao Brasil no final do século XIX, trouxeram de uma Europa esmagadoramente branca a mentalidade da elite, com altas doses de conservadorismo, embora fossem pobres.

Essa era uma contradição comum dos imigrantes que vinham para a América tentar ganhar a vida de alguma forma, incentivada pela aristocracia brasileira, que preferia lidar com os "gringos" brancos sem dinheiro que com ex-escravos.

Os bisavós de Tite chegaram a um país que lutava pelo fim da escravidão, iniciada pelos colonizadores portugueses. Viram a Lei Áurea ser assinada, em 1888, mas continuaram assistindo aos maus-tratos dirigidos aos negros mesmo depois da promulgação da medida legal.

– Ele [seu Agenor] reclamava muito. Meu filho vai treinar com aqueles negros, falava. Meu marido não ia perto de um negro que fosse, não gostava. Acho que isso também fazia ele não dar dinheiro para o Ade – disse dona Ivone. – Isso passa, né? Eu gosto de negros. Mas o Agenor, não podia nem ver – completou ela, explicando por que os três filhos foram criados desse modo.

Na definição de Bea, Agenor era exageradamente racista e falava coisas difíceis de acreditar.

– Era realmente uma coisa muito forte nele. Acho que em italianos, dessa época, de forma geral. Mas meu pai era muito racista, mesmo.

Logo que havia se profissionalizado no Caxias, no início da década de 1980, Tite recebeu um convite para fazer um teste no Grêmio. Podia ser a chance da sua vida, mas tinha que dar um passo para trás: voltar para as categorias de base.

– Meu filho pegou a mochila, colocou nela todas as roupas que eu aprontei e foi embora. Foi ficar uma semana lá no Grêmio. E eu chorava à noite, sem parar.

O choro durou pouco, apenas duas noites.

– Dois dias depois, eu estava lavando roupa e vejo uma mochila: *Dio* [Deus, em italiano], é a sacola do Ade. Ele tinha descido de um táxi. Eu saí correndo para a porta. “Mãe, não quero saber de ir lá, não quero”, ele falou chorando. Muitos negros por lá, e ele voltou.

Na interpretação da mãe, a pressão do pai havia entrado na cabeça do filho.

– Meu pai se orgulhava de ser assim. A gente foi crescendo com isso. Ele ficou dormindo no Olímpico e não quis ficar. Ele era muito menino ainda. Nosso mundo era pequeno, aquele jeito italiano, dos “gringos”. Depois foi se abrindo, era bem fechado antes. Eu te digo com toda a certeza: hoje ele não tem preconceito nenhum. Ele inclusive luta contra – explicou Miro.

Tite conta a história de um jeito diferente:

– Eu fui ficar uma semana e fugi da concentração. Não teve relação com nada de cor, nada racial. Acho que foi um engano deles. Eu fazia faculdade, tinha acabado de começar a namorar e estava no profissional do Caxias. Cheguei para o time júnior do Grêmio. Tinha que dormir na caverna, que é como eles chamam lá. São 15 camas, uma do lado da outra, uns armarinhos desse tamanho, só para estar no Grêmio? E até você entrar na turma, demora. É inevitável. Os caras me olhavam e procuravam entender o que eu estava querendo ali. Era o lado da concorrência que tem no futebol. Acabei não sendo aceito no grupo. Senti o choque e fui embora.

Ele se lembra bem do preconceito que o pai tinha e conta como fez para superá-lo:

– O nível de conhecimento que eu fui adquirindo foi determinante. Eu fui criado numa região preconceituosa. Caxias do Sul é muito preconceituosa. Eu sempre fui um cara aberto, que ouve, que lê, que estuda. Então, por mais enraizado que o preconceito esteja, ele acaba. Eu falava: “Pô, deixa eu ver isso aqui direito. Deixa eu olhar quem está do meu lado, o que ele fez, se ele é bom, se ele não é, e não olhar para a cor, mas sim para o que ele fez”. Nem a cor nem de onde ele veio. Não importa. Você vai tendo experiências que vão te mostrando isso. É uma coisa que realmente não faz sentido nenhum.

Em 2015, no dia 1o de abril, Elias foi chamado de “macaco” pelo zagueiro uruguaio Cristian Gonzáles, do Danúbio. Isso ocorreu em um jogo da Libertadores, na fase de grupos, disputado em Itaquera. O Corinthians decidiu

não fazer boletim de ocorrência, mas pediu que o caso fosse registrado na súmula da partida.

Em entrevista coletiva, Tite pediu a punição dos envolvidos e se disse orgulhoso pelo time ter “matado no peito” o ocorrido, jogando muito na goleada por 4 X 0 sobre os uruguaios. Esse jogo garantiu ao Corinthians mais três pontos na competição, o clube se manteve invicto e no primeiro lugar do Grupo 2, considerado o “da morte”, com seis pontos a mais que os vice-líderes, São Paulo e San Lorenzo, da Argentina.

O amor pela vitrine de uma churrascaria

Após a tentativa frustrada no time do coração, Tite logo retornou ao Caxias, onde completou cinco temporadas, até 1983. Nesse tempo, entre um treino e outro, engatou um namoro sério com a mulher da sua vida, Rosmari Rizzi.

Ficaram durante um ano apenas trocando olhares, a distância. Ele passava quase todos os dias pela avenida Júlio de Castilhos, no tradicional bairro São Pelefrino, em Caxias do Sul. Esse era o endereço da Churrascaria Imperador, da qual os pais da moça já eram donos desde 1970, e continuam sendo até hoje. Aliás, o local está entre as principais indicações da cidade. Além das carnes, tem como carro-chefe a sopa de entrada e o sagu com creme de sobremesa.

Tite pegava esse caminho para deixar Beatriz no trabalho e, da rua, entre um espeto e outro oferecido de mesa em mesa, conseguia ver a futura esposa. A timidez, porém, adiava o primeiro encontro. Até que ele tomou coragem: “Preciso falar com você”, disse à Rose.

A próxima dificuldade a ser superada era o pai da namorada, Pedro Rizzi. Ele havia passado a vida criando a filha para um príncipe encantado que não fosse, de forma alguma, jogador de futebol – mulherengo, bagunceiro, boêmio e fanático por bebidas alcoólicas. Tite, contudo, não se encaixava em nenhum desses aspectos do estereótipo do boleiro, apesar do assédio que sofria ainda na escola.

– Nunca foi de sair muito. Nunca foi da bagunça, nem da bebida. Nada disso tinha a ver com ele – afirma dona Ivone.

– Era um garoto normal. As meninas adoravam o Ade. Ele tinha um corpo bonito, por ser atleta, e as meninas ficavam admirando. Eu lembro que me chamavam de “cunhadão” lá na escola. Era engraçado – recorda Miro.

O sogro aos poucos foi se convencendo da possibilidade de ter na família aquele volante que tinha passagem pelo Juventude, pelo Caxias, que logo se mudaria para o Esportivo e depois trocaria também de estado, indo para São Paulo defender a Portuguesa e o Guarani. Não havia outro jeito, afinal. Os dois já estavam perdidamente apaixonados e, naquela época, os primeiros meses de 1981, já pensavam em se casar, o que aconteceria pouco menos de quatro anos depois.

Marcaram para o dia 22 de dezembro de 1984, mas tiveram de antecipar a festa. Depois de passar alguns meses na Portuguesa, Tite teve mais uma lesão no joelho, logo ao se apresentar no Guarani de Campinas, e precisou marcar a cirurgia para o dia 5 de dezembro. Em vez de adiar a operação, trocaram as alianças no dia 30 de novembro e foram para Camboriú, badalada região de Santa Catarina, celebrar a lua de mel de poucos dias. Na volta instalaram-se em Campinas e Tite ficou no Guarani até 1989.

Rose é esposa e mãe, mas também psicóloga e auxiliar. Opina em mudança de jogador, escuta os desabafos do marido e comemora com ele cada vitória. Dentro da casa deles não tem mais conjugação verbal na primeira pessoa do singular "eu", é sempre "nós". Na saúde ou na doença, na alegria ou na tristeza, no título ou na eliminação.

– O Tite é muito parceiro também – disse Rose. – Mas eu faço questão de escutar mais, ele tem muita coisa a dizer, e sempre tenho como ajudar.

Os dois me receberam juntos em casa. Algumas das perguntas, até mesmo sobre o vestiário, Rose sabia responder. Lembrava-se de detalhes como se tivesse presenciado alguns momentos. Dessa relação, nasceram Matheus e Gabriele, registrados em 1989 e 1995.

– É uma cumplicidade impressionante. É muito bonito ver eles dois juntos – contou a filha, chamada na família de Bibi.

– Vamos falar a verdade: a situação que ele vive... Ele poderia se desvirtuar. Mas ele não olha para o lado. Ele tem uma luz divina para ser o homem que ele é. Eles se dão muito bem, muito – disse Miro.

É Rose ainda quem cuida das contas da casa. Administra tudo: faz os pagamentos, transfere o dinheiro para a poupança, libera ou corta os gastos.

– Só no fim do ano a gente senta pra conversar sobre isso – contou ela em nosso encontro. – Tiramos um dia e eu passo tudo pra ele, como estão as coisas.

Sete cirurgias e o fim da carreira

As seguidas lesões dificultavam a vida de Tite como jogador. Para se ter uma ideia, depois do seu casamento, e daquela cirurgia pós-nupcial, ele só voltou a entrar em campo no final do ano seguinte, em novembro de 1985.

– Ele [Tite] foi muito bacana. Chegou no Guarani e em poucos dias teve mais uma lesão no joelho. Veio conversar comigo para dizer que eu poderia ficar à vontade para mandá-lo embora e que estava se sentindo mal por ter se machucado logo que foi contratado. Uma grande demonstração do caráter dele – lembrou o técnico da época, Carlos Alberto Silva, em uma conversa que teve comigo por telefone.

Ainda que suas visões de mundo fossem tomando rumos diferentes das de seu pai, a proximidade entre eles era muito grande. Feliz em ver seu filho conseguir dar um passo importante na carreira, seu Agenor só lamentava ficar longe das arquibancadas.

– A gente ia muito ver os jogos. Eu e meu pai, sempre. Mesmo com o jeito mais quieto dele, a gente assistia no estádio. E quando Tite se mudou, já não dava mais para fazer isso – conta Miro.

Então passaram a acompanhar os jogos pelas rádios e também pela televisão, quando isso era possível. Ouviram Tite ser vice-campeão brasileiro pelo alviverde Guarani no Brinco de Ouro, em 1986, ao lado de craques como Evair, João Paulo e Ricardo Rocha. Eles jogaram em casa contra o São Paulo de nomes consagrados como Gilmar Rinaldi, Daryo Pereira, Silas, Pita e Careca. Esse foi um jogo polêmico que acabou apenas nos pênaltis. Tite não participou das cobranças, mas foi titular e depois substituído por Vágner no segundo tempo.

Com o placar mostrando 1 X 1, a decisão foi levada para a prorrogação. A rede balançou mais quatro vezes, duas para cada lado, em duelo emocionante: Boiadeiro e João Paulo marcaram para os donos da casa, e Pita, para os visitantes. O Guarani conquistava o título até o minuto final, quando Careca marcou (3 X 3) e mandou o confronto para os pênaltis. Os que fizeram os gols do Guarani no tempo adicional, que seriam os heróis da partida, se tornaram os vilões nos pênaltis: Boiadeiro e João Paulo erraram as cobranças e a equipe tricolor são-paulina ficou com a taça.

No ano seguinte Tite foi vice de novo, e o Guarani chegou em segundo lugar também no Paulista de 1988 – dessa vez perdeu o título para o Corinthians.

– Era um segundo volante e um meia armador, já que o Guarani jogava no 4-3-3. Esforçado e de boa técnica – comenta o jornalista Paulo Vinicius Coelho, o PVC, sobre Tite como jogador.

Teve tempo ainda de disputar até mesmo algumas partidas de uma Libertadores da América, a primeira da sua vida. Jogou contra o São Paulo e os chilenos Cobreloa e Colo-Colo, mas o Guarani foi eliminado.

– Tite se lesionou muito. Não conseguia pegar ritmo. Ele teve um ano [1987] muito bom. Era um cara bom de grupo – afirma Wilson Gottardo, companheiro de Guarani.

Após deixar o clube de Campinas, Tite ainda tentou retornar aos gramados em duas oportunidades. Voltou para o Esportivo e parou de vez no Guarany de Garibaldi, também no Rio Grande do Sul. Nesses dois últimos clubes quase não jogou, tanto que Tite não considera esse período parte da sua carreira de jogador profissional.

Aos 27 anos, depois de lesões graves nos joelhos e sete cirurgias, Tite encerrou prematuramente sua carreira de jogador de futebol.

RELIGIOSABILIDADE

O torcedor que emocionou Tite

Uma dose de preocupação e outra de ansiedade circulavam pela comissão técnica corintiana na 25a rodada do Brasileiro, antes do confronto com o Joinville, em Itaquera. Na busca pelo sexto título do campeonato, o time alvinegro havia empatado nas duas últimas partidas disputadas e estava com apenas três pontos de vantagem em relação ao vice-líder, o Atlético Mineiro.

No dia 6 de setembro, um domingo, o resultado foi de 3 X 3 com o Palmeiras, no Allianz Parque, em um dos melhores jogos da temporada, um dérbi para ser lembrado por muito tempo. O clube alviverde ficou três vezes à frente no placar (com Lucas, Dudu e Robinho), mas não conseguiu segurar essa vantagem. Guilherme Arana, Amaral (contra) e Vagner Love marcaram e impediram a derrota.

No meio da semana, no dia 9, o placar foi 1 X 1 no jogo contra o Grêmio, dentro de casa. Verdade seja dita, para esse duelo eram cinco desfalques de cada lado, por suspensões, lesões e convocações. O Corinthians não teve Fagner, Gil, Uendel, Bruno Henrique e Elias, enquanto a equipe tricolor estava sem Marcelo Grohe, Erazo, Maicon, Fernandinho e Luan. O susto veio com o gol feito por Bobô – jogador revelado pelo clube paulista – aos 13 minutos do segundo tempo, quando uma forte neblina tomava o estádio em Itaquera e tornava quase impossível a visão do campo. Renato Augusto marcou sete minutos depois, para o relaxamento corintiano apenas parcial – os alvinegros sabiam que não tinha sido um bom resultado. A vantagem para o Atlético Mineiro caiu para apenas três pontos. Perigoso.

Com esse clima e certa pressão que já começava a incomodar, a equipe voltou a Itaquera no domingo, dia 13. A paz veio das arquibancadas antes mesmo de o jogo começar, em um dos momentos mais emocionantes do ano para o treinador gaúcho – e para qualquer pessoa que tenha coração.

Aos 55 anos, João Marcos Andrietta, corintiano fanático, teve a chance de conhecer a nova casa alvinegra. Presença garantida em quase todas as partidas

no Pacaembu, João se afastou dos estádios em 2009 por um motivo muito grave: foi diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica (ELA), com expectativa de apenas mais dois ou três anos de vida. Prolongando essa estimativa, contraria os médicos desde então em uma luta diária para sobreviver.

Impossibilitado de falar e de se movimentar, ele respira com a ajuda de aparelhos e precisa de cuidados médicos 24 horas por dia. Praticamente só consegue mexer os olhos, se alimenta por meio de sonda gástrica e respira por meio de traqueostomia. Conta com o carinho da esposa, Cirlene, com quem é casado desde 1986, e das duas filhas.

Empresário do ramo de artefatos de borracha, João se tornou fã de Tite pelos vários títulos conquistados, presentes que recebeu assistindo aos jogos pela televisão. Não só a paixão pelo Corinthians fez os dois se ligarem, mas também a forte relação com a religião. Essas foram motivações suficientes para a mobilização gigantesca que o fez chegar a Itaquera naquela tarde de domingo, uma megaoperação logística que custou quase 20 mil reais à família.

Uma ambulância com Unidade de Terapia Intensiva (UTI) saiu de Campinas para buscar João em Salto, onde mora, e o levou para a casa corintiana. Uma equipe médica o acompanhou durante todo o tempo: um neurologista, dois enfermeiros e um motorista. O clube fez sua parte e deixou um espaço reservadíssimo para João, um camarote no sexto andar, com a melhor recepção que ele poderia ter. O encontro tão esperado com o treinador aconteceu antes do jogo, no vestiário.

Tite ganhou de presente de João um terço de São Vicente de Paulo, de quem os dois são devotos. Como retribuição, o treinador gaúcho lhe entregou uma pulseira com seus santos de proteção, amuleto que costuma oferecer a pessoas queridas, a quem deseja paz e luz.

O duelo contra o Joinville foi um momento que ficará marcado para sempre na vida dos dois. Vencer por 3 X 0 espantou a preocupação, aumentando para cinco pontos a vantagem em relação ao vice-líder, que empatara com o Cruzeiro por 1 X 1.

– Não sei se a vitória ajudou o João ou se foi o João que nos ajudou – resumiu o treinador logo após a partida terminar, em coletiva de imprensa.

No último gol, Tite fez questão de olhar para o camarote em que estava João e de apontar o dedo, dedicando a ele aquela vitória, incomparável à sua na luta

pela vida. Tite carregou até o fim do campeonato, no bolso direito da calça, o terço vicentino recebido de João.

As pulseiras da sorte

A pulseira que João Marcos Andrietta ganhou naquele domingo de vitória contra o Joinville já tinha sido importante para vários jogadores treinados por Tite. Referência desde a sua segunda passagem pelo Corinthians, o treinador a presenteia principalmente em casos relacionados à saúde. Elas são dadas ao gaúcho por padres e servem para proteção, cada uma de um santo ou de uma santa de quem é devoto.

Entre os atletas, o primeiro a receber a pulseira foi Renato Augusto, depois de um jogo contra o Bahia, em julho de 2013, no qual sofreu sua segunda fratura no rosto ao se chocar violentamente com o atacante Souza, do time adversário. Uma cirurgia na manhã seguinte reestruturou os ossos que haviam se quebrado no lado esquerdo de sua face.

O jogador já tinha passado por um procedimento parecido em 2008, ainda mais grave, quando defendia o Flamengo. Ele se machucou após colidir com o zagueiro Helton durante a partida contra o Boavista, pelo Carioca. Naquela primeira operação, ganhou três placas de titânio de 1,5 milímetro de espessura e 11 parafusos no lado direito da face.

Não bastasse o azar de repetir a lesão, Renato ainda lamentava outra má sorte. O confronto contra o Bahia era o primeiro dele como titular após cerca de três meses sem jogar por causa de uma grave lesão muscular na coxa direita, conseguida em uma partida contra o Guarani de Campinas pelo Campeonato Paulista.

Conhecedor profundo do sentimento ruim dos contratempos médicos, Tite ficou tocado com a situação do jogador. Entendeu que o meia precisava, entre outras coisas, de fortalecimento espiritual, e lhe ofereceu uma de suas pulseiras, episódio que ficou marcado na memória do atleta.

Renato Augusto se recuperou, voltou a jogar e a pulseira, um dia, estourou. No dia seguinte, mais uma lesão, dessa vez menos grave. Pediu ao técnico um amuleto novo, logo retornou aos gramados e nunca mais abriu mão do presente do professor.

Rildo, Fábio Santos, Guilherme Arana, Uendel e Luciano foram outros jogadores que ganharam a proteção do treinador, também quando machucados.

– Tenho muito cuidado em não ser invasivo e apenas presentear quem for receptivo e se abrir para tal oferta. Vai muito da minha sensibilidade – contou Tite.

Padre Marcelo

O padre *popstar* Marcelo Rossi foi convidado para a inauguração da capela no CT do Corinthians, no dia 8 de junho de 2012, pouco antes da semifinal da Libertadores, disputada contra o Santos.

A bênção funcionou – Emerson Sheik que o diga... Cinco dias depois do momento com o padre Marcelo, no dia 13 de junho, o atacante foi iluminado dentro de campo. Na Vila Belmiro, no jogo de ida das semifinais, aos 27 minutos do primeiro tempo, o camisa 11 recebeu um passe de Paulinho na entrada da área, pela esquerda, em um contra-ataque fulminante. Sheik dominou com a parte de fora do pé direito e fez um dos gols mais bonitos da sua carreira, metendo a bola no ângulo esquerdo de Rafael, que se esticou inteiro, mas não teve chance nenhuma de evitar o balançar da rede.

– Eu estou arrepiado, eu estou arrepiado – narrava Nilson César na AM 620 de São Paulo, a Rádio Jovem Pan, levando a emoção daquele instante até milhões de corintianos.

Esse foi um passo gigantesco para garantir a vaga na final, e o time de Tite conseguiu segurar o resultado durante todo o restante da partida, parando Neymar, Ganso, Elano, Borges e todas as substituições tentadas pelo técnico santista da época, Muricy Ramalho.

Uma semana depois, no duelo de volta disputado no Pacaembu, formou-se um nó na garganta dos torcedores aos 35 minutos do primeiro tempo. Depois de um cruzamento de Alan Kardec, Borges deu um toquinho na bola, que foi na trave e sobrou sozinha para Neymar apenas empurrar para dentro. Era a chance de uma reação do Santos, que escolheu jogar de camisa azul-turquesa em comemoração ao centenário. No segundo minuto em campo após o intervalo, Danilo colocou um ponto-final na esperança dos rivais. Alex cobrou falta longe da área, do lado esquerdo, a bola sobrou no pé do meia, que a dominou e bateu. O placar marcou 1 X 1, o empate que levou a equipe do Parque São Jorge para a tão esperada final.

Corintiano fanático, padre Marcelo Rossi comemorava as conquistas do clube e do amigo. Eles se conheceram na primeira passagem do treinador pelo Corinthians, por intermédio de Cláudio, dono de uma pizzaria no Tatuapé, zona

Leste da capital. Em novembro de 2012, padre Marcelo inaugurou o Santuário Mãe de Deus, na avenida Interlagos, na zona Sul de São Paulo, e Tite e Rose passaram a frequentar as missas todas as quintas-feiras.

O trânsito, porém, se tornou um empecilho para o treinador. São quase trinta quilômetros entre a sua casa, no Tatuapé, e o local das orações de padre Marcelo Rossi, o que representava mais de uma hora e meia no horário de rush. O casal passou então a frequentar a Regina Mundi, uma igreja localizada a menos de quinhentos metros do prédio em que moram.

Quando não vão à missa, Tite e Rose aparecem na igreja pelo menos para uma oração ou apenas para ficar em silêncio. O treinador também diz que gosta de ter contato com outros padres.

– Eu gosto de ir a outros lugares porque é importante lembrar que não é só o padre Marcelo que tem isso. O padre da comunidade também é bacana, os das outras igrejas também são.

O forte laço de amizade entre Tite e padre Marcelo Rossi permaneceu. Padre Marcelo foi quem os recebeu na volta do Japão, com a taça do segundo título mundial do time paulista, e o técnico gaúcho chegou até mesmo a contribuir financeiramente com a construção do novo santuário do padre, mas afirma que não gosta de falar sobre as ajudas que dá, nem dos problemas que enfrenta com atrasos nos clubes por onde passa.

O milagre da Recoleta

Tite também guarda o hábito de visitar igrejas nas viagens que faz em campeonatos nacionais e internacionais. Na véspera ou no dia do jogo sempre dá um jeito de passar em alguma igreja para conhecê-la ou então revê-la, e para desfrutar de um momento íntimo de reza e meditação.

No Mundial de Clubes, em 2012, na tarde anterior à finalíssima contra o Chelsea, da Inglaterra, o treinador e o então presidente, Mário Gobbi, queriam de todas as formas encontrar uma capela em Yokohama, no Japão. Essa era uma tarefa difícil em um país onde menos de 500 mil pessoas praticam o catolicismo – segundo estatísticas de uma conferência de bispos realizada em 2014. Ou seja, apenas 0,35% de uma população de mais de 123 milhões de habitantes segue o cristianismo.

Eles não tinham nenhuma indicação, mas os seguranças descobriram um local. O modesto santuário ficava em um pequeno edifício, em cima de uma loja, bem escondido. Mário Gobbi e Tite, acompanhados de Ronaldo Ximenes, na época secretário-geral do clube, e de Elie Werdo, então vice-presidente, foram até lá. Um padre muito gentil recebeu o grupo e fez uma rápida oração – a missão estava cumprida.

– Tem um cunho cultural também, de visitação. As igrejas mostram a história do local, a arquitetura, a cultura do povo daquela cidade. É muito legal por isso também. Aquela na sobreloja foi bem bacana. Eu me lembro perfeitamente do lugar – explica Tite.

Quando vai a Buenos Aires, na Argentina, nunca deixa de ir à igreja Nossa Senhora do Pilar, uma das suas preferidas, localizada na Recoleta, bairro nobre onde fica um dos metros quadrados mais caros do país. Ali estão também diversas atrações turísticas, entre elas um cemitério onde estão sepultadas personalidades como Evita Perón, atriz, líder política e ex-primeira-dama argentina.

Antes da decisão contra o time local Boca Juniors, em 2012, no jogo de ida, passou por lá no dia da partida, ao lado dos mesmos companheiros do Japão.

– Eu fui lá com todos os clubes que eu defendi e é um lugar que me traz uma paz muito grande. Tem um espaço especial lá dentro, com uma luz baixa, que me

faz muito bem.

Mário Gobbi costuma dizer que ali teve uma sensação muito boa de que o time teria um bom resultado no estádio La Bombonera, a casa do Boca. O jogo terminou em 1 X 1, com um milagre na vida de Romarinho, que marcou o gol de empate para os corintianos.

Com 21 anos, ele estava entre as últimas opções na lista de Tite para estar naquela partida da noite de 27 de junho. Tinha sido apresentado exatos 23 dias antes, vindo do paulista Bragantino. O treinador sempre carregou um princípio muito forte de respeitar hierarquias do ponto de vista de quem está há mais tempo, de quem treina mais duro, de quem se dedica mais. Assim, não podia levar o novato.

Mas como explicar isso a 30 milhões de torcedores que assistiram surpresos, três dias antes, à virada contra o Palmeiras comandada por Romarinho? Em sua primeira vez como titular, na tarde do domingo, o garoto empatou o jogo pelo Campeonato Brasileiro com um gol de letra, depois de receber cruzamento de Liedson, e fez outro golaço para sacramentar a vitória dando um drible em Cicinho na entrada da área e um lindo chute no canto direito do goleiro Bruno.

Uma reunião para definir quem seriam os relacionados decidiu de forma unânime que Romarinho viajaria para a Argentina. Chegando lá, outra dúvida: relacioná-lo ou não para o duelo? Tite teve de fazer a escolha, tirando Willian do banco de reservas e dando espaço ao recém-chegado.

O confronto já chegava à reta final, aos 28 minutos do segundo tempo, quando o zagueiro Roncaglia conseguiu abrir o placar para os donos da casa. Em um lance de bate e rebate, Chicão ainda conseguiu afastar na primeira vez, com sua mão direita, mas não salvou na segunda: 1 X 0 para o Boca, naquele primeiro jogo da final. Dez minutos depois, substituição na equipe corintiana: sai o experiente Danilo para a entrada do estreante Romarinho.

Com nome de craque, saiu do banco de reservas para se tornar o herói daquela noite. Ele não estava nem há dois minutos em campo, aquela era a primeira bola que recebia, e fez um gol para marcar de vez o seu nome na história do clube. Em uma jogada de contra-ataque, Paulinho arrancou, tocou para Sheik, que deixou o jovem jogador na frente do goleiro. Um toque bonito, que passou por cima do goleiro Orión, e salvou o time de um tropeço na Bombonera.

– Brilhou minha estrela e pude dar essa felicidade a todos – resumiu

Romarinho na saída de campo, ao comentar sobre o gol mais importante de sua carreira.

Cadê as velas?

Na sala do CT corintiano, Tite instalou seu altar particular – como sempre fez em todos os clubes por onde passou. Uma bíblia, imagens de santos e de santas, um terço e velas. Não marca compromisso antes de fazer sua oração diária. Na hora de ir embora, repete o ritual. Apoia um dos seus joelhos no chão e reza.

É o roupeiro Edízio Borges de Almeida o responsável por carregar a imagem de Nossa Senhora Aparecida em todas as viagens para os jogos.

– É a primeira coisa que ele me pergunta quando chega no vestiário das viagens: “Cadê a santinha, Edízio?”.

Jogando em casa ou fora, a rotina é a mesma. Vestido com uma camisa de cor próxima à do clube em que está, entra no ônibus, liga para a esposa, para a filha e para a mãe para pedir uma bênção. Dona Ivone ainda dá a dica da santa ou do santo do dia para orientar a reza. No estádio, faz sua oração, sozinho, e acende uma vela. Depois, faz a prece em conjunto com o time todo em círculo, antes de o duelo começar, e voltam à formação circular ao final do jogo para agradecer. Carrega ainda para dentro do campo sua garrafinha com um aditivo: é água de tomar, mas sempre tem duas ou três gotinhas especiais – é Rose quem providencia a água-benta.

Responsável por ajudar a pensar nas estratégias do time, a definir quem entra e quem sai, a escolher os 11 jogadores que vão começar em campo, Cleber Xavier carrega ainda outra tarefa tão importante quanto todas essas. Tem de ver, a cada partida, se as velas colocadas ao lado da imagem de Nossa Senhora Aparecida estão acesas. Um dia, ele não achou nada ali no cantinho da fé, nem vela acesa nem vela apagada.

Isso aconteceu no México, no confronto contra o Cruz Azul, no estádio Azul, em 14 de março de 2012. No terceiro duelo da fase de grupos da Libertadores, tinham se esquecido das velas.

– Não tem jogo que comece se não tiver a vela lá. Quando o Tite viu, pediu para o segurança sair para comprar. A sorte é que tinha um mercadinho perto e ele encontrou logo, mas se só tivesse vela longe, ia ter que buscar do mesmo jeito – lembra Edízio.

As velas apareceram, mas a vitória não veio no estádio Azul. Podem ter

servido para Chicão e Júlio César, que conseguiram afastar duas bolas da linha do gol, nos minutos finais do segundo tempo. Os quase 30 mil torcedores que foram assistir ao duelo pagaram pouco, entre 5,70 reais e 11,50 reais, para ver um empate sem gols. O time voltou da Cidade do México com a invencibilidade e a boa campanha no torneio mantida – 1 X 1 contra o Deportivo Táchira, da Venezuela, fora de casa, e 2 X 0 contra o Nacional, do Paraguai, dessa vez no Brasil.

Além do ritual das velas, vez ou outra Tite aparece com alguma coisa diferente. Na época do Grêmio, no início da década de 2000, o treinador chegou com folhinhas de oliveira antes dos jogos. Ficava com algumas e dava as outras para Cleber Xavier. A fase não estava das melhores. Duas derrotas seguidas e um empate. Tite tentava descobrir o motivo do momento ruim.

– Tu não tá queimando a folhinha, Cleber?

Não estava, não tinha entendido que tinha de queimar. Não lembram, os dois, se as vitórias vieram depois do auxiliar entender o tratamento correto para as folhas de oliveira, mas ambos têm certeza de que, anos mais tarde, isso virou piada e mais uma história para contar.

Farroupilha: 22 quilômetros a pé até Caravaggio

O relógio marcava quase cinco horas da manhã quando Tite se aproximou do Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio, na cidade de Farroupilha, no Rio Grande do Sul. Ele percorreu 22 quilômetros durante a madrugada, a pé, para chegar ao local e fazer um agradecimento, devoto que é.

Era 1999, e Tite havia conseguido a classificação para disputar a Série C do Brasileiro no seu retorno ao comando do Caxias – sua primeira passagem pelo clube aconteceu em 1991. O único gol da partida, contra o gaúcho São Luiz do Ijuí, saiu nos últimos minutos, em um lance de pênalti. Foi o goleiro da sua equipe, Gilmar Dal Pozzo, mais tarde também treinador e grande amigo que o futebol lhe deu, quem marcou e garantiu a vaga na "terceirona".

– Foi a primeira vez que eu marquei um gol de pênalti. O batedor oficial não estava, eu já andava treinando e peguei a bola – lembrou Gilmar em nossa conversa.

Gilmar Dal Pozzo achou então que não podia deixar de se juntar a Tite na peregrinação e acompanhou o amigo na madrugada. Jorginho, preparador de goleiros, e Geraldo Delamore, preparador físico, também fizeram companhia a Tite. Contam que tiveram, os quatro, de correr dos cachorros que passavam na estrada, no meio da escuridão.

Depois de mais de quatro horas de caminhada, cansados, ao fim do percurso, receberam um grande reforço: Rose apareceu de carro, perto das cinco da manhã, para levá-los embora.

Duas voltas na pista: o drible na morte

Inconformado com o vice-campeonato do Brasileiro de 1986, quando defendia o Guarani de Campinas, cuja final aconteceu em 1987, Tite quase pendurou as chuteiras e a roupa toda de uma vez só quando sofreu um acidente de carro na volta para Caxias do Sul.

Depois da derrota para o São Paulo na disputa por pênaltis, não conseguia pegar no sono e resolveu viajar às seis da manhã, acompanhado de sua esposa Rose.

Estavam na BR-116, rodovia federal que liga Fortaleza, no Ceará, a Jaguarão, no Rio Grande do Sul, hoje bastante conhecida como “rodovia da morte”, por computar altíssimo índice de acidentes. Após horas de viagem, já no finzinho da tarde, o ainda jogador perdeu o controle da direção, deu duas voltas na pista e, por pouco, não caiu em uma ribanceira.

Tite só revelou o ocorrido muitos anos depois, em novembro de 2011, ao conceder uma entrevista para o jornal *Folha de S.Paulo*. Na época, explicou que a viagem foi motivada pela vontade de ficar perto da família e esquecer o vice-campeonato.

Para ele, motivo de sobra para acreditar ainda mais em Deus.

A contradição entre a lesão e a fé

Tite se tornou católico ainda na barriga de sua mãe. Dona Ivone, com medo de perder o bebê pela queda sofrida na escada, fez uma promessa. Devota de São Leonardo Murialdo, prometeu que, se tudo corresse bem e o bebê que estava dentro dela nascesse com saúde, daria o nome Leonardo à criança.

Tite aprendeu a ler com a Bíblia e a falar rezando o pai-nosso. Nunca abandonou a fé. Dona Ivone até queria que ele fosse padre, mas essa ideia não deu certo.

– Ele sempre me disse que treinador até podia ser, mas padre, de jeito nenhum.

Pouco antes de completar vinte anos, Adenor Leonardo Bachi viu uma igreja pegar fogo bem pertinho da sua antiga casa, na colônia de São Braz. Coincidentemente, era São Leonardo Murialdo o padroeiro daquela igreja. Nada se salvou no incêndio e Tite ficou chateado com a destruição.

Juntou o pouco do dinheiro que ganhava na época, ainda tentando iniciar a carreira de jogador, e comprou uma imagem do santo para colocar na igreja nova, que logo começou a ser construída.

Miro acredita, porém, que seu irmão intensificou a relação com a religião a cada lesão que teve, que lhe tiraram o sonho de ser jogador de futebol.

– É meio contraditório isso. Eu acho que se eu me machucasse do jeito que aconteceu com ele, era capaz de passar a acreditar menos.

Tite se apegava às orações e à fisioterapia após cada cirurgia que fez nos joelhos – foram duas no ligamento cruzado e cinco artroscopias. A cada operação a que era submetido, ouvia um conselho diferente para buscar outras crenças que o ajudassem a sair daquela situação.

– Paradoxal, mas é verdade. Diversas pessoas, nos momentos de fragilidade, me falavam para ir a tal religião, a tal centro, a tal pessoa. Eu dizia que a vida toda tive a minha crença e a minha conduta, e tinha chegado até lá. E não ia deixar que uma lesão mudasse a minha vida. Na adversidade eu ia mudar? Respeito todas as crenças. Mas por que modificar na adversidade? A cada momento eu ia ter que mudar então? – argumenta Tite.

Foram quase dez anos na carreira de jogador; desses, aproximadamente três

anos inteiros de recuperação.

DINHEIRABILIDADE

A escolha pelo Corinthians

Se os cifrões fossem a sua prioridade na vida, argumenta, não teria dúvida: no início de 2015, escolheria voltar para o Internacional em vez de aceitar a proposta do Corinthians, que era, nem mais nem menos, a metade da do Internacional. Em valores brutos: 800 mil reais contra 400 mil reais. Uma diferença, ao final de 12 meses, de 4,8 milhões de reais. Resolveria, certamente, os meus problemas, e, acredito, os seus, leitor.

Mais do que isso, a oferta corintiana representava uma diminuição em relação ao último salário que teve antes do período sabático no Parque São Jorge ao final de 2013 – cerca de 700 mil reais.

Como poucas vezes aconteceu, ficou em dúvida do que fazer dali em diante. Pensou na filha, que ficaria sozinha em Porto Alegre. Na mãe e no irmão, em Caxias do Sul.

Ouviu conselhos de que não haveria motivo algum para retornar ao Corinthians, afinal, já tinha tudo o que era possível: um Brasileiro (2011), um Paulista (2013), uma Libertadores (2012), um Mundial (2012) e até uma Recopa (2013). Faltava uma Copa do Brasil, mas ninguém toma esse tipo de decisão pensando na Copa do Brasil.

Parte da escolha de Tite tem nome e sobrenome: Roberto de Andrade, presidente do Corinthians, eleito em 2015, com quem o treinador trabalhou lado a lado como diretor de futebol durante os três anos da passagem mais vitoriosa da sua carreira, com boa cumplicidade, e em quem tem total confiança.

– Até que um dia, 11 da manhã, eu decidi. À tarde ia ter o último jogo do Brasileiro [6 de dezembro de 2014]. Era Corinthians na Arena Itaquera contra o Criciúma [2 X 1] e o Inter ia jogar contra o Figueirense [2 X 1]. E eu estava me sentindo muito mal em casa. Porque parecia que eu ia tomar uma decisão baseada no que acontecesse naquela tarde – relembra.

Corinthians e Internacional estavam disputando o terceiro e o quarto lugar da tabela, ou seja, a vaga direta para a Libertadores da América, o torneio mais

cobiçado dos brasileiros.

O último do G4, como é chamada a zona de classificação para o campeonato, tem de passar por uma fase anterior à de grupos – lembra aquela que, em 2011, o próprio treinador foi eliminado ao dirigir o alvinegro de São Paulo contra os colombianos do Tolima, em um dos maiores vexames da história.

– Liguei para o Roberto e falei: “E aí?”. Ele disse: “Tite, eu não vejo o Corinthians sem você. E não é pelo que tu fez no passado, é pelo que a gente projeta no futuro”. Quando ele falou isso, perguntei: “É importante?”. Ele disse: “Sim, é importante”. Eu falei: “A partir desse momento, sou técnico do Corinthians. E vou já ligar para o Vitorio Piffero [presidente do Internacional, com quem também já tinha trabalhado]”.

Tite agradeceu ao Inter, mas disse que já havia dado sua palavra em São Paulo.

Assistiu, seis horas mais tarde, à equipe colorada se classificar para a fase de grupos da Libertadores e ficou, depois desse dia, à espera de saber quem seria o Tolima de 2015, torcendo para que esse final fosse mais feliz.

Em 21 de dezembro, o Once Caldas foi definido como o adversário do Corinthians na Pré-Libertadores de 2015.

Logo veio à tona o temor de que o adversário carregaria a mística da equipe que venceu a Libertadores de 2004, quando desclassificou gigantes como o Vélez Sarsfield, Santos, São Paulo e Boca Juniors. Só que a realidade e o tempo eram outros e, mesmo com o curto período de preparação – somente 27 dias –, o Corinthians passou sem dificuldades. Venceu em Itaquera por 4 X 0 e empatou por 1 X 1 no estádio Palogrande, em Manizales, Colômbia.

Estava decretado o fim da maldição do Tolima!

Nem um real para a mãe

Se Tite conseguiu oferecer tudo do bom e do melhor para os filhos e ainda os ajuda financeiramente, a relação com sua mãe é bem diferente. O treinador nunca deu nem um real para dona Ivone. Essas palavras são dela.

É verdade que a viúva do seu Agenor mora em uma casa simples e muito bonitinha, em Caxias do Sul, comprada por Tite no terreno que ele também adquiriu, onde funciona o Centro de Esportes e Lazer Tite (Celte), inaugurado em 1998. Essa é uma das poucas coisas que ela não conquistou com o próprio suor.

Nunca se deslumbrou com o sucesso do filho. Viu o mar uma vez na vida e nunca pôs os pés em um avião.

– Eu não aceito dinheiro. Precisa? Por que vai me dar? Eu vivo com o meu dinheirinho. Quero morrer se ele chegar aqui e falar: “Mãe, toma aqui cinco ‘pilas’”.

Lamenta, inclusive, o tempo que o futebol toma de Tite, que acaba ficando quase o ano todo distante, com poucas visitas à mãe.

Dona Ivone foi sempre assim e esta é a sua marca registrada. Nunca quis dinheiro de ninguém e sempre compartilhou o que tinha com todos que precisavam.

– É por isso que o Matheus, filho de Tite, fala sempre que a gente se encontra que o pai não estaria onde está se não fosse eu. É, eu ajudei muito.

A vaidade da mãe em não aceitar um centavo começou a incomodar os filhos. Especialmente Tite, que a cada dia tinha mais condições para oferecer para quem lá atrás havia garantido seu sustento. Dona Ivone não deixa nem contratar funcionários para o Celte: é ela quem trabalha até hoje, já com oitenta anos, no local administrado por Miro.

Tite foi com seu irmão Miro em busca de um psiquiatra para entender os motivos da mãe e o que fazer diante daquela situação. Mais do que o orgulho que sente, dona Ivone se alimenta desse combustível para dar sentido à vida.

– O médico nos disse que a gente tinha de respeitar a engrenagem da cabeça da mãe. Falou que se tentássemos mudar as coisas ela ia se sentir inútil e infeliz. E tocou na ferida: disse que sabia que éramos vaidosos e preocupados com o que

as pessoas iam falar, mas que deixássemos as pessoas falarem o que elas quisessem e deixássemos ela ser feliz. Eu e o Miro abrimos um sorriso, porque era isso que a gente sentia.

Mais do que a vontade genuína de ajudar, tinham a preocupação do que iria ser dito quando alguém visse a mãe do treinador que conquistou até o mundo trabalhando aos oitenta anos, vivendo uma vida humilde, muito parecida com a que ela tinha antes da fama familiar. Eles conseguem deixar dona Ivone feliz de outro jeito.

– Meu filho é bom. Ele [Tite] chegou aqui e deixou um cheque de 30 mil reais para ver se ajudava nos tratamentos da filha de uma vizinha – recorda dona Ivone, emocionada. – Eu me lembro disso e choro.

O fim da treinabilidade

Tite não esconde que de fato se preocupa com a própria imagem, com o que vão pensar a seu respeito. A qualquer um que pergunta, é direto: acha Pep Guardiola e José Mourinho estrelas.

– São midiáticos. Fazem coisas para a TV filmar. Eu não gosto disso. Eles são personagens e fazem declarações muitas vezes teatrais. O Ancelotti não é assim. E me inspiro nisso.

Tem medo de também cair no estrelato e diz tomar cuidado para evitar que isso aconteça.

– Tento ser autêntico e é isso que vai me deixar longe do estrelato. Aprendi com o meu assessor de imprensa [Luciano Signorini] a falar o que eu sinto, ser mais eu mesmo nas entrevistas. Eu não falava de coisas minhas antes, e agora falo.

O conselho recebido do assessor foi entre o jogo do Tolima e o do Palmeiras. Tinha acabado de voltar ao Corinthians e mantinha uma forma rebuscada de se comunicar, em tom professoral. Foi nessa época, inclusive, antes da orientação de Luciano Signorini, que se tornou alvo de gozações quando usou o termo "treinabilidade" durante uma coletiva de imprensa, quando perguntado sobre a situação de Ronaldo Fenômeno, se iria ou não estar pronto para o jogo.

– Vai depender da treinabilidade do jogador – afirmou aos jornalistas.

Lembra Luciano Signorini:

– Eu fui percebendo que ele não ficava leve nas entrevistas, que sempre tentava ser politicamente correto e tinha um jeito muito trabalhado de falar, desde 2004. Vi que muitas vezes colocavam isso na mesa na hora de contratar e demitir. Tinha uma coisa na época que falavam que os jogadores não iam entender o que Tite falava, pelas palavras que usava. Na sua volta ao Corinthians, eu achei que era a hora de falar com ele sobre isso. Só conseguimos sentar entre o Tolima e o Palmeiras, foi em caráter meio emergencial. A partir daí o Tite se tornou ele mesmo nas entrevistas.

Ao longo dos mais de vinte anos de carreira, Tite conta que já ouviu muitas críticas, mas jura que nunca a de ser marqueteiro.

– Talvez as pessoas que não me conheçam possam bater o olho e ter uma

primeira impressão diferente. Mas quando convivem mais percebem que eu sou do mesmo jeito em todos os lugares. No vestiário eu sou igual, em casa também. Eu não sou marqueteiro, isso eu não faço. Sou discreto.

Logo depois do hexacampeonato, foram várias as entrevistas que o treinador concedeu. Em uma quinta-feira no CT, logo após a consagração do título, equipes de TV, jornais, rádios, sites e revistas se dividiram em intervalos de trinta minutos para falar com ele. Eram as demandas acumuladas, desde o início de novembro. Apareceu muito nesse período. E se ele rejeitasse os pedidos da imprensa, seria chamado de quê?

Tem sempre o cuidado de valorizar o trabalho dos que o cercam. Olha no olho, chama pelo nome, cumprimenta um a um – dos mais íntimos aos mais distantes – tratando todos de forma igual. Relação que mantém inclusive com os jornalistas.

– Se eu não o cumprimentar, ele vem. Porque ele cumprimenta desde o porteiro até o presidente. Ele sabe o nome de todo mundo – conta o fotógrafo oficial do Corinthians, Daniel Augusto Jr., que também é o autor do livro *Obrigado, Tite! – As cinco pontas de uma estrela*, um registro fotográfico que retrata a trajetória das duas primeiras passagens do treinador pelo Corinthians e que foi lançado no final de 2013.

Quando voltava de uma viagem ao Uruguai, em março de 2015, com a vitória por 2 X 1 sobre o Danúbio, pela Libertadores, o técnico corintiano saiu do avião e foi ajudar o estafe do clube a retirar as bagagens para levar para o ônibus. Foi flagrado pelo repórter Rodrigo Vessoni, do jornal *Lance!*. Não foi a única vez.

– A bagagem é sempre muito grande. Quase cem malas para carregar. Quando ele viu a pilha, começou a ajudar. Ele sempre vem perguntar se a gente precisa de alguma coisa. Na maioria das vezes eu não deixo. Não precisa, né? – comenta Edízio Borges de Almeida, roupeiro corintiano. – Se há uma coisa que eu garanto é que não é marketing. Ele não faz na frente da TV, para aparecer. O que ele faz fora é ainda mais nobre – completa.

Quando não havia nenhuma câmara ligada, em 2009, logo depois do título da Copa Sul-Americana com o Internacional, Tite chamou Mauricio Dulac, responsável pelo setor de análises do clube, para pedir um favor.

– Mauricio, sabe aquele senhor que fica o tempo todo aqui? O senhor Ervino... Tu pode levar esse dinheiro pra ele? – falou o treinador, com duzentos

dólares na mão.

Ervino Keitel tinha naquela época noventa anos, o funcionário mais antigo do Inter, mas não estava entre os recebedores do bicho: dedicou 45 anos da vida trabalhando para o time colorado, onde conquistou o carinho de quase todo mundo que passou por lá em algum momento.

Quatro anos depois, Tite recebeu da Conmebol o prêmio de melhor técnico pela campanha da Libertadores de 2012, com o Corinthians. Levou para casa, além da conquista inédita, um Toyota Corolla XRS, avaliado em cerca de 80 mil reais. Tirou da conta-corrente a mesma quantia e dividiu entre aqueles que não tinham recebido o bicho pela vitória. Ficou com o veículo – como um troféu.

Dificilmente dá respostas sem pensar, que possam lhe render dor de cabeça mais tarde. Evita, por exemplo, palavrões em entrevista – embora, para este livro, tenha se esquecido dessa censura. Diz que assiste a algumas coletivas de novo para ver se foi suficientemente claro. Sem dúvida, preocupado com a imagem.

O voto é secreto

Tite não revela por nada no mundo em quem votou nas últimas eleições. Nem nas últimas, nem nas penúltimas, nem nas primeiras. Evita, assim, qualquer desgate que possa ter – especialmente depois que o Brasil se dividiu entre petistas e psdebistas. Não toca no assunto para não ser julgado por isso, embora não admita. Uma vaidade que tem. Seus familiares guardam o segredo.

– Eu voto em alguém que me passa confiança, mais do que em um partido político. Não vou falar a respeito – disse Tite ao ser perguntado se já tinha votado em Luiz Inácio "Lula" da Silva alguma vez em sua vida.

Em outubro de 2015, ele e diversos jogadores apareceram em um vídeo mandando parabéns para o ex-presidente.

Seu irmão Miro assim respondeu:

– Não revelo também. O nosso pai, já mais velho, não votava mais. Decepcionado. Antigamente, o pai era PTB [Partido Trabalhista Brasileiro] e posteriormente MDB [Movimento Democrático Brasileiro]. Depois o assunto política quase não entrava em casa.

Paolo Guerrero X Emerson Sheik

Tite toma ainda mais cuidado com questões financeiras. Não quer de forma alguma ter fama de marqueteiro, tampouco quer ser chamado de mercenário.

– Fica tudo com o meu empresário – diz ele.

Foi esse o tom do conselho que deu a Elias no primeiro semestre de 2015, quando surgiu um novo interesse do Flamengo pelo meio-campista. Em entrevistas, o jogador não se posicionou de maneira firme sobre o que queria fazer da vida. Deixou, em vários momentos, aberta a situação.

– Aquela coisa de o Flamengo ser um grande time, fui muito feliz, é uma honra saber do interesse, quero jogar lá de novo um dia... – sim, o volante defendeu o time rubro-negro em 2013.

As declarações pegaram mal no CT, especialmente com a diretoria. Demorou alguns dias para que a situação fosse esclarecida. O mal-entendido aconteceu logo depois da eliminação na Libertadores, quando Emerson Sheik e Paolo Guerrero anunciaram a saída para ir para o time da Gávea.

– Eu falei para o Elias: “Cara, cuida da tua imagem. Cuida. Quem cuida dela é só tu”. E disse pra ele: “Olha, estou falando isso pela frente. Podem achar que você está querendo dinheiro. Podem achar que você quer jogar lá. Podem achar um monte de coisas” – revelou Tite a mim.

O conselho foi bem-recebido por Elias, que logo depois procurou uma maneira de se retratar. Diz que vai levar para a vida o que escutou naquela conversa.

No entanto, a preocupação com a reputação faltou no processo de negociação do fim do contrato de Paolo Guerrero, avalia Tite.

– Sim, faltou cuidado para não ficar com a fama de mercenário. Eu queria que ele tivesse saído de forma diferente. O Corinthians merecia mais e ele merecia mais também. Não me pergunta quem errou, porque eu não sei – afirma.

O peruano foi liberado no dia 27 de maio, mas se apresentou ao Flamengo no começo de julho, apenas depois da Copa América, para a qual foi convocado. Foi uma operação de mais de 40 milhões de reais, envolvendo 650 mil reais mensais e luvas de 16 milhões de reais.

O treinador achou a saída de Emerson Sheik mais bonita.

– Queria que [a do Guerrero] tivesse sido conduzida da mesma forma que foi a do Sheik. Essa foi bonita. Eu estava torcendo para ser de forma diferente. Uma pena. Estava revendo a conquista do Mundial. É tão difícil conquistar as coisas. Eu lastimo. Fiquei com isso guardado dentro de mim.

O primeiro salário corintiano

Tite não ligou para dinheiro nem quando faltou.

– O dia que eu não recebia da freguesa, o Tite diz que corria um pouco no campo, se abaixava e vomitava. Ele estava fraco, mas não deixava de treinar. Nem chorava – conta a mãe, que dependia de receber das clientes para quem costurava para abastecer a casa.

Dona Ivone se lembra de que muitas vezes chegou a deixar de comer para que nenhum de seus três filhos ficasse sem alimentação.

– Acontecia de não ter comida para todo mundo. Eu colocava na mesa e eles iam comendo. Quando acabavam, saíam e eu ia raspando os pratos. Era o meu almoço.

Lágrimas apareceram em 2004 quando foi convidado pela primeira vez para comandar o Corinthians, época de crise econômica no Parque São Jorge, que estava com todas as receitas bloqueadas após o fim desastroso da parceria com a americana Hicks Muse.

A previsão era de que o Corinthians e a Hicks Muse, um fundo de investimento norte-americano, permanecessem parceiros pelo prazo mínimo de dez anos. No entanto, devido à crise econômica na Argentina – onde a empresa concentrava parte importante dos seus investimentos – e à alta do dólar no Brasil, o acordo foi cancelado apenas dois anos e meio depois de assinado. A parceria funcionava da seguinte forma: a Hicks controlava o futebol e tinha o direito de explorar a imagem do clube, ou seja, os valores dos patrocínios iam diretamente para os americanos, além de 85% do valor do passe de todos os jogadores.

A empresa tinha ajudado a montar um timaço para o segundo semestre de 1999, resgatando da Europa Luizão e Rincón, gastando sem pensar. Comprou o zagueiro João Carlos, do Cruzeiro e da Seleção Brasileira, os ponte-pretanos Daniel e Fábio Luciano. Era uma seleção que tinha ainda Marcelinho Carioca, Vampeta e Ricardinho. O maior resultado foi a conquista do primeiro Mundial de Clubes, em 2000. No meio de 2002, no entanto, a sociedade acabou. Com brigas judiciais, o clube teve uma série de problemas financeiros, além de ficar com um elenco com nomes modestos.

Foi o então diretor de futebol do clube, Antonio Roque Citadini, quem fez a proposta a Tite: 80 mil reais por mês – naquela época, já havia técnicos, no plural, ganhando 200 mil reais.

Quando ouviu a oferta, em um almoço marcado na churrascaria Bracia Parrilla, no Tatuapé, Tite se emocionou. Ele quase começou a chorar ao aceitar a proposta. Citadini lembra que ele disse, com aquele seu "gauchês":

– Tu sabes o que é dirigir o Corinthians.

Inquilinos caloteiros

Não tinham se passado nem 12 meses: Rose lamentava o fim tão breve da passagem.

O iraniano Kia Joorabchian, presidente da Media Sports Investments (MSI), nova parceira do Parque São Jorge, acabara com o sonho de Tite de ganhar títulos no maior clube que havia dirigido em sua carreira. Depois de uma derrota por 1 X 0 para o São Paulo, com um pênalti perdido pelo jovem lateral Coelho, aos 43 minutos do segundo tempo, o empresário não se conformou e entrou no vestiário cobrando satisfações do gerente de futebol da época, Paulo Angioni.

Kia Joorabchian exigia que o argentino Carlitos Tevez, adquirido por 20 milhões de dólares e principal estrela do time, cobrasse o pênalti. Tite bateu de frente com o iraniano e afirmou que o vestiário não era lugar para aquele tipo de discussão e que Coelho cobrou a penalidade porque era quem treinava e estava preparado. Para piorar, Kia se expressava de forma exaltada em inglês, não se fazendo entender e deixando a situação ainda mais confusa. A saída de Tite foi selada no dia seguinte, em uma reunião entre o técnico, a diretoria e o investidor.

Para a imprensa, Tite declarou na época:

– A MSI comandando o futebol do Corinthians, eu não participo. Não vou vender a minha dignidade. Isso eu não vendo.

Questionado sobre o assunto atualmente, Tite vai direto ao assunto:

– Sem meias-palavras: eu não era o técnico preferido da MSI.

A MSI era formada por um grupo de investidores britânicos e russos. Kia Joorabchian era o representante no Brasil, havendo a desconfiança de que na verdade não passava de um testa de ferro do magnata russo Boris Berezovsky, acusado de lavagem de dinheiro e formação de quadrilha em seu país. Após vários problemas de relacionamento entre o clube e a MSI, o Conselho Deliberativo do Corinthians decidiu de forma unânime pelo fim do acordo, em 24 de julho de 2007.

O plano da família de Tite também fora frustrado com a demissão do Corinthians em fevereiro de 2005. O casal tinha acabado de comprar uma cobertura no Tatuapé, com planos de construir a vida na cidade. Tempo de muita instabilidade para Tite. Ele não se firmava por onde passava.

– Não quisemos vender. O Tite disse: “Tenho certeza de que vou voltar para São Paulo” – conta sua esposa.

Semanas depois, em 2005, pintou um convite para comandar o Atlético Mineiro. Voltou a São Paulo, em 2006, para assumir o Palmeiras, onde também ficou pouco. Até o retorno ao Corinthians, em 2010, Tite passou por cinco times e teve quatro inquilinos diferentes na cobertura do Tatuapé.

Um deles foi o argentino Matias Defederico, do Huracán, da Argentina, contratado em agosto de 2009 por cerca de 10 milhões de reais. Com o sonho de ser um novo Carlitos Tevez para a Fiel, Defederico não conseguiu brilhar nos gramados e ainda se esqueceu de pagar o aluguel do apartamento em que morava: foi despejado, o caso foi parar na Justiça e só foi resolvido em 2014.

– Eu aluguei e não sabia para quem era. Fui saber quando o corretor veio atrás de mim, para dizer que o locatário não estava pagando e que era jogador do Corinthians. Mas não foi só o Defederico que não pagou – lembra o treinador.

Ainda teve o Leandro Lessa, conhecido no meio futebolístico como Leandro Gianechini, atacante que também defendeu o Parque São Jorge no início da década de 2000, e, mais tarde, o São Paulo, entre 2006 e 2007. Na verdade, este foi o primeiro calote tomado por Tite.

– Ele só foi pagar quando chegou um oficial de justiça para cobrar. Ele tava entrando, não deixaram. Só depois disso ele foi acertar. Precisou de oficial. Estava há um tempão sem pagar. Jogava no São Paulo e não tinha condição?

Resolvidos os problemas de pagamento, o treinador voltou para casa. Foi campeão da Libertadores, do Mundial, viu seu salário ser multiplicado por dez, mais tarde reduzido pela metade e continuou morando exatamente no mesmo lugar, onde está até hoje.

Arroz e feijão, churrasco e caipira

Antes de ter a cobertura, Tite passou alguns meses morando debaixo de uma arquibancada, em Veranópolis, entre 1992 e 1993.

Para não precisar ir e voltar todos os dias para casa, em Caxias do Sul, evitando uma hora e meia de serra a cada viagem, decidiu ficar ali no alojamento do clube, que não era dos mais estruturados.

– O Matheus [filho de Tite] dormia lá às vezes junto comigo. Um dia ele me acordou assustado, me chamando. Era uma aranha enorme, desse tamanho – recorda Tite, mostrando a envergadura do bicho com a mão esquerda.

Tite honra suas origens de classe e criação, mas contradiz sua descendência. Nhoque *alla bolognese*, risoto *alla milanese*, lasanha *quattro formaggi*, acompanhados de vinho tinto, definitivamente não lhe fazem suspirar.

– Gosta de um arroz com feijão. É isso que sempre me pede – revela a mãe, dona Ivone.

Essa mistura ele escolheu para a vida. Desde que chegou ao primeiro treino no Caxias, ainda na base, indicado por Luiz Felipe Scolari, até a conquista de mais um Campeonato Brasileiro, em 2015, poucas foram as mudanças no seu estilo de vida. A rotina continua a mesma, requintada por mais duas grandes paixões: o churrasco e a caipira de limão, que é como ele chama a caipirinha de vodca.

Não importa onde esteja, ao final de cada temporada volta ao Rio Grande do Sul e fica alguns dias em Porto Alegre no apartamento da família, onde mora a filha Gabriele.

Passa em Caxias do Sul, onde vive a mãe, dona Ivone, e os irmãos, Miro e Beatriz, e onde joga a sua pelada às terças-feiras com o time que ajudou a criar no início da década de 1980, o Carrossel.

Depois segue para Torres, no litoral gaúcho, onde tem sua casa de veraneio e gosta de ficar sem perturbação, com Rose e seus filhos, lendo livros e jornais e pensando no próximo ano que logo vem.

Pescava, mas perdeu o hábito, pois nem o remédio Dramin salva a pescaria. Da primeira vez que enjoou, o filho Matheus não esquece.

– A gente estava com meus primos, em Torres. Todo mundo começou a passar

mal. E ele [Tite] fazendo piada, que ninguém se aguentava, que estavam todos vomitando. Dali a pouco ficou silêncio e eu olhei pra trás. Meu pai, com a cabeça para cima, perguntou se dava para voltar.

Um BMW por um Monza

A vida de jogador de futebol proporcionou a Tite dias de sol, mas não o tinha deixado rico. Nos quatro anos e meio de Guarani viveu de aluguel com a esposa. Quando retornou de Campinas para Caxias do Sul não tinha como comprar um imóvel. Contou com a ajuda do sogro, que deu à filha um apartamento na cidade, como fez com todos os seus filhos.

O primeiro bem que adquiriu com o próprio dinheiro foi um Voyage verde-água, pouquinho antes de retornar ao Sul.

– Fui sorteado no consórcio e comprei. E só comprei porque eu tinha o valor na poupança para pagar o carro, caso desse algo errado. Ele era bonito. Troquei a frente por uma Souza Ramos, que era um tipo de customização disponível para alterar a aparência de uma parte do veículo. Era uma mais arrojada.

Com o dinheiro que estava guardado, Tite investiu em uma pequena loja de artigos esportivos em Bento Gonçalves, esperando que dali viesse parte do seu sustento, mas ela durou pouco tempo. Não sabia ainda o que seria do seu futuro.

Em 1993, conquistou seu primeiro título como técnico e logo em seguida ganhou o primeiro BMW, meio por acaso. O carro importado, sonho de consumo da classe boleira, foi trocado em poucos dias por um Monza.

Tite havia se sagrado campeão da segunda divisão do Gaúcho com o Veranópolis e tinha motivo de sobra para festejar, não fosse o fato de que a diretoria comunicou que não conseguiria pagar o seu salário nem honrar o bicho do acesso, de cem reais. Ganhava, na época, três salários mínimos, que em 1994 era de setenta reais por mês.

Os cartolas, então, ficaram com a dívida e só encontraram uma solução dois anos depois, no começo de 1995. Negociaram com o elenco que os pagamentos seriam feitos com uma rifa, o que foi aceito imediatamente, tamanha era a desesperança de que outra forma fosse encontrada.

Sortudo, Tite foi o ganhador do sorteio.

– O Veranópolis não tinha dinheiro para formar o time do outro ano. E eu falei para eles ficarem com o dinheiro do BMW e irem me pagando aos poucos. Os dirigentes me deram um Monza logo de cara, como parte do pagamento – lembra Tite.

O primeiro BMW zero

Quase todas as vezes que Tite comprou um carro novo foi por vontade da família, por pressão dos filhos e da esposa.

– Te dá esse presente – falava Gabriele quando via resistência do pai em trocar de automóvel.

No final de 2008, porém, comprou um sem pensar duas vezes. Tinha acabado de ser campeão da Sul-Americana com o Internacional. A equipe colorada abriu as portas para que Tite voltasse a crescer e se estabelecer como técnico. Seu último título tinha sido em 2001, justamente com o rival, o Grêmio, ano em que conquistou o Gaúcho e a Copa do Brasil

Nilmar foi o melhor jogador da final contra o Estudiantes por escolha feita pela Conmebol. Ganhou um carro da Nissan, fabricante japonesa patrocinadora do torneio, um X-Trail zero quilômetro. Tentou vender, mas não conseguiu. O jogador queria dividir o dinheiro do prêmio com o restante dos companheiros.

– O carro ficou um tempo à venda, mas não vendia. O Nilmar contou isso para o Tite e ele decidiu comprar o carro. O valor foi dividido entre todos os funcionários do Inter, por vontade do próprio Nilmar – lembra o irmão Miro.

Poucas vezes Tite usou o carro bege metálico. Guarda o Nissan na garagem, em Porto Alegre, como um troféu.

No fim de 2009, o treinador comprou seu primeiro BMW zero – duas vezes antes tinha adquirido usados. O primeiro zero, um modelo ano 2003, foi comprado em 2006 como presente de 45 anos, por insistência dos filhos.

– Meu pai estava há anos como técnico e não tinha comprado nada muito bacana. A gente insistiu muito para ele comprar. Era presente de aniversário – conta a filha Gabriele. Ele foi trocado em 2007 por outro um pouco mais novo, ano 2005.

Quem negocia os automóveis da família é o amigo Alvaro Mentta. Como não achava bons preços em Porto Alegre, foi até São Paulo pechinchar. Conseguiu um desconto de 60 mil reais com um gaúcho, que não sabia que a compra era para o Tite. Mentta, fascinado por carros, se preocupava em saber quais itens o treinador queria. A resposta era sempre a mesma: se tiver ar-condicionado e direção hidráulica está de bom tamanho.

– Eu liguei para ele pra saber onde eu mandava entregar e quem ia receber. Ele me responde: “Vem dirigindo, *bah*!”. Era novinho. Os primeiros mil quilômetros fui eu que dirigi – relembra Mentta, rindo.

Com um ano de uso, lá estava o BMW estacionado no CT corintiano naquela noite inesquecível de 2 de fevereiro de 2011, a noite da eliminação para o Tolima. O carro de Tite foi um dos dez apedrejados por vândalos encapuzados, revoltados com a derrota para os colombianos.

MERECIBILIDADE

De volta para casa

Os dez primeiros anos de Tite como treinador não foram nada fáceis. Dirigindo equipes do interior do Rio Grande do Sul, o técnico ainda buscava afirmação e a sua única conquista havia sido a Segunda Divisão do Gaúcho de 1993, pelo Veranópolis. Em 1999, recebeu o convite para retornar para o Caxias, clube em que começou a carreira de jogador profissional e no qual já havia sido treinador em 1991.

Mesmo sem nenhum medalhão, apelido dado no futebol para os craques, Tite montou um time consistente para o Campeonato Gaúcho de 2000.

O título era um sonho distante, porém um objetivo era cobrado pela diretoria: superar o eterno rival Juventude, que vivia anos de ouro com a conquista do Gauchão em 1998, da Copa do Brasil em 1999 e mantinha o status de time da elite do Campeonato Brasileiro, graças aos recursos da gestora Parmalat.

A caminhada no Gauchão de 2000 foi longa. Começou com o Caxias conquistando o direito de disputar o octogonal final do torneio, que incluía o Grêmio, o Inter e o Juventude, após ficar em segundo lugar na fase inicial, disputada apenas por clubes do interior.

A seguir, a equipe de Tite surpreendeu e papou o primeiro turno após excelente campanha. A última e decisiva partida foi a vitória sobre o Grêmio por 2 X 1, em pleno estádio Olímpico.

O regulamento determinava que o campeonato seria decidido pelos campeões do primeiro e do segundo turno. Dessa forma, o Caxias já estava classificado para a finalíssima do campeonato estadual.

O time de Tite se poupou no segundo turno e viu o Grêmio de craques como o lateral Roger, o meia Zinho e a revelação Ronaldinho Gaúcho se credenciar como o adversário para a finalíssima.

Foram duas partidas emocionantes. Na primeira, realizada no estádio Centenário, em Caxias do Sul, o Caxias venceu de forma categórica e marcou 3 X 0 sobre o tricolor gaúcho. Já na partida de volta, no Olímpico, Tite armou um

esquema defensivo forte e segurou o 0 X 0.

Caxias bateu campeão, como diz o próprio treinador, e até hoje esse é o único título da Primeira Divisão do Gaúcho do clube.

Tite relembrou recentemente a conquista em depoimento para o site oficial do Caxias:

– Entre os títulos da minha carreira, de todos os níveis, cada um tem uma história e sou grato. O grau de dificuldade e a importância que teve esse título pelo Caxias, contra equipes financeira e tecnicamente maiores, nada vai se comparar a esse time. Eu não sei se ele é o maior, mas se tiver que elencar dois ou três na minha carreira, com certeza esse vai entrar.

O também treinador Gilmar Dal Pozzo, que era o goleiro titular do Caxias na época, ressaltou a importância do comandante:

– Foi um trabalho de dois anos seguidos, era um grupo de muita personalidade, não sentia a pressão de jogar no Olímpico ou no Beira-Rio. O Tite foi determinante para conduzir o grupo.

Dois títulos em duas semanas

O início da temporada de 2001 trazia o maior desafio até então para a carreira de técnico de Tite: dirigir o Grêmio.

– Foi a primeira oportunidade em um clube de estrutura maior. Uma expectativa muito grande – relembra Tite.

Enquanto o Grêmio conquistou o primeiro turno do Gauchão e garantiu a vaga para a final com antecedência, o time sofria nas primeiras fases da Copa do Brasil, pois os dois torneios eram disputados paralelamente. A equipe comandada por Tite superou o Villa Nova, de Minas Gerais, e o Santa Cruz, de Pernambuco, revertendo as derrotas sofridas fora de casa apenas nos jogos de volta no estádio Olímpico. Foi nessa época que o treinador chegou a balançar e quase foi demitido.

O estilo de jogo proposto começou a engrenar e o tricolor gaúcho superou de forma invicta os demais adversários na Copa do Brasil: Fluminense, São Paulo e Coritiba, até chegar à final da Copa do Brasil contra o Corinthians.

Antes da decisão contra a equipe paulista, o Grêmio jogou as finais do Campeonato Gaúcho contra o Juventude, campeão do segundo turno.

O tricolor gaúcho mostrou a sua força e venceu o Juventude na primeira partida por 3 X 2, no estádio Alfredo Jaconi, em Caxias do Sul.

Em 3 de junho, no estádio Olímpico, o Grêmio voltou a vencer, dessa vez por 3 X 1, levando o caneco do estadual.

Tite era bicampeão gaúcho, mas ainda buscava maior projeção nacional.

As finais da Copa do Brasil começaram em 10 de junho, quando Grêmio e Corinthians empataram por 2 X 2 no estádio Olímpico. O resultado deu vantagem para os paulistas no jogo de volta, já que seriam campeões até mesmo com empates por 0 X 0 ou 1 X 1, por causa do critério dos gols marcados fora de casa.

Em 17 de junho o Grêmio, perante o Morumbi lotado, venceu o Corinthians de Vanderlei Luxemburgo por 3 X 1, sagrando-se campeão da Copa do Brasil.

Dois títulos em duas semanas!

– A expectativa era muito grande. O empate no estádio Olímpico, em que saímos perdendo por 2 X 2, nos deu muita confiança para jogar em São Paulo. E

a qualidade técnica da equipe era muito grande. Com uma virtude: ela tinha transações defensivas, era muito rápida, muito móvel. Praticamente não tinha zagueiros, era o Marinho, jogador de muita velocidade. Tinha o Zinho, que fazia a cadência. O restante, Marcelinho Paraíba, camisa 9, na beirada o Luís Mário, Tinga no meio... Nós fazíamos pressão alta, utilizando o [esquema] 3-6-1 o tempo todo, porque era um time móvel. Então pressionava lá dentro. Foi o time mais leve que treinei em termos criativos, com maior transição, esse time tinha rodinha no pé – lembrou Tite em entrevista ao programa *Resenha*, da ESPN.

O técnico destacou ainda, para registro no site Globo Esporte:

– O Brasil começou a olhar o Tite com outros olhos, com olhos diferentes. Antes era só o Rio Grande do Sul, porque eu tinha sido campeão estadual com o Caxias. A Copa do Brasil de 2001 foi marcante. Foi o maior 3-5-2 [com variações para o 3-6-1] que já vi numa equipe. Tínhamos mobilidade, agressividade na marcação e triangulações.

Tite permaneceu no tricolor gaúcho até junho de 2003, sem conquistar novos títulos.

Matando a saudade dos títulos

Depois da Copa do Brasil de 2001, Tite amargou um jejum de sete anos sem vencer nenhum campeonato.

Passou pelos clubes São Caetano, Corinthians, Atlético Mineiro, Palmeiras e Al Ain, dos Emirados Árabes, até voltar ao Rio Grande do Sul para dirigir o Inter.

A chegada do técnico causou furor e foi contestada pela torcida colorada, devido ao seu forte vínculo com o arquirrival Grêmio.

Apesar de o Campeonato Brasileiro ainda estar na quinta rodada quando Tite chegou ao Inter, a colocação do time era uma preocupante 17a posição, na zona de rebaixamento. Na mão do treinador, o time colorado acabou o Brasileirão na sexta colocação.

O principal resultado alcançado sob o comando de Tite em 2008 foi o título inédito da Copa Sul-Americana de forma invicta, com cinco vitórias e cinco empates. Grêmio; Universidad Católica, do Chile; Boca Juniors, da Argentina (venceu as duas partidas); e Chivas, do México (também vencendo as duas partidas) foram os adversários até a grande final, disputada com o Estudiantes, da Argentina.

A vitória por 1 X 0 no estádio Ciudad de La Plata, na Argentina, e o empate por 1 X 1 no Beira-Rio garantiram o título ao Inter e a volta das conquistas na carreira de Tite.

Pelo time colorado, Tite ainda conquistou, em 2009, o Gauchão e a Copa Suruga, que é disputada entre o campeão da Copa da Liga Japonesa e o campeão da Copa Sul-Americana. Na ocasião, o Inter venceu o Oita Trinita, por 2 X 1, em Oita, no Japão.

Tite se desligou do Internacional no começo de outubro de 2009.

A segunda opção da diretoria

O retorno de Tite ao Corinthians foi confirmado em 17 de outubro, quando o presidente Andrés Sanchez anunciou a contratação ainda no gramado do estádio Brinco de Ouro da Princesa, em Campinas, após o empate por 0 X 0 entre o Guarani e o Timão, pelo Campeonato Brasileiro de 2010.

Na realidade, Tite era a segunda opção da diretoria, que preferia Carlos Alberto Parreira, que só não aceitou o convite por ter prometido à família não voltar a trabalhar até o final do ano.

O fato de não ser o preferido pouco importou para Tite, que fez questão de ressaltar a oportunidade logo na primeira coletiva de imprensa:

– É o primeiro clube da dimensão do Corinthians a que posso retornar. A primeira passagem por aqui foi muito marcante, pessoal e profissionalmente. A mídia está aqui pela visibilidade que o cargo de treinador do clube empresta, tenho noção da responsabilidade e quero ajudar o Corinthians a ser campeão.

O técnico afirmou que, ao escolher o Corinthians, estava abrindo mão do Mundial de Clubes, pelo Al Wahda, dos Emirados Árabes, time que comandava e que disputou a competição em dezembro. Tite nem desconfiava que a dívida de jogar um Mundial de Clubes da Fifa seria paga com juros e correção monetária dois anos depois.

A segunda passagem do técnico no Corinthians foi de 24 de outubro de 2010 a 7 de dezembro de 2013. Obteve um aproveitamento total de 59%. Mais que números, o que ficou marcado foram os cinco campeonatos conquistados.

A paz do título

O primeiro título foi o Brasileirão de 2011. Mesmo sendo líder em 27 das 38 rodadas, o Corinthians passou por dois grandes momentos de oscilação que chegaram a ameaçar a conquista e o próprio cargo de Tite. O equilíbrio, tão valorizado pelo técnico, foi determinante para voltar às vitórias.

No total, o alvinegro paulista somou 71 pontos (contra 69 do vice-campeão Vasco). Venceu 21 vezes, empatou oito e perdeu nove. O time marcou em 53 oportunidades, apenas o oitavo melhor da competição, e tomou 36 gols, sendo a melhor defesa.

– A equipe pregou e procurou sempre vencer. Foi a equipe de maior saldo, que melhor se defendeu... Ela construiu durante o ano aquilo que bati muito, que é o merecimento. Estes números traduzem isso perfeitamente, e a conquista é inquestionável – avaliou Tite na coletiva de imprensa após o jogo decisivo que selou o título contra o Palmeiras (0 X 0).

No programa *Globo Esporte*, o apresentador Tiago Leifert finalizou a entrevista perguntando que palavra resumia o título, dando a ele duas opções – “alívio” ou “alegria”. Tite surpreendeu e respondeu:

– Paz.

Uma obsessão chamada Libertadores

Era a décima participação do Corinthians na Taça Libertadores da América e, até então, o máximo a que havia chegado foi à semifinal em 2000, quando foi desclassificado pelo arquirrival Palmeiras na dolorosa disputa de pênaltis.

Tantas desilusões só serviram de combustível para crescer a obsessão dos torcedores e da própria diretoria pelo título inédito. A pressão, para variar, era imensa.

Na primeira fase, o Corinthians fez parte do Grupo 6, enfrentando o Cruz Azul, do México; o Deportivo Táchira, da Venezuela; e o Nacional, do Paraguai. Classificou-se na primeira colocação do grupo e com a segunda melhor campanha do torneio, com 14 pontos (quatro vitórias e dois empates).

Nas oitavas de final pegou o Emelec, do Equador, empatando fora de casa por 0 X 0 e vencendo no Pacaembu por 3 X 0.

O Vasco foi o adversário das quartas de final, e o alvinegro paulista repetiu a dose com um empate fora e uma vitória, desta vez por 1 X 0 em casa.

A vitória por 1 X 0, na Vila Belmiro, e o empate por 1 X 1, no Pacaembu, contra o Santos garantiram o clube na final.

O tradicional, e seis vezes campeão da Libertadores, Boca Juniors, da Argentina, foi o adversário. Um empate em La Bombonera, em Buenos Aires, por 1 X 1, e a histórica vitória comandada por Emerson Sheik, por 2 X 0, no Pacaembu, garantiram o título inédito e invicto.

– O segredo do Corinthians é trabalho e competência. Se faz uma campanha como a que teve é porque tem qualidade, marcação e organização muito forte, e a equipe aliou uma coisa no final da minha palestra: amizade. É um grupo que se gosta. Quando bate a cabeça com o coração, fica muito forte – relatou um Tite emocionado ainda no gramado do Pacaembu após a conquista.

O Japão ficou pequeno

Os jogos restantes do Brasileirão serviram de preparação para a disputa do Mundial de Clubes da Fifa. A sexta colocação no nacional ficou de bom tamanho.

Logo após o final do torneio nacional, o Corinthians embarcou para o Japão em 3 de dezembro, recebendo o apoio de 15 mil torcedores que compareceram ao Aeroporto Internacional de Guarulhos para se despedir.

Já no Japão, Tite opinou sobre as chances do time no Mundial:

– O que queremos fazer é mostrar a cara do Corinthians, a cara do Emerson Sheik, a cara do Tite. A cara da nossa equipe. Sem ter euforia. Nós temos uma equipe forte, postulante ao título, mas que tem que estar no seu melhor individualmente, coletivamente, no aspecto tático, no aspecto mental...

O Mundial de 2012 foi disputado por oito equipes: Ulsan Hyundai, da Coreia do Sul (representante da Ásia); Al Ahly, do Egito (representante da África); Monterrey, do México (representante da Concacaf, Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe); Corinthians (representante da América do Sul); Auckland City, da Nova Zelândia (representante da Oceania); Chelsea, da Inglaterra (representante da Europa); e o Sanfrecce Hiroshima, do Japão (representante do país-sede).

De acordo com o regulamento, Corinthians e Chelsea entraram apenas nas semifinas e as demais seis equipes disputaram um *playoff* para definir os adversários.

A estreia corintiana ocorreu em 12 de dezembro, uma quarta-feira, no estádio Toyota, localizado na cidade de mesmo nome, no Japão, contra os egípcios do Al Ahly.

Enganou-se quem imaginou que se trataria de uma partida fácil. O Corinthians venceu apertado, por 1 X 0, com gol de Guerrero aos 29 minutos do primeiro tempo. O resultado evidenciou o nervosismo do time. Se dentro de campo o jogo não foi dos melhores, fora dele a torcida do Corinthians dava show.

Em todas as partes do estádio havia corintianos. Os gritos tradicionais do Pacaembu tomaram conta não só das arquibancadas, mas também das ruas do

Japão. Não há números precisos, principalmente porque os torcedores vinham de todas as partes do mundo, como Estados Unidos, Austrália, do próprio Japão, além do Brasil. Os mais pessimistas avaliam em 15 mil, porém, um número palpável é de 30 mil corintianos presentes.

O adversário da final era o poderoso e milionário Chelsea, que tinha se credenciado ao vencer sem dificuldades o Monterrey por 3 X 1 na outra semifinal.

Os ingleses contavam com craques como o goleiro Cech, os defensores David Luiz, Cahiill e Cole, os meio-campistas Lampard e Hazard e o atacante Fernando Torres.

No último encontro com a imprensa antes da finalíssima, Tite projetou o que seria a partida contra os ingleses:

– Equilíbrio é a melhor forma de encarar esse jogo. É fundamental. Precisamos ter muita qualidade no passe, pois são duas equipes muito compactas e que têm velocidade, além de um gramado que permite isso. Nosso time tem muita qualidade no pé e experiência para a bola não queimar.

No final da coletiva, a pedido de um câmera de emissora de TV que acompanhava o clube, repetiu um dos lemas de sua fiel torcida para demonstrar que o Corinthians estava pronto:

– Vai Curintia, é nóis, mano!

Em 16 de dezembro de 2012, Corinthians e Chelsea decidiram o Mundial de Clubes da Fifa no estádio Internacional de Yokohama, perante 68.275 pagantes.

O primeiro tempo foi truncado. O Chelsea obrigou Cássio a realizar duas grandes defesas, enquanto o Corinthians chegava ao gol de Cech por meio de contra-ataques. As coisas não mudaram muito até os 23 minutos do segundo tempo, quando Guerrero aproveitou uma sobra de bola e balançou a rede de cabeça.

A partir daí, a forte marcação do Corinthians mantinha os Blues (Azuis), apelido do Chelsea, distantes do gol de Cássio, enquanto o alvinegro continuava apostando nos perigosos contra-ataques.

Os ingleses começaram a alçar bolas na área corintiana e quase marcaram aos quarenta minutos com Fernando Torres, mas Cássio brilhou novamente. O último susto aconteceu aos 46 minutos, quando o mesmo Fernando Torres marcou um gol impedido.

O árbitro encerrou o jogo aos 49 minutos e 29 segundos.

O Corinthians era bicampeão do Mundial de Clubes da Fifa e, desta vez, sem chororô dos adversários, já que também havia ganho a Libertadores de forma invicta e incontestável.

– O troféu é uma retribuição ao torcedor corintiano pelo carinho que deu à equipe, na vinda dele para cá [Japão] e para aqueles que de alguma forma não puderam estar presentes fisicamente, mas estiveram presentes de espírito, de alma, de apoio – declarou Tite logo após a vitória sobre o Chelsea, quando concedia a sua primeira entrevista oficial à imprensa. – O mundo é corintiano, o mundo é da Fiel.

Dois campeonatos em 2013

A lista de títulos de Tite só aumentou no primeiro semestre de 2013.

Mesmo não tendo a mesma importância que tinha até a década de 1990, o Campeonato Paulista é obrigatório para o treinador que deseja entrar na história do Corinthians.

Ainda de ressaca do Mundial, o time alvinegro não empolgou na primeira fase do estadual de 2013, classificando-se para as fases finais em um modesto quinto lugar.

Reencontrou o bom futebol nas quartas de final, quando goleou a Ponte Preta por 4 X 0, no estádio Moisés Lucarelli, em Campinas. Na semifinal enfrentou o São Paulo e, após um placar 0 X 0, venceu o rival nas penalidades.

O Santos foi o adversário da final. No primeiro jogo, realizado no Pacaembu, o clube venceu por 2 X 1. No jogo de volta, na Vila Belmiro, casa do Santos, o Corinthians garantiu o título com o empate por 1 X 1. Era o quarto título de Tite no comando do Coringão.

A Recopa Sul-Americana foi disputada em julho e reuniu o campeão da Libertadores e da Copa Sul-Americana em 2012. Corinthians e São Paulo, clássico conhecido como Majestoso, foi disputado em duas partidas e o time venceu as duas (2 X 1 no Morumbi – com um golaço de Renato Augusto de cobertura em Rogério Ceni – e 2 X 0 no Pacaembu).

Com a Recopa, Tite acumulou cinco títulos no Parque São Jorge e tornou-se o técnico com mais vitórias na história do clube, superando o também gaúcho Oswaldo Brandão, que conquistou quatro títulos. Como bônus, Tite também se tornou o técnico campeão de todos os torneios oficiais de primeira divisão possíveis no Brasil.

Trapaça contra o Santos: o veto de Tite

Tite jura de pés juntos que jamais pediu por vitórias nas suas orações. Ajoelhado, com a Bíblia e as santinhas à sua frente, mais algumas velas, faz uma única prece: por merecimento.

É essa uma das suas palavras prediletas, quando transformada em verbo forma a frase mais repetida nas preleções ao longo da carreira: “merecer vencer”. Sua marca registrada.

Pede, inclusive, na hora da reza, saúde para os adversários, para que ninguém se machuque no jogo. Que haja discernimento nas decisões do árbitro, para os dois lados.

– Bom jogo, saúde para todos e que as divididas sejam todas leais – discursa minutos antes de um confronto.

Ai de algum jogador que tente dar de malandro no treino, fingindo não ter encostado na bola na saída de um lateral, ou usando a mão para balançar a rede. Fazer cera, então, ainda pior. Não quer e ponto-final: não está em discussão. Tem por trás desse princípio o conceito de que um dia a cobrança pelos desvios chega.

Se tivesse que apontar uma pedra no sapato do Corinthians na campanha do hexacampeonato, certamente o dedo se esticaria para o Santos. Ricardo Oliveira, Lucas Lima, Gabriel e Marquinhos Gabriel – não havia esquema tático que parasse o quarteto adversário.

Já tinham sido quatro jogos sem conseguir ganhar no ano (e nove desde a última vitória), contando a eliminação na Copa do Brasil nas oitavas de final, suficientes para incomodar a diretoria do Parque São Jorge.

Era o último confronto em 2015, em casa, com um sol escaldante, no horário novo criado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), às 11 horas do domingo. Reta final do Campeonato Brasileiro, com cinco pontos em relação ao Atlético Mineiro, que jogaria no final do dia contra o Flamengo, em Minas Gerais. Não podia vacilar.

Veio então a sugestão, feita por um sujeito oculto e indeterminado, que eu não conseguirei também revelar a identidade: “Vamos molhar só um lado do campo”.

Explica-se: para todas as partidas em Itaquera é feita uma irrigação no

gramado antes de o juiz apitar. É a forma que o clube prefere jogar – e ainda usa como justificativa que a grama necessita de tal cuidado. Com a água disparada especialmente dentro da grande área e ao seu redor, a bola rola com mais facilidade, apesar do alto índice de escorregões – normalmente dos adversários.

Qual era o plano, então, do sujeito oculto e indeterminado? Se molhasse apenas o lado do ataque corintiano, a velocidade de Elias, Jadson, Renato Augusto, Malcom e Vagner Love seria a mesma a que estavam acostumados. Já a orquestra do maestro Lucas Lima teria mais dificuldades de locomoção. Tite, porém, vetou a manobra.

– Foi aventada a possibilidade, para nós tirarmos vantagem. Eu disse: “Não, cara... Nós vamos ganhar sendo o melhor, o mais competente”. E me falaram: “Mas é a gente quem decide se vai molhar ou não, é uma prerrogativa nossa”. E eu disse: “Eu sei”. Eu me senti mal de ter essa possibilidade. Não aceitei. O Edu Gaspar me falou: “Eu sabia que você não ia aceitar, professor”. E a gente molhou o campo todo, porque a gente gosta dele assim. Eu falei: “Vai terminar o jogo e vocês terão mais orgulho”.

Tite classifica a apresentação do Corinthians naquela tarde como sublime: 2 X 0, com dois gols de Jadson.

Segundo duas pessoas da diretoria corintiana, a sugestão surgiu dias depois da eliminação na Copa do Brasil, em 27 de agosto, jogo contra o Santos, assistido por Dunga e Gilmar Rinaldi, técnico e coordenador da Seleção Brasileira. Enquanto assistiam Lucas Lima brilhar, os dois admiravam o quanto o gramado molhado fazia bem ao time da baixada.

Amizade com Felipão chega ao fim

Não roga por vitórias, tampouco pede piedade dos adversários. Queria merecer ganhar na partida jogada.

Luiz Felipe Scolari, quem lhe iniciou na carreira profissional de jogador, era o comandante do Palmeiras no domingo, dia 6 de fevereiro de 2011, logo depois da eliminação vexatória do Corinthians para o Tolima. Felipão deu naquela semana uma declaração polêmica, reproduzida abaixo, que acabou rompendo publicamente a relação dos dois, com direito a troca de farpas em entrevistas.

– Eu fico desestimulado ao saber que o Tite pode cair com uma derrota. Todos devem assumir o que aconteceu no Corinthians. Se tivesse que dizer algo agora sobre a chance de o Tite sair, falaria que gostaria até de perder esse jogo.

O fim da amizade, no entanto, aconteceu antes, em 2010, como confirmou Tite para mim, segredo que guardou durante esses anos. Seu irmão Miro explica:

– O Felipe Scolari entregou o jogo contra o Fluminense no Brasileiro de 2010. É uma boa pessoa, mas é um profissional que se transforma. O Felipe é malandragem, é ganhar de qualquer jeito. É um cara de família e eu admiro ele por isso. Mas entra em campo e esquece da vida. Ali acabou a relação.

A partida citada aconteceu em 28 de novembro, na penúltima rodada do Brasileiro de 2010. A disputa pelo título daquele ano ainda estava aberta. Fluminense era o líder da tabela, com 65 pontos, enquanto o Corinthians tinha um a menos, 64. O Cruzeiro vinha logo atrás, com 63.

O tricolor de Laranjeiras, comandado por Muricy Ramalho, foi jogar contra o Palmeiras, na Arena Barueri, às 17 horas daquele domingo. Se o alviverde de Felipão ganhasse, daria uma mãozinha para o time do Parque São Jorge encostar na liderança caso também vencesse o seu jogo, contra o Vasco, no Pacaembu.

Durante aquela semana, Scolari foi perguntado sobre o confronto contra os cariocas.

– Eu nem sei se tem jogo no domingo. Vai ter jogo no domingo? Se tiver, quando eu chegar eu respondo – disse, ironicamente, em coletiva de imprensa.

A postura do então amigo irritou Tite. Felipão até tentou se redimir depois, cobrando seriedade no dia do duelo e escalando nove titulares, mas não mudou a impressão que já havia deixado. O incômodo foi ao auge aos 13 minutos do

segundo tempo, quando o Fluminense virou o jogo em Barueri, com gol de Tartá. Dinei foi quem abriu o placar para o Palmeiras, com um golaço, e Carlinhos tinha conseguido o empate ainda antes do intervalo. No Pacaembu, o placar de 2 X 0, com gols de Bruno César e Danilo, dava esperanças aos alvinegros. Mas o gosto da liderança durou pouco.

No início da carreira, Tite ligava com certa frequência a Scolari para tirar dúvidas. Queria saber, por exemplo, como foi que encaixou o 3-5-2 no Grêmio, qual era o posicionamento dos meio-campistas no esquema tático.

– Meu irmão falou isso [sobre o Felipão]? Ele assume. Eu digo o seguinte: gratidão eu tenho pelo início, por conselhos e orientações. Depois desse jogo de 2010, passou a ser uma relação profissional. Eu assisti e fiquei quieto. Após a manifestação, em 2011, eu também me manifestei. Mas a data marcante é 2010. Não perdi a gratidão, mas eu comecei a ver com outros olhos – disse Tite em nossa conversa.

A cicatriz ficou para sempre.

Fala muito

Logo depois desses dois episódios veio o “fala muito”, eternizado na memória dos mais de 30 milhões de corintianos: no dia 1o de maio de 2011, na semifinal do Campeonato Paulista, Tite e Felipão tiveram mais um bate-boca público.

As polêmicas envolvendo o clássico começaram antes mesmo do dia da partida. O *Jornal da Tarde* cravou uma semana antes do sorteio que seria Paulo César de Oliveira o árbitro do duelo, indicado pelo Corinthians, com aval do Palmeiras.

Mesmo com pedidos de mudança, a Federação Paulista de Futebol o manteve entre os oito da lista que poderiam ser sorteados. Em transmissão ao vivo, e com testemunha, não deu outra. Paulo César teve o nome confirmado – sua chance era de 12,5%, como a dos demais.

Em meio a essa tensão, a semifinal começou. O confronto estava pego, era jogo único para decidir quem ia à final. Cerca de 33 mil pessoas foram ao Pacaembu naquela tarde de domingo.

Aos vinte minutos do primeiro tempo, um lance que também ficou marcado para sempre. Valdivia tentou dar um chute no vácuo, provocação que virou sua marca registrada, mas houve um contratempo. Sentiu uma fisgada na parte posterior da coxa esquerda e teve de ser substituído.

Na beira do campo, os dois treinadores já se desentendiam. O corintiano começou a se irritar por achar que o palmeirense estava pressionando muito a arbitragem, pedindo faltas, reclamando além da conta. Enquanto pensava em quem colocaria no lugar do chileno, Felipão viu seu zagueiro Danilo ser expulso, após um duro carrinho em Liedson, e se transtornou. Resultado: Felipão também tomou um cartão vermelho e teve de se retirar. Neste momento, Tite não se conteve.

– Você fala muito, fala muito, fala muito! – gritava, abrindo e fechando as duas mãos, bem perto da boca, como uma mímica do seu desabafo.

Depois do jogo, Tite mostrou-se arredio com o colega, ou ex-colega.

– Vou falar uma vez só. Eu sigo minha vida e ele a dele – declarou.

O sofrimento dentro de campo foi até os pênaltis. O Palmeiras abriu o placar aos sete minutos do segundo tempo, com o zagueiro Leandro Amaro, de cabeça.

O empate veio aos 19 minutos, também de cabeça, com Willian. E ficou nisso. Nas cobranças, Chicão, Willian, Fábio Santos, Leandro Castán, Morais, Ramírez converteram para o Corinthians, enquanto Kleber, Marcos Assunção, Márcio Araújo, Luan e Thiago Heleno fizeram para os rivais. Já nas alternadas, João Vitor desperdiçou, colocando a equipe do Parque São Jorge na final.

O título, porém, ficou com o Santos. Nas decisões, o primeiro jogo terminou em um empate de 0 X 0, no Pacaembu. Em 15 de maio, Neymar e Arouca garantiram a conquista na Vila Belmiro – Morais marcou no final, mas não evitou a derrota.

Lucca, talismã do hexa

Matheus, filho de Tite, nunca chegou muito longe como jogador. Começou no futebol de campo muito tarde, uma das suas frustrações.

– É uma coisa que eu ainda tento entender e falo para o meu pai. Por que ele não me levou pra jogar no campo antes? Eu acabei indo por causa dos meus amigos da escola, com 17 anos. Eu acho que talvez eu também nunca tenha sido firme para demonstrar que eu queria – contou para mim.

Tentou, com a indicação do pai, uma vaga no Grêmio. Ficou um mês treinando, mas foi dispensado. Foi para o Cruzeiro de Porto Alegre, onde jogou por dois anos, primeiro como centroavante, depois como zagueiro. Como o pai, machucou o joelho e teve de operar – foram duas cirurgias ao longo da vida.

– Filho de atleta traz uma sobrecarga grande, um comparativo grande. Eu me escondia para vê-lo no futsal e, de repente, alguém me via. E eu não gosto desse tipo de coisa. Isso gera expectativa e comparação. Eu evito essas situações. Nunca quis induzir, mas fui abrindo caminhos quando ele mostrava o que queria. Não sou de forçar, não faço isso com ele, não faço com a minha filha nem com os atletas – explicou Tite.

Após dez meses parado, Matheus foi para o Três Passos, no interior do Rio Grande do Sul. Chegou a jogar a Série B do Gaúcho, quando foi convidado por Paulo Neto, que tinha trabalhado no Corinthians, para estudar e disputar a Liga Universitária nos Estados Unidos, onde ficou entre 2010 e 2014.

Foi ali que começou a amadurecer ainda mais a ideia de iniciar uma carreira na área técnica do futebol. Ele se formou em ciência do exercício, mas há muito tempo já ocupava a função de olheiro e auxiliar de Tite, pelo menos dentro de casa. Na volta ao Corinthians, o treinador já havia se decidido: queria o filho ao seu lado para a nova passagem. Matheus, porém, não se sentiu à vontade.

Queria ter o mínimo de rodagem no ramo e preferiu prorrogar o convite. Ficou durante seis meses fazendo intercâmbios em vários clubes, construindo e aperfeiçoando a sua maneira de ver o futebol: passou pelo Caxias, do Rio Grande do Sul; Flamengo; Barcelona, da Espanha; Shakhtar, da Ucrânia; e Inter de Milão, da Itália.

Durante esse período houve momentos de crise. Das arquibancadas, no

Caxias, ouviu torcedores questionando se era merecida sua presença ali ou se era apenas por ser filho do campeão gaúcho de 2000.

– Fiquei bastante chateado em um momento. Saindo do campo ouvi que só estava lá porque era filho do Tite, que poderiam ter trazido alguém que ajudasse mais, que fosse mais gabaritado. Fiquei pensando e depois liguei para o meu pai para desabafar.

Ouviu de Tite as seguintes palavras:

– Tu tá fazendo o teu melhor e ninguém sabe que tu não tá ganhando nada para isso. Continua fazendo teu trabalho e não te importa com isso.

Em setembro, então, achou que já era hora. Mal chegou e já tinha uma indicação para dar: Lucca, o atacante contratado que virou talismã da torcida no hexa. Com 25 anos, alvinegro desde criança, foi emprestado pelo Criciúma, em setembro. Em dois meses caiu nas graças da Fiel: marcou o terceiro gol do placar final 3 X 0 contra o Atlético Mineiro[1], na final antecipada, de voleio, no Independência, e também deixou a sua marca contra o Coritiba[2], em Itaquera, justamente o gol da vitória, que deixou o time ainda mais perto da taça.

A mentira que a Conmebol queria

Em 2012, Tite teve de pedir para seu filho sair da sua sala no CT do Corinthians para terminar uma conversa. Isso aconteceu em uma sexta-feira, 25 de maio. Matheus ainda cursava a faculdade nos Estados Unidos, estava de passagem pelo Brasil e acompanhava a fase final da Copa Libertadores.

No jogo anterior àquele dia, no dia 23, disputa pelas quartas de final contra o Vasco, seu pai tinha protagonizado um dos momentos mais épicos da história do time do Parque São Jorge: reclamou de uma falta não marcada, foi expulso pelo árbitro Leandro Vuaden aos 11 minutos do segundo tempo e acabou parando nas arquibancadas do Pacaembu, de onde continuou comandando a equipe, ao lado do gerente Edu Gaspar, passando instruções e sendo até ajudado por torcedores.

O treinador assistiu lá das numeradas do Paulo Machado de Carvalho a algumas cenas de que jamais se esquecerá: viu Diego Souza partir livre aos 18 minutos, depois de um erro de Alessandro, chegar sozinho na grande área corintiana e ser parado de forma magistral por Cássio, na maior defesa da sua carreira, e, aos 42 minutos, viu um gol redentor de Paulinho, de cabeça, após cobrança de escanteio feita por Alex. Sentiu de perto a Fiel, enlouquecida como nunca. Faltavam 360 minutos para a conquista tão esperada.

O próximo passo: semifinal contra o Santos.

– *Nosotros vamos aplicar un partido de supencion para o señor Tite* – ouviu o advogado do clube paulista, João Zanforlin, ao ligar para a Conmebol, com o espanhol que ele mesmo reproduz.

– Mas eu preciso fazer uma defesa. Como eu faço?

– *Envia una carta para nosotros, argumenta que el entrenador estaba hablando con sus jugadores. Pero usted debe tener una carta de él, de su propia mano*.

João Zanforlin foi ao CT, conversar pessoalmente com o professor Tite.

– Só há uma saída pra você estar no jogo contra o Santos: escrever uma carta dizendo que estava falando com seus jogadores e não com o árbitro.

Tite pede delicadamente para Matheus sair da sala.

– Doutor, se eu tiver que mentir, vou ser punido por isso mais adiante. Eu não vou escrever uma carta dizendo uma coisa que não é verdade. Eu falei com o

juiz mesmo e não vou mudar isso. Se quiserem me suspender, deixem me suspender.

O advogado deixou a sala, em busca de uma alternativa. Não havia nenhuma regra da Fifa que previa suspensão automática para um treinador. Luiz Felipe Santoro, também advogado do Corinthians, enviou um ofício argumentando que não havia motivo para a punição e conseguiu a liberação.

No jogo contra o Santos, lá estava Tite: de volta ao banco de reservas.

O sobrinho do massagista

O primeiro título conquistado por Tite foi a Segunda Divisão do Gauchão, em 1993, dirigindo o modesto Veranópolis. O título veio três anos depois de iniciar a carreira de treinador no seu terceiro clube. Os anteriores foram o Guarany, de Garibaldi, e o Caxias.

Na pequena comissão técnica havia o massagista João Carlos, mais conhecido na cidade como Kojak, que tinha o costume de carregar seu sobrinho de seis anos, fanático por futebol, em todas as oportunidades. O menino tinha a incumbência de pegar bolas nos treinamentos e era figurinha carimbada em todas as partidas. Ficava atrás do gol vibrando. O moleque estava tão presente no dia a dia da equipe que se tornou mascote do Veranópolis, clube que Tite comandou de 1992 a 1995.

Esse menino só foi reencontrar Tite em 2012, em uma situação totalmente diferente. Já com 1,95 metro de altura, o encabulado goleiro Cássio, contratado pelo Corinthians no começo daquele ano, foi comentar com o treinador que o conhecia desde criança e que era o sobrinho do Kojak, aquele do Veranópolis.

– Não me recordo do Cássio, até porque ele era muito pequeno, mas o Kojak é uma pessoa com quem tenho contato até hoje. O Cássio é o que é hoje graças ao Kojak, que sempre foi um cara do bem. Foi bom saber que voltaria a trabalhar com uma pessoa da família deles agora no Corinthians – declarou Tite à imprensa quando soube da história.

Uma revelação e um segredo sobre a arbitragem

Tite admite sem rodeios: há trabalho de bastidores com a arbitragem. Guarda, no entanto, um segredo que diz não poder revelar. Reproduzo abaixo o diálogo que tive com ele, durante a nossa conversa em sua casa:

Camila Mattoso (CM): Tite, pessoas próximas me disseram que você tem uma desconfiança muito grande do árbitro Héber Roberto Lopes. O que é?

Tite (T): Apitou muito bem o jogo [contra o Atlético Mineiro, na Arena Independência, no Brasileiro de 2015]. E apitou muito na final da Copa do Brasil [Palmeiras X Santos] também. Mas eu não gostaria que ele apitasse os jogos que eu estivesse dirigindo.

CM: Por quê?

T: Se eu te responder, vai dar livre associação [em relação a Héber Roberto Lopes]. Apitou muito nos dois jogos. E eu não queria nunca mais trabalhar com ele.

CM: Existe trabalho de bastidor com a arbitragem?

T: Existe. Muito.

CM: Isso te incomoda?

T: Demais.

CM: Você pede para o Corinthians não fazer?

T: Sim. Pedi. Em alguns momentos faz, em outros, não. Não sou puritano, não sou o homem do passo certo, só tenho princípios.

CM: Você preferiria não ficar sabendo?

T: Não, eu gostaria sempre que tivesse um trabalho do tipo “não me prejudique”. Só isso.

CM: É esse o trabalho que você gostaria que o Corinthians fizesse?

T: Sim, sim.

CM: E outros tipos?

T: Eu não comungo. Se vai fazer, é contra os meus princípios.

Emendo outra pergunta, mudando de assunto e vem um silêncio de cinco longos segundos.

T: Estou viajando aqui. Desculpa. Estava viajando na arbitragem. Eu não posso falar.

CM: Não? Tem certeza?

T: Não posso falar. Certeza.

Héber foi o juiz do jogo decisivo do hexacampeonato contra o Atlético Mineiro, no Independência, em novembro de 2015. O Corinthians ganhou por 3 X 0. Antes disso, porém, com ele apitando, o time paulista não vencia havia cinco anos, desde 2010. Comandou, nesse período, dez partidas do clube, com seis empates e quatro derrotas. A última vitória com ele tinha sido em 24 de outubro de 2010, no clássico contra o Palmeiras. Na ocasião, a equipe venceu por 1 X 0, com gol de Bruno César, no Pacaembu. Foi a reestreia de Tite no clube, quando tinha acabado de voltar dos Emirados Árabes.

Amarilla nunca mais

Diz seu irmão Miro que há duas pessoas com quem Tite não gostaria de cruzar na rua, fora do ambiente de trabalho, por nada no mundo: o personagem citado anteriormente, Héber Roberto Lopes, e Carlos Amarilla, árbitro paraguaio que apitou o jogo da eliminação do Corinthians contra o argentino Boca Juniors, em 2013, nas oitavas de final da Libertadores.

Carlos Amarilla cometeu uma série de erros grosseiros naquela noite de 15 de maio, no Pacaembu, levantando suspeitas em relação à sua arbitragem.

Precisando vencer, o clube paulista partiu para cima do Boca Juniors, já que a equipe paulista havia perdido por 1 X 0 no jogo de ida, em Buenos Aires.

Foram três os erros cruciais que mudariam totalmente o andamento da partida e do próprio torneio: se o Corinthians vencesse por uma diferença de dois gols, continuaria na disputa pelo bicampeonato.

Logo no início do jogo, o defensor Marín, do Boca Juniors, colocou a mão na bola dentro da sua área e nada foi marcado. Esse foi o único lance que posteriormente Carlos Amarilla assumiria ter errado, mas justificou que sua visão estava encoberta naquele momento.

Aos 23 minutos do primeiro tempo, um gol de Romarinho foi anulado de forma equivocada, já que o atacante corintiano não estava em impedimento.

Para fechar a lambança, aos 36 minutos do segundo tempo, Emerson Sheik foi empurrado na área e nada foi marcado.

A ajuda da arbitragem ao Boca Juniors ficou tão clara que o jornal argentino *Olé*, que tradicionalmente provoca os brasileiros, estampou como sua manchete “Una mano Amarilla”, ou seja, “Uma mão Amarela”, fazendo um trocadilho infame com o nome do árbitro.

Quase dois anos depois, em junho de 2015, foi feita uma revelação interessante no canal argentino América TV. Uma escuta telefônica mostrou irregularidades cometidas por Júlio Grondona nos 35 anos em que foi presidente da Federação Argentina. Amarilla aparece entre as suspeitas, citado pelo cartola como “o maior reforço que o Boca teve”, referindo-se ao jogo do Pacaembu. O paraguaio jura inocência e diz desconhecer as causas da citação.

O pressentimento sobre Guiñazu

O “Fantasma Amarilla” já havia assombrado Tite antes e quase passou despercebido. Nos mais de vinte anos de carreira como técnico de futebol, Tite amadureceu um ensinamento que carrega até hoje: a busca incansável por antecipar situações. O conceito é simples de entender: ao criar especulações e hipóteses diversas do que pode acontecer, é possível determinar uma ação rápida de forma planejada, evitando improvisos. É a tentativa constante de prever o futuro, de não ser pego de surpresa. Aprendeu isso “comendo muita massa”, como ele mesmo diz: “Errando muito e perdendo em dobro”.

Minutos antes de entrar em campo no estádio Ciudad de La Plata, na Argentina, para o primeiro jogo da decisão da Copa Sul-Americana contra o argentino Estudiantes, em novembro de 2008, Tite tinha algo que o incomodava.

– Não saía da minha cabeça. Eu tinha que dividir aquilo – lembra o treinador.

Já havia estudado o time argentino de trás para a frente, junto com a sua comissão, mas achava que algo estava escapando.

– Cleber, tem uma coisa me incomodando. O que a gente faz se a gente tiver algum jogador expulso? – perguntou Tite ao auxiliar Cleber Xavier, no vestiário.

Os dois começaram a pensar, então, quais seriam as possibilidades.

– Se for um lateral? A gente pode baixar o Alex [meia]. E se for um atacante? Mais fácil, a gente faz duas linhas de quatro e centraliza um... – ia rabiscando Cleber em um papel, conjecturando.

O jogo, enfim, começou. No sexto minuto do primeiro tempo, Guiñazu deu uma entrada de carrinho em cima do adversário e o árbitro deu cartão amarelo para o jogador colorado. Aos 25 minutos o volante tentou um desarme, entrou com muita força e mais uma falta foi marcada: recebeu o segundo cartão e foi expulso do gramado.

– Aquilo foi mais do que tentar antecipar situações, acho que foi intuição mesmo. Era um pressentimento que eu nunca tive igual. A gente já estava preparado quando aconteceu a expulsão, conseguimos nos reorganizar de forma rápida e encaixamos de novo – conta Tite.

Sete minutos depois, Nilmar recebeu lançamento na área, ganhou do zagueiro, mas foi derrubado. Pênalti para o Internacional. Alex ainda teve que cobrar duas

vezes para garantir o tento.

– Foi um pênalti escandaloso, não tinha como não dar. Fez o primeiro e o árbitro mandou voltar. Sabe quem era o juiz? O Carlos Amarilla. Pode acreditar! Eu só fui conectar isso há pouco tempo. Não tinha guardado isso. Não me pede para comentar, mas ele pediu para cobrar de novo e expulsou o Guiñazu, contra um time argentino. O julgamento fica para quem estiver lendo – desabafa o gaúcho.

A tragédia de Oruro

Se 2013 será por vezes lembrado pela péssima atuação de Amarilla, jamais será esquecido por uma tragédia que aconteceu dois meses antes, em Oruro, na Bolívia. Na fase de grupos do torneio, um sinalizador da torcida corintiana matou Kevin Espada, um garoto de 14 anos, fanático pelo San José, time da cidade que enfrentava o Corinthians naquela noite de 20 de fevereiro.

O cilindro de plástico com 2,5 centímetros de diâmetro e vinte centímetros de comprimento, segundo dados do inquérito aberto para apontar os culpados, atravessou o olho e perfurou o crânio do adolescente. A morte foi instantânea, com perda de massa encefálica.

Ainda no estádio da partida, o Jesús Bermúdez, 12 torcedores corintianos foram presos com nove artefatos e ficaram detidos na Bolívia, sendo libertados mais tarde por falta de provas. Um grupo de sete torcedores foi o primeiro a conseguir a liberdade, apenas em junho de 2013. Os outros cinco corintianos só deixaram o Centro Penitenciário de San Pedro, em Oruro, no início de agosto de 2013.

Um menor, identificado como H.A.M., na época com 17 anos, assumiu ser o autor do disparo do sinalizador que vitimou Kevin assim que desembarcou em São Paulo. Na época, houve forte desconfiança de que se tratava de uma manobra para inocentar os torcedores presos e que o menor seria apenas um "laranja", pois não poderia ser extraditado para a Bolívia por razão da sua idade. A identidade desse torcedor foi revelada assim que ele completou a maioridade: tratava-se de Hélder Alves Martins, que após o incidente recebeu apoio para conseguir emprego numa rede de cinemas em São Paulo, além de bolsa de estudos para completar o segundo grau e também para a faculdade, que acabou desistindo. Hélder manteve-se afastado da torcida uniformizada Gaviões da Fiel por um período, retornando após a poeira baixar, onde tornou-se responsável pelo Departamento de Bandeiras.

Atualmente, a polícia da Bolívia ainda tem o caso aberto. A do Brasil o arquivou seis meses depois.

– Eu só tenho que pedir que me desculpem. Eu sei que isso não vai tirar a dor de vocês, não vai tirar a dor da família, mas nós estamos muito sentidos. Eu

trocaria o meu título mundial pela vida desse menino – declarou Tite, em coletiva de imprensa que teve um minuto de duração.

RESPEITABILIDADE

As velas contra o Red Bull

"Merecer vencer" não é um estado de espírito. Não se acorda, abre a janela, olha para o céu e pensa: "Hoje eu mereço vencer". Para Tite, é fruto do trabalho incansável, da preparação perfeita, dos mínimos detalhes, do bom ambiente e, igualmente importante, do respeito entre companheiros e adversários.

Foi no jogo contra o Red Bull, na 10a rodada do Campeonato Paulista de 2015, em Itaquera, que o professor deu seu primeiro sermão no pós-jogo, desde que havia voltado ao Corinthians. O meio de campo alvinegro não funcionou como nos outros duelos do fulminante início de temporada. Nem Paolo Guerrero, nem Emerson Sheik, nem Vagner Love, nem Malcom. Ninguém conseguiu furar a defesa da equipe da empresa de energéticos.

Acabaram os 100% de aproveitamento em casa no Paulista: 0 X 0, o primeiro empate do campeonato em Itaquera. Mas o time estava com 22 pontos, era líder da segunda chave, vivia um bom momento na Libertadores. Tinha conseguido se classificar para a fase de grupos do torneio, com uma vitória e um empate contra o Once Caldas e tinha derrotado o São Paulo e o San Lorenzo na nova etapa.

O treinador nada fez de diferente naquela tarde de 14 de março. Entrou no vestiário com sua vela e suas imagens de santas, além do terço que carrega em sua mão. Sozinho, se abaixou com um dos joelhos no chão e fez sua oração. Ele, aliás, não é o único a cumprir o ritual. Ralf, Jadson, Cássio, Gil, Edilson, entre outros, também sempre tiveram a mesma rotina.

As velas ficam no chão, acesas, durante os noventa minutos de jogo, em um cantinho fixo do vestiário, ao lado da imagem de Nossa Senhora Aparecida. São apagadas apenas depois do fim do duelo, após a reza de agradecimento. Naquela tarde, porém, Tite não se conformou com o que viu. Havia apenas três velas!

Lembrou-se que dez dias antes, na Argentina, no El Nuevo Gasómetro, em Buenos Aires, no jogo contra o San Lorenzo pela Libertadores, eram pelo menos dez velas acesas e a vitória veio por 1 X 0, com um belo gol de Elias. E não era por ser o time do papa Francisco. Com o São Paulo, na estreia do torneio sul-

americano, havia sido assim. Contra o Once Caldas, antes da fase de grupos, a mesma coisa.

– Tamanho foi o grau de desmobilização. Tanto eu sei do nível de preparação, de concentração de vocês e do fortalecimento espiritual que cada um de vocês tem, que eu olhei e tinha três velas... Se fosse jogo de Libertadores, não estaria daquele jeito. O nível de envolvimento nesse jogo, contra o Red Bull, contra o Ituano, contra qualquer um, tem que ser o mesmo de todos os outros momentos – falou, no tom de voz que lhe é peculiar quando quer chamar a atenção.

Com um futebol acima da média, o Corinthians liderou o Grupo B durante todo o Campeonato Paulista. Foi para as quartas de final e conseguiu ganhar da Ponte Preta, em jogo único, com gol de Renato Augusto e uma ajudinha do bandeira Vicente Romano Neto, que deu um impedimento inexistente no gol de Renato Cajá.

Em Itaquera, a equipe comandada por Tite parou na semifinal, contra o Palmeiras, na disputa por pênaltis. Danilo e Mendoza, pelos alvinegros, e Victor Ramos e Rafael Marques marcaram no tempo normal. Elias e Petros pararam nas mãos de Fernando Prass, acabando com a chance de uma vaga na final do Paulistão.

“Pato, tu tem que deixar de ser egoísta”

Na segunda passagem pelo Corinthians, entre 2010 e 2013, o treinador criou um hábito que ficou conhecido pelos jogadores como “terapia do Tite”. Às vezes, na véspera de um jogo, o treinador reunia o elenco para uma conversa mais cabeça. Nada de tática, nem técnica, nem estratégias. Queria ouvir o que cada um estava sentindo, como estava mentalmente. Fazia o encontro, normalmente, quando sentia que havia alguma coisa desencaixada.

– É a oportunidade dos jogadores falarem dos anseios, das vontades, dos problemas, do que pode contribuir. Eu gosto de fomentar isso. Chamo a liderança, o garoto mais jovem... Isso ajuda dentro de campo também. Com o Pato, eu sempre tentava incentivar o espírito de equipe, tentava fazer com que ele falasse algo sobre isso. E ele enrolava muito. Eu me lembro de uma vez específica, que ele enrolou e enrolou, não conseguia desenvolver e eu cortei: “Então, Pato, o senso de equipe é importante, né? O individual é importante, mas a equipe é mais, certo?”. E passei para outro. Ele não saía do lugar.

A situação se repetiu outras vezes, fazendo com que os companheiros do grupo chegassem à conclusão de que Alexandre Pato tinha um mundo paralelo em que ele vivia, completamente desligado da realidade.

– É o jeito dele, mesmo. Saiu daqui do Brasil com muita ostentação. Sílvio Berlusconi, um dos homens mais importantes da Itália e proprietário do Milan, levava ele aqui, ó. E eu tentei mostrar que ele ia ser igual a todo mundo, que iria para o banco também e que não ia ser o centro. Que ia ralar igual a todo mundo. Talvez tenha sentido esse processo. Eu espero que ele tenha mudado. Espero que tenha amadurecido – reforça o treinador atualmente.

Mas o caso mais emblemático da passagem de Pato pelo Corinthians ainda estava por vir. As cenas são inesquecíveis na cabeça de Tite. Em outubro de 2013, segunda e decisiva partida da fase de quartas de final da Copa do Brasil, Arena do Grêmio, em Porto Alegre, Walter, goleiro reserva do Corinthians, entrou no vestiário chutando a porta, enlouquecido.

O meia Danilo desceu logo em seguida, nervoso como em poucas vezes fora visto, acompanhado do terceiro goleiro da equipe na época, seu xará, Danilo Fernandes, na mesma situação.

Alexandre Pato havia acabado de cavar sua própria cova: tentou de forma vergonhosa dar uma cavadinha na última cobrança da disputa de pênaltis contra o Grêmio. O time alvinegro estava eliminado.

Não tinha sido o único a errar. Danilo e Edenilson também pararam em Dida, mas de maneira compreensível. Tite entrou no vestiário desvairado. Andava de um lado para o outro inconformado com o que tinha passado naquela noite – o time vivia um momento de crise, o treinador havia quase pedido demissão duas semanas antes.

– Professor, eu tô construindo a minha vida, eu quero crescer e... – Danilo Fernandes se aproximou do técnico e desabafou.

– Ele não tem esse direito. Não tem. Deixa comigo, deixa comigo – interrompeu Tite, pegando na mão do goleiro.

– Calma, professor, calma. Não é hora de falar nada agora – tentou intervir o lateral Fábio Santos, um dos mais calmos naquele momento, ao lado de Ralf.

– Calma o caralho. É um egoísta... Só pensa nele! Tem de aprender a amadurecer, ter senso de equipe. Não existe isso – gritou Tite.

Pato demorou a chegar do gramado. Dava algumas entrevistas ainda no campo, tentando explicar o inexplicável. A falta de respeito com seus colegas, com Dida, com ele mesmo.

No caminho para o vestiário, foi pego por Bruno Mazziotti, fisioterapeuta da equipe, para não se encontrar direto com os outros jogadores. Era certo que se chegasse ali naquele momento haveria um confronto físico, tamanha era a fúria de seus companheiros.

O camisa 7 ficou durante um tempo deitado na maca, em uma salinha separada, onde é feito o aquecimento, em um gramado sintético, sendo filmado por Tite.

– Eu andava de um lado para o outro e não tirava os olhos dele. Até para cuidar, ver se alguém ia chegar perto. Tudo poderia acontecer naquele momento – lembra-se Tite.

Paulo André tinha sido chamado para fazer o teste antidoping e demorava a voltar. Quase uma hora depois, ainda sem o zagueiro, o treinador chamou o grupo para a oração, já mais calmo. Não é normalmente o momento que Tite gosta de falar, prefere a reunião do pós-jogo que acontece sempre um ou dois dias depois da partida. Mas, naquela noite, não havia opção.

Com o mesmo tom de voz do início ao fim, sem alterações, deu o que considera ter sido a bronca mais marcante da sua carreira.

– Danilo, errar é do jogo... Edenílson, é do jogo... É da vida. Faz parte. Olha pra mim, Pato, olha pra mim: tu não é da vida. O jeito que tu perdeu, não é. Tu tem que aprender a trabalhar em equipe, tu tem que deixar de ser egoísta. Tu tem que amadurecer e virar um homem – falou Tite em parte do seu discurso, de quase cinco minutos.

– Pato consentiu, aparentemente. Abaixou a cabeça – diz o treinador.

Até o próprio Dida entrou no vestiário corintiano depois do jogo.

– Pô, você jogou comigo no Milan, você sabe que eu espero o atacante bater para ir na bola. Você quer dar cavadinha comigo? – falou o goleiro que foi companheiro de Pato na Itália, palavras que ficaram marcadas na cabeça do roupeiro do alvinegro, Edízio Borges de Almeida.

– O Dida estava meio emocionado. Disse que também seria depreciativo para ele, se fosse gol. Não foi respeitoso. Foi perguntar por que ele tinha feito isso. Jogaram juntos. Não tinha motivo. Foi próprio de um garoto, imaturo, e que precisava ouvir aquilo que o Dida falou e que eu falei, para amadurecer – acrescenta Tite.

Depois daquele 23 de outubro de 2013, inesquecível, Pato ficou pouco mais no Parque São Jorge. No dia 6 de fevereiro, São Paulo e Corinthians acertaram uma transação ousada: a troca do atacante alvinegro, por empréstimo, pelo meia Jadson, do tricolor paulista, em definitivo.

Centurión, o argentino polêmico

Na maior goleada ou no jogo mais brigado, Tite insiste para que seus jogadores tenham respeito pelos adversários. Só há uma exceção: “Se forem desrespeitados, o revide está liberado” – palavras do treinador. “Mas tem que ser de forma justa.”

Foi o que aconteceu na tarde do 6 X 1 contra o São Paulo, na penúltima rodada do Brasileiro de 2015. O hexa tinha sido conquistado durante a semana, em São Januário, depois do empate por 1 X 1 contra o Vasco. Era a tarde para receber a taça e, enfim, dar a volta olímpica com a presença da Fiel. Era mais um recorde em Itaquera: 44.976 torcedores estiveram presentes naquele 22 de novembro.

A preocupação crescia a cada minuto. Mesmo com o título garantido, não seria legal ter uma mancha naquela campanha brilhante que tinha sido feita até ali. Não ia mudar tudo que havia sido construído, mas podia acabar deixando uma marquinha e era exatamente o que Tite não admitiria.

O treinador optou por poupar o trio da Seleção Brasileira que tinha chegado às pressas para o jogo do meio da semana e quase não havia descansado. Gil, Elias e Renato Augusto tinham atuado nas Eliminatórias com Dunga, contra Argentina e Peru. Jogaram Edu Dracena, Bruno Henrique e Rodriguinho. Cássio, também convocado, não entrou em campo pela Seleção Brasileira e, por isso, foi escalado.

Foram 26 minutos até a angústia baixar. Bruno Henrique foi o primeiro a marcar, depois de boa defesa de Denis, em tentativa de Felipe.

Os gols não paravam de sair. De repente, o treinador viu Rodriguinho e Cristian tocando para um lado e olhando para o outro. Era o começo daquela gracinha que costuma dar problema. Ele se irritou e chamou a atenção dos dois, ainda no campo, e depois no vestiário.

A firula, no entanto, tinha justificativa: Centurión. O argentino havia provocado Elias com pedaladas no segundo jogo da fase de grupos da Libertadores, no Morumbi, seis meses antes. Naquela noite, o meio-campista corintiano não se aguentou e entrou duro no rival, recebendo cartão amarelo.

– Eu falei: “Pode fazer, mas faz para o jogador”. A equipe toda não merece

isso, nem o clube. O Centurión estava no banco de reservas. Faz, mas aponta o dedo. A gente estava com um a menos no dia que perdemos. Ele entra e faz aquilo, no Morumbi. Eu por dentro pensava: “Vai tomar no cu, vai ter volta”. Os jogadores também guardaram. Há um código de ética entre os atletas. Eu consegui travar a maioria, mas dois jogadores eu não consegui. Se o Centurión estivesse dentro de campo, eu seria incentivador – conta Tite.

O treinador revela que da mesma forma apoiou a atitude de Jorge Henrique na conquista do pentacampeonato, em 2011, contra o Palmeiras, na última rodada da competição. O meia Valdivia já nem estava em campo, tinha sido expulso quando o tempo fechou no Pacaembu.

O atacante corintiano deu um chute no vácuo, aos 44 minutos do segundo tempo, tirando onda da marca registrada do chileno, levando a torcida ao delírio.

– Valdivia quer usar o chute no ar? Tudo bem. Mas se vocês [jogadores] quiserem fazer também, tudo bem. Ele merece. Paga com a mesma moeda. O Jorge fez no fim do jogo. Quando está ganhando é fácil, não é? Quando perde não quer? Tem que comer a massa também.

Um pedido indecente dos xeques

Ser consultado nas contratações, saber dos planos da direção do clube, ter livre escolha sobre o time que entrará em campo e poder falar o que acha importante são algumas das condições mínimas exigidas pelo gaúcho para trabalhar. São pontos que demonstram a confiança, o respeito e a valorização.

Teve problemas por isso dois anos seguidos: no Palmeiras, em 2006, e no Al Ain, dos Emirados Árabes, em 2007. No clube paulista, ouviu o então diretor de futebol, Salvador Hugo Palaia, reclamar publicamente das suas declarações sobre erros da arbitragem, de forma grosseira.

– O Palmeiras jogou um futebol medíocre. Isso é o que precisamos avaliar. O Tite tem que calar a boca e parar de reclamar dos juízes. Mesmo que eles [árbitros] tenham errado, temos que jogar bola – afirmou o cartola, logo após a equipe alviverde perder para o Santa Cruz, por 3 X 2, no Arruda, Recife, em setembro.

No dia seguinte Tite se reuniu com a diretoria e pediu demissão, após apenas quatro meses. Ficou um longo período desempregado, até chegar a proposta do Al Ain, na metade de 2007. Arrumou as malas, levando até a família para os Emirados Árabes. Foram 25 jogos até o fim da passagem. Em dezembro, foi demitido.

– Ele não quis colocar um jogador que o xeque estava pedindo. Era um jogador que tinha sido chamado para a seleção nacional e o Tite tinha deixado fora dos titulares – conta Ricardo Rosa, preparador físico convidado para fazer parte da comissão.

Era por ele que os pedidos chegavam ao treinador, já que Tite não falava inglês.

– Era muita pompa. Nem sempre tinha relação direta com os xeques, mas quando eles vinham, chegavam num helicóptero que parecia um avião. Desciam trinta pessoas, que faziam a cerimônia de recepção. Normalmente, não tinham nada para falar, mas mandavam recados pelos diretores. Eram muitos pedidos. Falavam em inglês comigo, eu filtrava a maioria e passava para o Tite – explica Ricardo Rosa.

Tite foi recomeçar a vida em junho de 2008, no Internacional, mesmo com a

resistência da família gremista. Depois, o time colorado ganhou o coração dos Bachi: foi o clube que lhe abriu as portas e lhe deu a chance de voltar a vencer.

– Eu fiquei decepcionado no começo. “Não vai, não vai”, eu dizia. Hoje, se tem um Grenal [Grêmio X Internacional] acontecendo, eu torço para o Inter. O clube foi muito importante para o meu irmão retomar a carreira e ele foi muito bem-recebido lá dentro. E a gente, da família, também. Coisa que nunca tivemos no Grêmio. Nunca esquecerei – diz Miro.

A saia justa com Galvão Bueno

Uma vez, Tite se sentiu mal no programa apresentado por Galvão Bueno, o *Bem, amigos!*, do canal SporTV. Foi em fevereiro de 2005, ainda na primeira passagem pelo Parque São Jorge. O Corinthians tinha tomado três gols do Santos (3 X 0) no Campeonato Paulista daquele ano, com uma atuação espetacular de Robinho.

A produção do canal já havia combinado a participação, mesmo antes da derrota. O treinador, que tinha sido comentarista por alguns meses, em 1998, na Rádio Caxias – FM 93,5 e AM 930 de Caxias do Sul –, sabia que seria ruim não honrar o compromisso e foi mesmo depois do massacre. Segundo lembranças do próprio técnico, quando chegou lá, a música tema da noite fazia referência à exibição brilhante do atacante da Vila Belmiro. O santista ainda participou de um *link* ao vivo.

– Eu não quis fugir da raia, mas passei o programa com o semblante sério, da forma que cabia para depois de uma derrota por 3 X 0. E quando o Robinho entrou ao vivo, o Galvão começou a fazer graça com a música, falando que ele estava endiabrado no jogo. O Galvão ficou olhando para o produtor, pedindo para colocar a música naquela hora – contou Tite.

A produção, no entanto, não colocou a música.

– Eu tenho certeza que o produtor leu meu semblante. Eu não estava feliz. Eu pensei na hora: "Se ele colocar essa música, eu vou embora, mas vou dizer antes no ar: 'Tu respeita teus convidados'.". Pô, eu estava lá, comendo a massa, chateado, mas estava cumprindo a minha palavra. Eu ia falar um monte se isso acontecesse e ia embora na mesma hora, ao vivo. Palavra.

Assim que o programa terminou, de acordo com as lembranças do gaúcho, nada foi falado e ele foi embora. Durante alguns meses depois desse episódio, Tite evitou o Galvão e rejeitou alguns convites do programa.

– Acho que depois de uns cinco convites que eu não fui, o Galvão ligou para o meu assessor de imprensa. Não sei se foi o próprio Galvão ou a produção dele. Mas ligou pedindo desculpas e tal. E ficou tudo bem, tudo voltou ao normal.

Tiveram outros vários bons momentos juntos, lembrados inclusive pela família. Nunca mais houve nenhuma chateação, garante Tite.

O apresentador, porém, não tem recordações do mal-estar contado pelo treinador.

“Não me lembro desse episódio ou de qualquer mal-estar com o Tite. Ele já veio inúmeras vezes ao *Bem, amigos!* e sempre foi tratado com o respeito que merece e que, aliás, é a marca do programa. Sinceramente, estranho que o fato a ser destacado de minha ótima relação com ele seja esse!”, escreveu Galvão, em sua resposta ao livro.

“O que nunca esqueci – nem esquecerei – foi a extrema camaradagem que estabelecemos durante a gravação do programa *Na estrada* para o Esporte Espetacular, da TV Globo. Ali, nos rincões do Rio Grande do Sul, na Caxias de sua adolescência, conheci o verdadeiro Adenor, ídolo da família e um cara extremamente ligado às suas origens, que ele faz questão de cultivar com carinho e atenção. O futebol brasileiro seria muito melhor se houvesse mais “Tites” por aí. Vou além, acho que o Brasil seria melhor com brasileiros educados e estudiosos como ele. Nos últimos anos, Tite teve a coragem, a humildade e a competência de se colocar na posição de aprendiz e se reciclar, abrindo a cabeça para as novidades do esporte que abraçou como profissão. E vem demonstrando que, acima de tudo, é generoso ao dividir com seus comandados – e conosco, profissionais da comunicação esportiva – tudo o que aprendeu na vida e nos gramados daqui e de outras partes do mundo. Tenho grande respeito pelo Tite, respeito e admiração! Depois da catástrofe do Mundial de 2014, lamentei a escolha do novo técnico, Dunga, e fiz questão de falar, com todas as letras, que ninguém estava mais bem preparado que o Tite para ser o técnico da Seleção. E no momento em que dou este depoimento, abril de 2016, continuo pensando assim”, completou Galvão.

LEALDABILIDADE

A amante de seu Agenor

Ao longo dos mais de vinte anos de carreira, Tite aprendeu que a melhor forma de demonstrar respeito aos que estavam à sua volta era sendo leal. Ser leal, segundo o dicionário, significa ser conforme às leis da probidade e da honra; ser digno e honesto; ser franco e sincero; ser fiel. É o que Tite espera receber no tratamento com jogadores, direção e seus homens de confiança na comissão técnica. Um valor que não aprendeu em sua plenitude com o pai.

Seu Agenor teve durante muitos anos ao menos uma amante, com quem dona Ivone tem certeza que fizera um filho. Geni era a moça que trabalhava na casa do casal, fazendo faxina de vez em quando e ajudando também no sacolão. Segundo o treinador, no entanto, Ian, que seria o meio-irmão, nunca teve de fato a paternidade comprovada.

Uma vez, quando a desconfiança de que o pai tinha outra mulher era de todos, Miro e Tite presenciaram uma situação que escancarava o relacionamento extraconjugal. Ouviram, então, a seguinte a frase:

– Estão olhando assim por quê? Vão dizer que eu sou o único a fazer isso? – perguntou aos dois, ainda jovens.

– Não há essa confirmação, de que meu pai tenha tido filho fora do casamento. Eu sei que ele teve casos, eu sabia que tinha. Ou um caso, pelo menos. Eu não sei até hoje se isso é um *lobby* ou se o Ian, o provável filho, fez para tirar vantagem. Não sei. A minha manifestação foi a seguinte: faz o exame de DNA que eu mesmo pago. Só não quero que fique essa boataria, uma conversa de baixo nível. Depois disso o Ian sumiu, nunca mais apareceu – diz Tite.

Com todo o amor que guarda pelo pai, ainda tenta buscar justificativas – mesmo que elas não existam – para entender a situação e tentar defendê-lo.

– Eu não tenho essa segurança que havia outro filho. Mas vou dizer uma coisa a mais. Depois do câncer da minha mãe, de mama, ela abriu mão de ser mulher. E todo o relacionamento sexual que havia ficou prejudicado, e eu sabia disso. A

mãe não tinha mais, não se sentia mais mulher. Foi um período difícil da relação. Não procurava mais.

Tite assume que também cometeu erros. E garante que amadureceu.

– Esse aspecto de lealdade não está relacionado a isso. Em algum momento eu errei com a minha esposa, eu errei com ela. Foi um momento de fragilidade. Hoje eu sou um cara muito mais maduro, que aprendeu com as adversidades e com os erros. Eu aprendi e tento colocar para eles [filhos e atletas]: vão curtir a alegria da nossa satisfação com as pessoas de que gostam. Eu fomento muito isso com os jogadores.

Um pequeno erro apenas, diz o casal, que aconteceu ainda no início do relacionamento, do tempo em que era jogador. Nada que tenha gerado atrito ou que abalasse a confiança e a cumplicidade, garantem Rose e Tite.

O xavequeiro do Instagram

Para muitas das esposas dos atletas com quem Tite já trabalhou não havia dúvida: confiavam mais no treinador do que nos próprios companheiros. Com o gaúcho, a abertura para a bagunça é menor, admitem os próprios jogadores.

– O Tite é o cara mais família que eu já conheci em toda a minha vida – diz Fábio Santos.

Uma vez, um corintiano campeão da Libertadores e do Mundial, cujo nome será preservado, entrou em uma confusão por Instagram, a rede social de fotos. Xavecou uma mulher comprometida e foi descoberto. Foi motivo de piada entre os colegas, que adoravam contar a história para qualquer um que ainda não a conhecesse.

Estavam falando sobre o ocorrido quando o técnico chegou – estavam todos no Japão, nos dias que antecediam a final do Mundial. Como estava todo mundo rindo, tiveram que contar o conteúdo das gargalhadas. Na hora o professor sorriu também, mas não se prolongou na roda. O que todos tinham certeza era que alguma lição de moral viria em algum momento.

– Tu tem que respeitar a tua esposa, cara. A história pode ser legal para dar risada, mas tu tem que pensar que isso não está certo. No momento ruim, ela estava contigo. No momento bom, tu tem que estar com ela também – disse Tite, no dia seguinte, particularmente.

– Sempre falo para os jogadores para que reflitam bem, que pensem direito para fazer as coisas – afirmou.

Dentro de campo, quando acha que um de seus atletas entrou com maldade contra o rival em algum momento do jogo, pede que o vídeo da jogada seja separado para avaliações posteriores. Ouve a opinião dos auxiliares e, se a conclusão for de que o lance não foi bem-intencionado, chama o jogador para uma conversa individual e mostra, depois, para o grupo.

O procedimento que tem como padrão atualmente ganhou de aprendizado na passagem pelo Grêmio, em 2002, com o lateral esquerdo Gilberto, convocado algumas vezes para a Seleção Brasileira – foi campeão da Copa das Confederações de 2005 e da Copa América de 2007.

– Eu chamei a atenção de um atleta por causa de indisciplina de forma

individual. E o Gilberto ficou inquieto. Ele pediu para conversar comigo e me disse: “Professor, você nos respeita muito individualmente, mas é importante o grupo todo saber das regras. Se ele fez errado, é importante todo mundo saber, para que outro não venha a fazer errado também” – lembra Tite a orientação que recebeu do jogador. – Essa relação é muito importante e transcende o futebol. Esse episódio foi o que me deu o *start*. Que eu tinha que ser assim.

Jorge Henrique (I): a bebedeira antes do Mundial

Tite seguiu à risca o conselho de Gilberto com Jorge Henrique, que chegou bêbado no último treino antes da viagem para o Mundial de Clubes em 2012, em episódio nunca revelado até a publicação deste livro.

O atacante vinha amargando o banco desde agosto, um mês depois da conquista do título da Libertadores. Teve uma lesão muscular, ficou um mês em recuperação. Quando voltou, não havia mais espaço para ele, no entendimento do treinador.

Foi jogar de novo como titular somente em novembro, e apenas por duas vezes; logo voltou à turma dos reservas. Durante a última semana de treinos no Brasil, na despedida do Brasileiro contra o São Paulo, havia ficado em segundo plano.

Na quinta-feira, dia 29 de novembro, chegou a ser chamado, já no fim da atividade, para a equipe principal. Entrou claramente irritado e sem vontade de jogar.

– Pode aquecer outro – disse Tite a um dos seus auxiliares, assim que viu a postura do atleta.

– Bora, Jorge, não tem time definido ainda não – gritou Fábio Santos, falando sobre o Mundial.

O treinador não mudou naquela hora, mas na sexta-feira já o deixou de lado novamente. No sábado, 1o de dezembro, dia que começava a concentração, Jorge Henrique chegou bêbado para o treino, quando foi de novo reserva durante toda a atividade.

Recebi depoimentos de que o jogador mal conseguia fazer o bobinho de aquecimento. Os mais chegados o escondiam durante as trocas rápidas de passe, para que não fosse acionado e, assim, não desse sinais da noite anterior.

Teria sido essa, ainda segundo testemunhos do ocorrido, uma clara manifestação de insatisfação do camisa 23 por ter perdido a vaga no time. Tite mal teve contato com ele nesse dia, apenas seus auxiliares.

Relacionado para o clássico, Jorge Henrique ainda foi chamado para entrar aos quarenta minutos do primeiro tempo, depois de Paolo Guerrero sofrer uma pancada no joelho direito, mas não evitou a virada do time misto do São Paulo,

que ganhou por 3 X 1, no Pacaembu, deixando um carimbo estranho no passaporte ao Japão.

Não só não ajudou como atrapalhou – foi expulso aos 23 minutos da segunda etapa, por acertar um chute em Casemiro após falta marcada para o Corinthians, em lance típico para ter a sua atenção chamada pela comissão técnica depois.

– Entrou desconcentrado, indisciplinado, revidou e foi expulso – lembra o técnico.

A porrada com classe nunca revelada

Parecia, então, ter passado em branco o episódio da bebedeira, que não era o primeiro e não seria o último. Talvez o comandante da equipe não soubesse do acontecimento.

Logo no dia seguinte da derrota para o time tricolor, na segunda-feira, dia 3 de dezembro, o Corinthians tomou o avião rumo ao Japão. Havia uma parada antes: Dubai, nos Emirados Árabes, onde já começaria a preparação para a estreia no Mundial, marcada para o dia 12 de dezembro, contra o Al Ahly, do Egito.

O primeiro treino nos Emirados Árabes foi no dia 5, no CT do Al Nassr. Logo depois, Tite programou uma conversa com o elenco, cumprindo seus procedimentos normais. Quando o grupo se aprontava para o compromisso, que aconteceria numa das nove salas de reunião do Grand Hyatt Dubai, Jorge voltava de cabeça baixa do local onde o treinador já esperava por todos.

Um detalhe menos importante, mas que dá a exata dimensão de onde tudo isso aconteceu, é que uma noite naquele hotel cinco estrelas custa 1.930 reais para duas pessoas, que podem aproveitar os tanques de imersão, as quadras de squash, as saunas, as banheiras de hidromassagem, as quatro quadras de tênis, as três piscinas aquecidas e as oito opções de restaurantes, com pratos de diferentes cozinhas – árabe, americana, libanesa, europeia e indiana.

Seus companheiros logo sacaram o que tinha acontecido.

Os jogadores chegaram para a reunião, sentaram-se formando a letra U, como é costume da equipe, com o comandante na ponta. A diretoria foi convidada a não participar – avisada de que haveria uma mensagem “forte e contundente”, segundo o técnico.

Tite colocou o seu joelho esquerdo no chão, dobrou sua perna direita, para ficar na mesma altura da roda e começou a falar, sem se exaltar, num único tom de voz.

– Eu fiquei sabendo o que aconteceu. Sei também que não foi a única vez. Olha para os teus colegas, Jorge, olha pra eles. Olha para quem te dirige. Você não tem esse direito, cara. Eu não tenho esse direito. O que eu falei na sua frente, estou falando na frente de todo mundo. É falta de lealdade, de companheirismo,

de respeito profissional. É um puta de um egoísmo. Nada te dá o direito de fazer isso – discursou o gaúcho. – É falta de lealdade com o torcedor, com o clube que tu veste a camisa, cara. Eu estou dando chances para tu te rever, mas tu continua repetindo as mesmas coisas – continuou.

Ele se estendeu por mais alguns minutos, repetindo o que já tinha falado com Jorge individualmente. Uma “porrada com classe”, como ficou marcada a bronca daquele dia.

– Eu estava inspirado. Eu não dei a palavra a ele e o Jorge Henrique também não tinha condição emocional para falar alguma coisa – recorda Tite, quase três anos depois do episódio, na primeira vez em que fala publicamente sobre o assunto.

O atacante não levantou a cabeça, não falou uma palavra. Ninguém mais falou. Tinha sido a melhor forma de dar um recado que, àquela altura, todos gostariam de dar.

– Eu soube antes do jogo contra o São Paulo. Mas já tinha decidido que não ia falar antes de viajar. Não era motivo para eu retirá-lo e criar um tumulto. Não era motivo. A entidade estava acima desse caso. Em outro momento, talvez. Se fosse uma sequência normal de jogos, poderia deixá-lo de fora. Fazer isso naquela hora seria punir o clube.

Sai Douglas, entra Jorge Henrique

Dado o sermão, o treinador disse ao camisa 23 que a vida segue. Falou isso porque acreditava que a exposição do problema na frente do grupo e o conteúdo do que havia sido dito eram as punições possíveis no momento.

Tinha mais: não era uma generosidade a nova oportunidade que estava dando ao atacante, era uma questão de necessidade. Sabia que tinha chances enormes de precisar dele. O cara que tinha ajudado Alessandro a parar Neymar na semifinal da Libertadores contra o Santos poderia ser fundamental no esquema tático do Mundial.

No primeiro jogo contra o Al Ahly, banco para Jorge Henrique, que chegou a entrar no lugar de Douglas no segundo tempo. Não foi simples, mas com um gol de Paolo Guerrero, o Corinthians chegou aonde tanto queria: na final contra o Chelsea.

Dois dias antes da decisão, Tite fez um discurso emocionante já pensando no duelo, como contou Paulo André em suas "cartas de Yokohama", em texto escrito originalmente para a *Revista ESPN*.

– Vocês vão olhar no olho dos caras, vocês vão dentro deles. Nós vamos morrer, até o fim. Não vamos parar, não vamos desistir. Eu quero e trabalhei a vida inteira para chegar aqui, alcançar o meu sonho, disputar essa final. Nós não vamos fazer como o outro time [referindo-se à goleada sofrida pelo Santos diante do Barcelona por 4 X 0 na final do Mundial de 2011]. Nós não vamos demorar cinquenta minutos para dar uma chegada em alguém. Eu não quero saber quem está do outro lado, eu quero competição, com lealdade, mas vamos dentro dos caras. Só precisamos repetir tudo aquilo que nos trouxe até aqui. Da mesma forma. Não vamos mudar nada, vamos jogar muito e vamos merecer vencer. Ao trabalho – discursou um emocionado Tite.

O clube inglês chegava de forma inédita à final do torneio, campeão da Champions League pela primeira vez. Deixara para trás o Barcelona, de Messi e Pep Guardiola, e o Bayern de Munique, de Neuer, Lahm, Schweinsteiger, Robben e Ribéry.

Tite agora só pensava em como ia fazer para anular Hazard, Mata, Oscar e Ashley Cole. Paralisar a saída de bola dos Blues era a sua principal estratégia.

Para isso, precisaria de um jogador na frente que fosse marcador. Não havia outro nome. Era Jorge Henrique, só Jorge Henrique, aquele Jorge Henrique.

– Talvez o grupo não imaginasse, depois de tudo o que aconteceu, que eu fosse colocar o Jorge na final. Quando eu disse: “A partir de agora, tu esquece tudo e vai trabalhar. Vai ter o cuidado que a gente tem com você”. Eu entendia que para o grupo e para o clube era importante. Foi fundamental na nossa conquista – lembra Tite.

O comandante do time alvinegro sacou Douglas para colocar o baixinho. O resultado foi aquele que vocês já sabem, de uma conquista histórica e inesquecível. Ashley Cole, então lateral esquerdo do Chelsea, mal se lembra de ter jogado.

– Não fiquei em dúvida porque eu havia punido ele. Senão, eu ia me olhar e pensar que estava premiando ele. Eu só escalei porque havia punido na hora certa. E eu não fiquei com o peso de estar premiando a indisciplina – argumenta o comandante.

Tinha sido uma decisão técnica e tática.

– A outra opção que eu poderia usar era o Romarinho. Mas ele não estava pronto para fazer as funções, para dar maior liberdade para Sheik e Paulinho. Jorge Henrique era o dono da função. Não havia outra saída.

Tite garante que não houve revolta no grupo por ter escolhido Jorge Henrique, mesmo diante do recente episódio. Acredita que a bebedeira pode ter sido, de fato, por causa das várias rodadas no banco de reserva, o que não seria uma justificativa válida.

– Acredito até que fosse por não estar na equipe. Mas se cada um for fazer isso, ser desleal, vamos fazer o seguinte: um clube com apenas 11 jogadores e um técnico. E o sentido de equipe, esquece. Alto nível não pode ser assim. Ele precisa entender que vai ter outro cara disputando a vaga com ele e que isso vai aumentar o nível técnico. Foi desleal e desrespeitou o grupo – analisa atualmente Tite.

Em entrevista para este livro, Douglas disse que certamente é essa a sua pior recordação com Tite. O momento em que foi avisado que não seria titular. “Não mudou minha admiração por ele”.

Jorge Henrique (II): uma loira de dois metros de altura

Em setembro de 2011, a diretoria corintiana descobriu uma das presepadas de Jorge Henrique, meio por acaso, segundo a versão contada por Andrés Sanchez aos quatro ventos. O atacante chegou atrasado no dia 17 de setembro daquele ano, véspera de clássico contra o Santos. Justificou ao professor que sua filha, Letícia, que tinha apenas 17 dias de vida, estava dando trabalho para dormir e, por isso, acabara perdendo a hora.

O treinador ficou em dúvida do que fazer e decidiu deixá-lo no banco – entrou no segundo tempo, no lugar de Willian, companheiro de posição. Andrés Sanchez, presidente do clube, tinha sido convidado pela CBF para assumir a diretoria de seleções e foi na segunda-feira seguinte para o Rio de Janeiro encontrar-se com Ricardo Teixeira, o presidente da entidade.

Na volta, na ponte área, ele sentou-se em uma poltrona da ala esquerda do avião e foi interrompido por um homem mais ou menos da mesma idade, acomodado ao seu lado.

– Perderam pro Santos, hein, presidente? Que pena. Prazer. Eu sou dono de um bar no Tatuapé.

– Pois é. Faz parte. Vamos ganhar o próximo – Andrés Sanchez tentou colocar fim na conversa.

– Recebi o Jorge Henrique lá no bar na sexta. Ficou até altas horas. Bebe uísque esse aí, hein? E como fuma...

– O cara tava de folga, né? Cada um faz o que quer – justificou o então presidente.

– Tava lá com uma loira... Dois metros de altura... – continuou o dono do bar, revelando um detalhe a cada frase.

Voo curto para São Paulo, sem tempo para mais informações da noite do camisa 23. Já era o suficiente. O cartola corintiano trocou cartões com o homem e foi embora.

No dia seguinte foi ao CT. Chamou Paulo André, Emerson Sheik, mais dois ou três jogadores. Pediu ao segurança Ricardo Pereira Silva que buscasse Jorge Henrique, que estava entrando para o banho.

– Fala, “presi”. E aí, “presi”? – chegou o atacante, já com a toalha para ir para

o chuveiro.

– Chegou atrasado no sábado, né, Jorge? Jogou e perdeu, né? É duro, hein? – começou Andrés Sanchez, que foi interrompido pelo jogador.

– Presidente, minha filha demorou pra dor... – tentou falar o baixinho.

– Tua filha, né? Tua filha tem dois metros de altura? É uma loira gostosa, né? – prosseguiu o mandatário. – Você não está mentindo para o professor. Você está mentindo para os caras aqui – o cartola terminou e saiu andando, fechando a porta da sala onde conversavam.

Nos dois jogos seguintes, contra o São Paulo e o Bahia, Jorge Henrique ficou no banco de reservas. Voltou ao time titular no empate contra o Vasco, em 2 de outubro.

Jorge Henrique (III): uma ajuda tricolor e o afastamento

Tite sabia que o episódio da véspera do Mundial não seria o último. Mas já não havia mais paciência. Não só pelos atrasos ou excesso de álcool, mas pela falta de lealdade. Em maio de 2013 foi a última vez que Jorge Henrique mentiu para Tite e para a direção. Descoberto, foi afastado e logo depois negociado para o Inter.

Assim como dentro de campo, fora dele não faltava criatividade para o jogador. Na véspera da semifinal do Paulista contra o São Paulo, o atacante chegou atrasado para a concentração no sábado e perdeu o treino – o Corinthians foi campeão estadual naquele ano.

Contou que seu filho Tiago, na época com quatro anos, tinha sido diagnosticado com dengue – seria mais um número para estatística, que já contava com milhares em todo o país.

O treinador havia, no entanto, encontrado seu atleta, por acaso, na sexta-feira à noite no CT, em um horário que mais ninguém estava por lá. Jorge Henrique justificara que tinha ficado para jantar e já estava de saída.

Tite estava sozinho na cidade – sua família estava em Porto Alegre. Achou a ideia interessante e foi, minutos depois, também fazer a sua refeição. Deu com a cara na porta – não havia jantar. Ligou para o gerente de futebol, Edu Gaspar, e contou o que havia se passado.

No domingo de manhã, eis que um atestado do filho apareceu e foi apresentado para a direção. Mas ainda havia algo estranho por ali. Tite encontrou, de novo por acaso, Sheik, Danilo, Fábio Santos, Alessandro e Paulo André cochichando.

– Alessandro, alguma coisa?

– Nada, professor.

Diante do documento médico da dengue, Tite se sentiu mal por ter desconfiado de Jorge e na palestra de antes do jogo chegou a pedir desculpas ao atacante.

– Eu pedi desculpas porque realmente me senti mal. É uma coisa sagrada, eu não posso duvidar, mesmo com desconfiança. Falei na frente de todo mundo. Na dúvida, é para o réu, sempre. Eu encontrei os jogadores e foi uma cena

sensacional. Sabe quando tu sente alguma coisa? Mas perguntei e não me disseram nada – lembra o gaúcho.

Deu meio-dia, bateram na porta da sala do Tite. O atraso exagerado de Jorge Henrique no sábado não aconteceu pela dengue, claro, e nem só por conta de uma noite de festa exagerada. O jogador bateu o carro na rua Augusta, no centro de São Paulo, durante a madrugada, ao deixar uma boate.

A notícia chegou ao Parque São Jorge de manhã, sem muitos detalhes. A decisão de barrar Jorge aconteceu, então, no ônibus da delegação, no caminho para o Morumbi, e ele foi logo comunicado. Foi barrado inclusive de entrar no vestiário.

– Vi a foto [da batida] e vi o laudo médico, tudo que aconteceu – recorda Tite.

A confirmação de toda a confusão do atleta, nos mínimos detalhes, chegou ao Corinthians de forma curiosa. O médico e conselheiro são-paulino Marco Aurélio Cunha, ex-diretor de futebol do time tricolor, foi quem levou as informações. Um motorista que trabalhava com ele no mandato que cumpriu de vereador, em São Paulo, testemunhou o episódio.

– Eu quero jogar... Por favor – falou o jogador para o auxiliar Cleber Xavier, chorando.

– Jorge, tu não vai jogar. Tu tá fora do jogo. Tá decidido e não tem volta. Não piora a situação. Interioriza, assume, segura. Amanhã é outro dia, a gente conversa sobre o assunto. Ponto-final – respondeu o braço direito do comandante.

O atacante assistiu ao jogo do camarote do Morumbi. Foi a última vez que ele entrou no estádio com o Corinthians. No dia 9 de maio, uma quinta-feira, o diretor adjunto Duílio Monteiro Alves anunciou o afastamento do jogador do grupo por motivos de indisciplina. Permaneceu ainda alguns dias no clube, treinando separadamente. No início de junho foi transferido para o Internacional, aos 31 anos.

* * *

Cúmplices durante todos esses processos (quase sempre sabendo das histórias vividas fora de campo por Jorge Henrique), Fábio Santos, Sheik, Paulo André e Alessandro tiveram suas posturas valorizadas pelo treinador.

– Vocês foram grandes. Foram grandes de não terem falado. As coisas iam

vir, iam aparecer. E vocês tentaram de tudo para ajudar – cumprimentou Tite, em um dos momentos de crise, na frente do grupo.

– Eu não cobro dedo-duro. Não cobro. Tem momento para que as coisas aconteçam. Essa é uma responsabilidade do técnico e da comissão, da direção. E não de um dedo-duro para contar o que um de vocês fez. Foram grandes – comentou.

Sheik foi o primeiro a saber tudo o que aconteceu e diz que o episódio foi uma lição para todos os jogadores.

– Eu fui o primeiro funcionário do clube a saber o que tinha ocorrido, no momento que aconteceu o problema. As pessoas que estavam com ele são amigos. A atitude que eu tive, elogiada pelo Tite, eu aprendi com o professor. Foi um episódio que certamente serviu de aprendizado para muita gente ali. Foi uma puta lição para todo mundo, principalmente para mim. O Jorge Henrique talvez tenha cometido um dos maiores erros: mentiu envolvendo a família. Em respeito ao Jorge e à sua linda história no futebol, tem certas coisas que eu acho que não dá pra falar. O Tite e o Corinthians tentaram agir da forma mais respeitosa possível. Aquilo partiu o coração do Tite, ele tem carinho e gratidão pelo Jorge Henrique, por ter contribuído para o sucesso do time. A permanência do jogador no clube não era mais possível.

Jorge Henrique foi procurado diversas vezes para comentar essas histórias. Não atendeu aos pedidos de entrevista para o livro. Pessoas ligadas ao jogador dizem que, depois dos acontecimentos no Corinthians, sua vida mudou radicalmente e que ele se tornou uma pessoa muito mais familiar.

Clemer e Índio impediram Tite e D’Alessandro de saírem na mão

Nem sempre Tite foi elogiado pela forma como lidou com questões disciplinares. Seu pai estava internado, nos últimos dias de vida, e o Internacional caminhava bem na tabela do Brasileiro de 2009, na terceira posição. Internamente, no entanto, o ambiente não era dos melhores.

D’Alessandro vinha sendo criticado por suas atuações. Irritado, chegou a dizer em uma entrevista na volta de uma vitória contra o Náutico, por 2 X 0, que se jogasse bem sempre não estaria jogando no Brasil – os gols saíram depois que foi substituído por Andrezinho.

Achava, entre outras coisas, que seu problema estava no treinador.

– Sempre foi um cara extremamente individualista. Não era só o meu irmão que achava – conta Miro.

No início de julho, os dois tiveram uma discussão que quase acabou em confronto físico. A briga aconteceu na noite da final da Recopa, contra a Liga Deportiva Universitaria (LDU), no estádio Casa Blanca, em Quito, Equador – 3 X 0 para o time da casa, campeão do torneio. O goleiro Clemer e o zagueiro Índio impediram que os dois se agredissem. D’Alessandro foi substituído por Bolaños, aos 27 minutos do segundo tempo e não gostou.

– O Clemer segurou meu irmão e o Índio segurou o D’Alessandro. Iam se pegar – lembra Miro. A situação acabou sendo deixada de lado, mas claramente os dois não se davam mais. Tite achava, porém, que tirá-lo do time por questões pessoais e disciplinares poderia prejudicar o restante da equipe. Mesmo longe da sua melhor forma física, ele era importante.

– Teve um problema, depois teve outro. Não lembro qual é qual. Mas aconteceu de nos segurarem. A relação ficou muito conturbada, não tinha mais jeito – relembra Tite.

Três semanas depois eles perdiam por 2 X 0 do Botafogo, que tentava sair da zona de rebaixamento – era a 14a rodada do Campeonato Brasileiro, noite de um sábado, 25 de julho. O argentino continuava longe do seu melhor. No intervalo, o treinador fez o de sempre: deu cinco minutos para o grupo conversar, enquanto fazia planos com seus auxiliares para o segundo tempo. Reuniu o grupo e anunciou as substituições que faria para o segundo tempo. Não conseguiu mais

falar, porém, quando anunciou que D’Alessandro sairia.

O camisa 10 do time colorado se levantou e começou a andar de um lado para o outro, inconformado com a mudança, tirando a concentração do elenco.

– Eu passava as informações e ele ficava inquieto, atrapalhando. Se tivesse feito algo mais enfático, a gente ia brigar. Mas nesse aí, eu falava para os outros jogadores prestarem atenção em mim. E falava para ele: “Vai para o banho, que vai entrar o outro”.

Era a gota d’água. O argentino foi afastado dos treinamentos para um período de recondicionamento físico – o jeito bonitinho do futebol de dizer que não dava para jogador e técnico se aturarem. No início de outubro, Tite foi demitido do Inter após a derrota por 2 X 0 para o Coritiba, que tirou o time pela primeira vez do G4.

– Estamos hoje em dia em uma situação normal, sem laços de amizade – afirmou Tite.

Fernando Carvalho, diretor de futebol do Inter na época, admite que os acontecimentos determinaram a demissão do comandante.

– Eu acho que ele tinha certa dificuldade de se impor. Mas foi se aperfeiçoando. Por ele ser muito do bem, tinha dificuldade de ser mais firme. Por ser uma pessoa que relevava muitas coisas e não tinha a firmeza necessária. Mas ele evoluiu demais. Se tivesse o tom de hoje, teria ficado no Inter, com certeza – disse.

Fernando Carvalho se diz, no entanto, arrependido da decisão.

– A pior decisão que eu tomei, a que eu mais me equivoquei na vida, foi de ter demitido o Tite. Eu acho que se ele tivesse ficado, seríamos campeões do Brasileiro.

Tite teve a proposta de trabalhar com o meia de novo em 2015, convidado por Vitorio Piffero a assumir o Internacional mais uma vez. Afirma que não teria problema em dirigi-lo de novo, mas que certamente não haveria “o mesmo nível de confiança”.

DISCIPLINABILIDADE

O selinho de Sheik

Entre um conselho e uma cobrança, Tite gosta de deixar claro aos jogadores o que lhe incomoda. “Não traga prejuízo ao trabalho” é a frase que define o que espera do grupo. Não é algo que se relaciona apenas aos problemas disciplinares citados ao longo deste livro – atraso, farra, boemia e bebida –, mas a tudo, pedindo sempre para que evitem qualquer tipo de polêmica.

No momento mais difícil que teve no Corinthians até hoje, no segundo semestre de 2013, com os bastidores do clube fervendo, o treinador achou que teria uma noite de alívio em 18 de agosto. O time tinha vencido o Coritiba, no Pacaembu, com um pênalti controverso, mas que tinha garantido a volta para o G4, zona da Libertadores.

Por volta da meia-noite, porém, Emerson Sheik mandou a tranquilidade para o espaço.

“Tem que ser muito valente para celebrar a amizade sem medo do que os preconceituosos vão dizer. Tem que ser muito livre para comemorar uma vitória assim, de cara limpa, com um amigo que te apoia sempre. Hoje é um dia especial. Vencemos, estamos mais perto dos líderes. É dia de comemorar no melhor restaurante de São Paulo, o Paris 6, com o melhor amigo do mundo, Izaac. Ah, já ia me esquecer, para você que pensou em fazer piadinha boba com a foto, dá uma pesquisada no meu Instagram todo antes, só para não ter dúvida”, escreveu o atacante na legenda da foto em que aparecia dando um selinho em seu amigo Izaac Azar, um dos donos do bistrô Paris 6, nos Jardins, bairro nobre de São Paulo.

Tinha que ser muito valente mesmo para postar aquela foto. O machismo e a homofobia prevalecem no futebol, que por vezes é tratado como terra de ninguém, onde tudo é permitido, embora isso também seja reflexo da sociedade. A valentia de Sheik, no entanto, não entusiasmou o treinador, que sempre o admirou por ser, palavras dele próprio, “corajoso”.

No dia seguinte, os dois tiveram uma conversa, lembrada com detalhes por

Tite.

– Emerson, mas que merda, cara.

– Professor, não teve nada...

– Não tô falando disso, cara. Eu sei que não teve nada. Tu tá trazendo coisa, dando motivo. A gente tá nesse momento de instabilidade, a equipe não tá fazendo gol. Não tá produzindo legal. Tem um desequilíbrio que a gente tá tentando desmontar e tu vai criar problema fora, para trazer mais problema aqui para dentro?

– O cara é meu amigo, tem família...

– Cara, não traz problemas para cá. O ambiente aqui é assim. Todo mundo sabe quem é você, não é isso. Tu sabe como são as coisas. Tudo ecoa, para cima ou para baixo. Tu já tem essa experiência, para que fazer isso?

Tite se recorda da reação da torcida, logo depois da polêmica: “Beijinho não, porra, beijo aqui não”. A repercussão foi bastante negativa, especialmente entre as torcidas organizadas.

– Ele entendeu e pediu desculpas no final – conta Tite.

Sheik se lembra bem da conversa que teve com o professor e diz que o momento da postagem da foto não foi o melhor:

– Foi uma situação que aconteceu num momento que talvez não devesse ter acontecido, por estar num clube, ter uma torcida. Mas foi um cara que me abraçou, não fez crítica. Ele falou: “Nada contra, você me conhece, mas por estar num clube como o Corinthians, até pelas brincadeiras que têm com os são-paulinos, era melhor ter evitado”. Eu entendi também. É obvio que qualquer cidadão do bem, normal, em sã consciência, entende que o preconceito é um negócio absurdo e nojento. Não preciso e nunca precisei provar nada sobre a minha opção sexual. Eu conversei com as organizadas e deu tudo certo, nos entendemos muito bem. Alguns torcedores ficaram chateados, depois entenderam e esqueceram. Recebi várias mensagens me pedindo desculpas depois. Crio meus filhos dessa maneira, não julgo ninguém. Não tenho esse direito. Virou uma puta brincadeira dentro do clube. Os jogadores, a comissão... Virou piada. A intenção foi o contrário do que foi dito. Era alertar para esse tipo de preconceito.

Na reunião, os torcedores cobraram Sheik por ter dado munição, na opinião deles, para que os são-paulinos se vingassem por serem chamados de “bambis”

pelos corintianos.

Estavam cobrando ali o herói da única Libertadores conquistada até então. Que corintiano se esqueceria, com selinho ou sem, daquele 4 de julho, no Pacaembu? Depois de um empate suado na Bombonera, por 1 X 1, o time alvinegro buscava naquela noite o título mais importante da história do clube.

Foi apenas aos oito minutos do segundo tempo que a Fiel conseguiu soltar toda a ansiedade e angústia que guardava dentro do peito: Alex cobrou falta do lado direito, Jorge Henrique desviou de cabeça, Danilo deu um toque mágico quase de calcanhar e Sheik teve a frieza de dominar e chutar forte para balançar a rede. Um golaço para encher o coração de alegria de um bando de loucos.

Aos 26 minutos veio o segundo lance decisivo. De novo, ele, Sheik, roubou uma bola no meio de campo, ganhou na velocidade, entrou na área e bateu de novo com a direita, com tranquilidade, para delírio completo e incontrolável das arquibancadas do Pacaembu, que tinham mais de 40 mil torcedores, e na frente de milhares de televisores no Brasil e mundo afora. A Rede Globo, a única a transmitir a partida aos brasileiros, bateu recordes e teve 46 pontos de audiência, o que equivale a 71% de todas as TVs que estavam ligadas.

O atacante ainda foi substituído antes de o jogo acabar, para nunca se esquecer dos aplausos que receberia naquela noite tão especial – foi o responsável por cinco dos 22 gols de toda a campanha invicta alvinegra. Foi o primeiro a abraçar o treinador quando o árbitro Wilmar Roldan, da Colômbia, apitou o fim. Era, além de tudo, o ponto-final das piadas dos rivais.

Tite afirma, aliás, que sua reprimenda não teve cunho homofóbico e que já trabalhou com gays.

O carinho entre Tite e Sheik era tão grande que a despedida do atacante não poderia ter sido diferente. Com o vínculo perto de acabar, Emerson Sheik não chegou a um acordo com a diretoria para permanecer. Logo depois da desclassificação na Libertadores, contra o paraguaio Guaraní, em maio, a cúpula alvinegra tomou a decisão e comunicou o jogador de que não renovaria seu contrato.

Era uma terça-feira, na semana seguinte à eliminação do torneio sul-americano, e o treinador chamou Sheik em sua sala, no CT. Os dois passaram uma hora conversando com a porta fechada e choravam como crianças.

– Eu já estava pensando no meu futuro. O Tite me dando conselhos. E a gente

esqueceu que era treinador e atleta ali, e falamos muitas coisas um para o outro. De carinho, amor, respeito. Eu não sei se ele vai ficar bravo, mas vou contar: o Tite chorava muito de um lado e eu chorava muito do outro. Eu falava que amava muito ele, que agradecia muito por tudo que tinha feito por mim, como professor, técnico, como homem – lembra o atleta, que se transferiu para o Flamengo.

Entre outras coisas, Sheik agradeceu pelos conselhos que recebeu nos quatro anos que defendeu a camisa do Corinthians.

– Agradeci muito pela maneira que tentava corrigir meus erros, sem nem ser membro da minha família. Foi um dia único. Eu vi o quanto ele gostava de mim. Percebi que era um carinho diferente. Sentimento diferente. E o que ficou marcado foi a maneira que eu chorava. Eu soluçava de um lado, o Tite do outro. Muito natural e espontâneo. Foi o momento mais emocionante com certeza. A minha despedida foi foda – termina.

Pegadinha do Mallandro

Dos casos mais simples aos mais complexos, Tite sempre preferiu dividir a responsabilidade no tratamento de problemas disciplinares com mais pessoas: seus auxiliares e os próprios atletas. Cleber Xavier, seu número dois, sempre foi fundamental nesse papel. Foi importantíssimo para lidar com uma série de questões que, por vezes, nem chegaram ao conhecimento do técnico.

Não foram poucas as vezes que Tite reuniu os mais chegados de Emerson Sheik, como também havia feito com Jorge Henrique, em conversas separadas para reforçar mensagens ao atacante. Os atrasos eram frequentes, algo que deixava extremamente irritado tanto o técnico como a direção e os companheiros do grupo. Na reta final da Libertadores, a preocupação com o camisa 11 era gigante.

– Tu pode chegar aqui de helicóptero, de navio, de avião, de trem, do que tu quiser, só esteja aqui na hora certa. Eu não vou dar prerrogativa a ti diferente dos outros. Tu é um exemplo aqui dentro. Tu tem que mostrar para os garotos a mesma coisa – avisou Tite a Sheik.

Em janeiro daquele ano de 2012, Sheik chegou a um treino de helicóptero, o que não lhe salvou do atraso de trinta minutos para a atividade. Acabou sendo multado.

– Ele reprovou o meu atraso, claro. Mas me elogiou por ter buscado um meio de transporte alternativo para pelo menos chegar ao treino – lembra Emerson Sheik.

Por ser um dos momentos mais importantes da história do clube, o comandante fez questão de pedir aos amigos que também falassem com o atacante, para impedir atrasos. Era uma segunda-feira de maio, na semana das quartas de final contra o Vasco. Como o time titular não jogava o Campeonato Brasileiro, treinava no domingo de manhã e ficava liberado até a tarde de segunda-feira.

O treino estava marcado para as 16 horas. Como manda o manual, o elenco chega pelo menos meia hora antes, tempo suficiente para todos se trocarem e irem para o campo.

O relógio marcava 15:40 horas e nada de Sheik.

Tocou o telefone de Fábio Santos.

– Binho, fodeu. Estou no Rio ainda. O voo ainda nem saiu daqui, tá tudo atrasado. Pelo amor de Deus, fala aí com teu pai, com o Edu Gaspar... Amansa os caras aí, por favor. Não sei se chego a tempo de pegar o treino – falou o atacante, do outro lado da linha.

O pai a que se refere Emerson na conversa é Tite. Ganharam os dois esse apelido, de pai e filho, pela relação próxima e cuidadosa que criaram um com o outro.

– Vai tomar no cu, puta que pariu – esbravejava Edu Gaspar em sua sala, assim que foi avisado pelo lateral.

Às 16 horas, Edu e Fábio Santos foram até o treinador, que ainda estava em sua sala.

– Quem está vai para o treino. Ou está comprometido ou não está – sentenciou ele, irritado.

Quando estavam a caminho do campo, perto das 16:15 horas, Tite começou a falar com o grupo, mas foi interrompido.

– Ié, ié, pegadinha do Mallandro! – Emerson juntou-se a eles, imitando os gestos de Sérgio Mallandro, humorista e apresentador de TV.

Tite abriu um sorriso sincero, de orelha a orelha. Um alívio. Xingou um pouco o atacante e deu início, finalmente, ao treino.

– Foi o único atraso na história do futebol que o treinador ficou feliz. Ele me olhou e ficou muito feliz de ter me visto, um sorriso muito grande – lembra Sheik.

Desculpa pelo atraso

Depois da conquista da Libertadores, Emerson ficou quase um mês fora, tratando de uma lesão no tornozelo. Foi liberado no fim de agosto, na semana do jogo contra o São Paulo pelo Campeonato Brasileiro de 2012, no Pacaembu. Tanto tempo longe e na volta ele se atrasou para o treino do sábado, na véspera.

– Cara, assim tu me quebra. Eu te defendo tudo que eu posso aqui dentro, tento tratar todo mundo da mesma forma. Tu tá chegando atrasado de novo? Cara, assim tu me fode. Tu tá me prejudicando, que te defendo e só escuto e escuto – desabafou Tite, em mais uma conversa individual.

– Eu tô errado, professor. Tô errado – respondeu.

Decidiu começar com ele, mesmo assim, no time titular. No sexto minuto de jogo, Paulinho desarmou a saída de bola do São Paulo, achou Sheik entrando na área, que marcou o primeiro gol do clássico. O jogo terminou com derrota corintiana, por 2 X 1.

O camisa 11 comemorou com seus colegas e correu na direção de Tite.

– Professor, desculpa pelo atraso – falou no ouvido do técnico, dando-lhe um abraço.

– Vai te foder, Emerson. Tu é um filho da puta! – retrucou o professor, devolvendo o abraço, sorridente.

Lembra Tite:

– O desgraçado faz o gol e vem me abraçar. Ele é uma figura. Sempre me respeitou. É extremamente corajoso. Tem um monte de defeitos, um monte de problemas disciplinares, mas fala pela frente e é corajoso. No futebol e na vida, você tem que ter coragem.

Um bate-boca com Adriano

Para qualquer que fosse o problema disciplinar, Tite pedia sempre a mesma coisa: a verdade. Os jogadores conheciam suas regras e sabiam que, se fosse para extrapolar, o dia certo era a quinta-feira. Até por isso, nas sextas os treinos eram mais leves.

– Sexta e sábado são dias de preparação para o jogo. Eu dizia pra eles: "Se vocês souberem de alguém que saiu nesses dias, são pessoas desleais. Conversem entre vocês sobre isso". Ninguém está lá de brincadeira.

Depois de uma pausa, continuou:

– Não era faz de conta. E eu era muito claro: "Se algum dia vocês chegarem aqui mamados, fala com a gente. Uma vez ou outra, é o tipo de coisa que acontece. A gente deixa separado para fazer um treinamento depois" – conta Tite. – "Fala para mim: 'Enfiei o pé na jaca. Estou puto porque queria jogar e por isso atrasei'. Qualquer coisa que seja." Não importa, mas tem que ser leal. É uma regra geral que vale para todos.

Nem todos seguiam o ritmo que o professor gostaria.

Em uma época, Ralf deu muito trabalho nos treinos de sábado. O comandante conversava frequentemente com os mais chegados do volante para que dessem apoio para chamar a sua atenção.

– A questão do Ralf é que ele corria até mais quando chegava meio alto – constata um jogador do grupo, que pediu para não ser identificado.

Adriano, quando descoberto, era mais franco.

– Ele era muito franco. Acho que só tive tanta paciência com ele porque era autêntico. Falava tudo na frente. Chegava e dizia: "Não tenho condição hoje, não vai dar". O extracampo dele era realmente muito complicado – lembra Tite.

Aliás, Tite cansou de pedir ajuda para tentar recuperar o Imperador, a maior decepção de sua carreira. Não teve fisioterapeuta Bruno Mazziotti que salvasse. Depois de um ano trabalhando com o atacante, desistiram.

Pouco antes de mandá-lo embora, em fevereiro, Tite acordou com a comissão técnica e a diretoria de arriscar uma experiência inédita, a última tacada para salvar Adriano. A ideia era que ele passasse seis dias no CT, concentrado, com dieta específica, trabalhos de musculação e controle de horários para dormir e

acordar.

Não adiantava, mesmo. Enquanto o noticiário falava da drástica decisão do time alvinegro, o atleta conseguiu escapar do CT.

– Ele passou quase sete dias internado, na concentração, e teve problema de novo – diz Tite.

O treinador lembra que assim que ficou sabendo, convocou uma reunião com os jogadores, mas não deixou que os novos contratados participassem – nem o Imperador.

– Eu disse: “Não aguento mais. Tudo que eu podia fazer para ajudar o Adriano, já fiz. Agora, vocês, como amigos, colegas, companheiros, vão ter que ajudar. Quem quer se comprometer enquanto equipe, pega o Adriano, por favor. Ele chegou no limite comigo. Não dá mais. Vocês têm de ajudar” – Tite resgata suas próprias lembranças. – Era o último choque que eu poderia dar. Todos os outros eu já tinha dado, sendo amigo, sendo conselheiro, sendo técnico... – comenta.

No segundo semestre de 2011, quando o técnico ainda tinha fé na salvação, chegou a ter um momento de afronta, muito perto de um contato físico.

– Nós nos afrontamos. Havia outras pessoas por perto. O Edu Gaspar estava. Eu disse: “É só eu e ele aqui, e ninguém se mete”. E eu aumentei o tom de voz e falava: “Tu tá errado, tu faz isso, tu faz aquilo”. Ele respondia, aumentando o tom de voz também, um perto do outro.

Tentava falar mais alto para fazer Tite recuar.

– Ele queria me convencer de que eu estava errado. Dizia que tava se dedicando, que tava na luta. Que não foi no treino porque não deu, que não sei lá o quê... Que era humano. Mas ele não tava tentando – termina Tite.

O Corinthians rescindiu o contrato em março de 2012, depois de 67 atrasos, contando treinos e sessões de fisioterapia.

No total, Adriano Imperador marcou dois gols e participou de oito partidas (quatro pelo Brasileiro, um amistoso e três pelo Paulista), sendo apenas uma completa, contra o Botafogo de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo.

Esteve em campo por apenas 350 minutos, que somados não chegam a quatro partidas inteiras. Especula-se que na sua passagem pelo Corinthians, Adriano recebeu 4,2 milhões de reais, ou seja, 12 mil reais por minuto jogado. Já cada gol saiu pela bagatela de 2,1 milhões de reais. Detalhe: posteriormente o jogador

entrou com uma ação contra o Corinthians na Justiça para receber cerca de 50 milhões de reais pela quebra do contrato. As partes entraram em acordo. Especula-se que o clube teria pago cerca de 1 milhão de reais para Adriano, valor não computado nas contas.

Apesar dos números fracos, pelo menos dentro de campo, o atacante conseguiu deixar a sua marca e brilhou em uma partida decisiva. O Corinthians enfrentava o Atlético Mineiro, no Pacaembu, pela 34a rodada do Campeonato Brasileiro de 2011. O jogo estava empatado até os 43 minutos do segundo tempo, quando Emerson Sheik puxou um contra-ataque e serviu Adriano, que, mesmo perdendo um pouco do ângulo, reviveu os bons tempos e acertou um chute forte e preciso no lado oposto, marcando o gol da vitória e mantendo o Timão na liderança, ainda mais perto do pentacampeonato.

Douglas e o cigarro

Tite passou certo tempo, no final de 2010 e início de 2011, fazendo campanha para Ronaldo e Roberto Carlos largarem o cigarro. O esforço, porém, nunca deu resultado. Quando descobriu por um jornalista que Douglas também era fumante, já em 2012, também tentou intervir e teve um novo fracasso.

A confissão do meia rendeu, ao menos, boas risadas no grupo.

Em uma das reuniões da semana, Tite falava sobre a partida que teriam, como seria a estratégia para o confronto. Olhou para o Douglas e se lembrou do ocorrido.

– Lembrei uma coisa. Eu fui numa sabatina essa semana e lá me contaram algo em relação a ti. Você fuma e eu não sabia? – indagou olhando para o meia.

– Não, professor, de jeito nenhum. Tá maluco? – respondeu o jogador, sentado na roda.

– Palavra de homem? – perguntou Tite, ainda desconfiado.

– Sim, professor, eu fumo desde criancinha – brincou Douglas, provocando gargalhadas generalizadas.

Tite começou a fumar quando se tornou treinador e parou quase dez anos depois, em 1999.

– Foram meus filhos que me ajudaram a largar. Quando falaram que iam ficar sozinhos e eu ia ter menos tempo com eles. Isso me tocou muito.

As cobranças eram recíprocas. Tite era linha-dura em casa também, especialmente com Matheus.

– Ele sempre foi chato comigo para sair. Mais comigo do que com a minha irmã. Quando eu saía de noite, com os meus amigos, meu pai falava: “Tem que estar em casa tal hora”. Quando eu passava cinco minutos do horário marcado, ele já reclamava. Eu tinha que avisar. Pedia para dar boa-noite quando chegasse. Sempre me cobrando muito – recorda o filho.

Quando começou a jogar profissionalmente, a rédea ficou ainda mais curta.

– “Não vai beber, não vai sair”, ele falava para mim direto. Sempre foi linha-dura. Ele me olhava de canto se eu tomava uma cerveja nas férias. Eu percebia que meu pai estava me olhando. Até hoje em dia é assim. Reúno o pessoal em casa no meu aniversário e ele aparece, me pedindo para dar uma segurada.

ESTUDABILIDADE

O Bayer Leverkusen e o 4-1-4-1

A disciplina que mais preocupa Tite é a de dentro do campo. Do posicionamento correto, da marcação bem-feita, da concentração nos mínimos detalhes. A compactação, a linha de quatro, transições e infiltrações rápidas e a triangulação.

A consciência tática que permite a superioridade numérica na hora do ataque e que impede a chegada do adversário na defesa. O equilíbrio entre os dois setores e a intensidade das movimentações. Um time que valoriza a posse de bola, que propõe jogo em vez de apenas reagir e que, acima de tudo, esteja convencido do que está fazendo, sabendo o motivo de cada passo dado, de cada escolha feita.

São palavras e frases que, jogadas ao vento, podem parecer quase um enigma, mas que fazem todo o sentido no dia a dia dos treinamentos e na busca excessiva por um padrão de jogo. Todas essas características e preocupações foram atualizadas em 2014, quando Tite tomou a corajosa decisão de ficar fora do mercado de trabalho.

O fim da linha no Corinthians colocou uma série de situações na cabeça do treinador. Por isso, ele resolveu tirar um período sabático. Aproveitou o tempo livre para viajar, esfriar a cabeça do ano turbulento que teve em 2013 no Parque São Jorge, se modernizar e tentar descobrir o segredo dos maiores times do mundo – e, de quebra, ficar com a família, curtir os filhos e a esposa, compensando o que perdeu. Cumpriu à risca cada um dos seus objetivos.

Passou um mês no Canadá com a filha e a esposa, assistiu aos 64 jogos da Copa do Mundo (três deles nos estádios e o restante pela TV), fez anotações detalhadas dissecando as 32 seleções do torneio, encontrou técnicos, conheceu a estrutura de equipes da Europa e voltou ansioso para colocar em prática tudo o que tinha aprendido.

* * *

Um temporal, no início de janeiro, tratou de apresentar a primeira frustração de 2015 – não ia conseguir dar o treino da sua reestreia ao Corinthians. Já tinham sido dois dias de testes físicos, a ansiedade para ir a campo era enorme, percebida por todo elenco nas ações e reações do treinador, que acabava de voltar do ano sabático.

Tite pegou a capa de chuva, chegou perto do gramado. Andava de um lado para o outro, ao lado de Alemão, o jardineiro do CT, tentando ver se havia milagre para escorrer a água.

– Todo mundo percebia que ele estava querendo demais fazer o primeiro treino logo. A gente via que estava muito ansioso para voltar a comandar – lembra-se Elias.

Sem solução, o treino aconteceu na quadra do ginásio. Ele já tinha, àquela altura, tido algumas conversas individuais. Elias, o uruguaio Nicolás Lodeiro e Renato Augusto eram alguns dos que tinham sido chamados em particular. Apresentou a eles os objetivos que tinha para o ano e o seu novo grande amor: o 4-1-4-1, esquema tático em que se aprofundou durante os meses que ficou fora.

– Eu falei que poderia jogar saindo para o jogo ou me posicionar mais pelo lado direito. Se precisasse, eu poderia jogar na esquerda também. Mas disse que pela direita eu tinha mais capacidade de infiltrar, de fazer a cobertura. Ele falou: “Não tem problema, você vai jogar pela direita”. Mostrou o 4-1-4-1 e explicou onde eu ia ficar – conta Elias.

Na época talvez não tenha ficado claro, mas a pré-temporada nos Estados Unidos teve uma importância indescritível para o restante do ano corintiano e o hexacampeonato. Em especial o segundo jogo, contra o Bayer Leverkusen. A vitória por 2 X 1 em cima da equipe alemã, que despontava nas primeiras colocações da Bundesliga, nome do campeonato nacional da Alemanha, foi decisiva para a instauração do novo esquema.

Mas os planos de Tite logo tiveram que ser adaptados. O meia uruguaio Nicolás Lodeiro, que seria peça fundamental no esquema tático, acabou negociado para o Boca Juniors e nem chegou a estrear no Campeonato Paulista de 2015.

Com a formação definida, Elias ganhou mais liberdade para subir ao ataque, e Jadson, o armador que substituiu Lodeiro, passou a ficar mais aberto pela direita, flutuando pelo meio, uma das grandes sacadas do novo modelo. Jadson ganhou

também uma responsabilidade tática maior na marcação, assim como Renato Augusto. Não poderia ter dado mais certo.

As lições de Didier Deschamps

Foi a França de Didier Deschamps que fez os olhos de Tite brilharem, em uma partida em especial. Jogando contra a Ucrânia ainda na fase de repescagem da Copa do Mundo, no Stade de France, a equipe de Pogba, Cabaye, Matuidi, Benzema e Valbuena conseguiu reverter a derrota do primeiro jogo, por 2 X 0, e vencer a disputa por 3 X 0 em uma apresentação que beirou a perfeição.

A partir daí Tite fez um estudo minucioso, depurando atenciosamente a posição de cada um dos 11 jogadores durante o duelo e sempre que o esquema era utilizado.

Ele teve a ajuda de Mauricio Dulac, analista de desempenho que era do Internacional e que foi para a Seleção Brasileira, e do fiel escudeiro Cleber Xavier para conseguir aprofundar a análise dos movimentos e das funções de cada um dos atletas. A Alemanha, que jogava de forma parecida, alternando entre o 4-3-3 e o 4-1-4-1, também impressionou Tite.

– A gente formou praticamente um grupo de estudo, assistindo a todos os jogos, fazendo anotações de tudo. No final, eu fiz um compacto em uma apresentação, com tudo que tínhamos visto desse sistema. Separei o que os volantes faziam, os laterais... Ficou bem detalhado para cada posição – conta Dulac. – O 4-1-4-1 em si não era a novidade. A novidade estava na esquematização do sistema. É o Jadson saindo aberto na direita e infiltrando-se no meio depois – completa.

Os dois países se enfrentaram nas quartas de final da Copa do Mundo, momento mágico para o professor, obcecado pela formação das suas seleções.

Deschamps e Joachim Low, técnico da Alemanha, formaram suas equipes exatamente do mesmo jeito naquela tarde de sexta-feira, 4 de julho, no Maracanã. Hummels marcou de cabeça, aos 12 minutos do primeiro tempo, e permitiu que seu país chegasse às semifinais do Mundial, para fazer a história das histórias: 7 X 1 contra o Brasil.

Renato Augusto, a chave do sucesso do hexa

Logo após a vitória contra os alemães do Bayer Leverkusen, Tite não pensou duas vezes. Correu para requisitar ao Cifut, o centro de inteligência do Corinthians comandado pelo filho do ex-lateral Zé Maria, ídolo dos anos 1970 e 1980, Fernando Lázaro, mais e mais exemplos do esquema tático que estava em fase de instauração. O espanhol Valência e o português Porto também eram adeptos do 4-1-4-1, ajudando o técnico a reconhecer cada vez mais as suas principais características.

Tite destaca as situações mais relevantes do sistema eleito para 2015, plenamente reconhecíveis quando se assistia a um jogo do time alvinegro com atenção.

No momento em que se prepara para a defesa, os jogadores ficam atrás da linha da bola, com uma distância máxima de pouco mais de vinte metros entre o primeiro e o último, na maior parte do tempo.

Formam duas linhas de quatro, uma bem próxima da outra, com Ralf entre elas e Vagner Love centralizado à frente, em alguns momentos mais baixo, ajudando e dando cobertura, outras horas mais na frente, preparado para o contra-ataque.

Tite conseguiu corrigir algumas características de Jadson ao longo da temporada, transformando o meia não só em recordista de assistências do Campeonato Brasileiro, com 12 passes para gols corintianos, mas em um marcador fundamental, que voltava para compor e ajudar na linha de quatro formada pelos defensores.

– A chave do sucesso foi ter convencido Renato Augusto a fazer a função que lhe cabia ali no esquema. É uma função desgastante, que o fazia sempre jogar no limite. Mas foi o que deu certo – opina Mauricio Dulac.

A mudança tática implantada por Tite foi diretamente responsável para que Renato Augusto fosse eleito o craque do Brasileirão de 2015.

Jogando no esquema antigo, o 4-2-3-1, Renato tinha uma zona menor de atuação, que não lhe exigia tanto quanto no novo sistema, no qual ele tinha de se apresentar desde o campo defensivo para avançar.

Quando tinha a bola nos pés, a equipe trocava passes priorizando as

triangulações.

Do lado direito, o triângulo na maioria das vezes era formado por Fagner (Edilson), Elias (Rodriguinho) e Jadson. Do esquerdo, por Uendel (Guilherme Arana), Renato Augusto e Malcom. Na linha de defesa, por Gil, Felipe e Ralf. Qualquer um que entre em campo herda uma dessas funções, mantendo toda a estratégia tática.

Com o 4-1-4-1 de Tite, a formação das figuras geométricas aconteciam mais facilmente, aumentando o tempo de bola nos pés, agilizando a transição para o ataque e garantindo, assim, a superioridade numérica tão procurada pelo gaúcho de Caxias do Sul.

Os triângulos nada mais são do que a aproximação de jogadores do setor, oferecendo linhas de passe, opções.

Os resultados são concretos. Um dos exemplos aconteceu no jogo do Palmeiras, no Allianz Parque, em setembro de 2015 – o placar terminou mostrando 3 X 3. Guilherme Arana recebeu a bola logo depois do meio de campo e, na troca de passes rápidos com Malcom e Renato Augusto, saiu em velocidade para receber e bateu forte no lado direito de Fernando Prass.

Quando o ataque não dá certo, tem o “perde-pressiona”, fórmula que funciona muito bem para evitar contra-ataques rápidos dos outros times, dificultando a troca de passes com marcação em cima, especialmente por parte de quem perdeu a bola, mas que também serve para surpreender e voltar a ter bola.

O perde-pressiona misturado com outro conceito-chave de Tite, o “ataca-marcando”, já rendeu frutos importantíssimos. Este significa ter aqueles que não estão participando da jogada de ataque posicionados de maneira preparada para defender imediatamente.

Foi o caso do jogo contra o Atlético Mineiro, em novembro de 2015, no Independência, em que Felipe desarmou no meio de campo e arrancou como um ponta-direita. A bola caiu nos pés de Jadson, que tocou para Malcom abrir o placar da vitória por 3 X 0, que praticamente sacramentou o hexa.

Os truques de Arsène Wenger

Outra novidade do hexacampeonato veio direto de Londres. Em fevereiro de 2014, Tite visitou o Arsenal, acompanhado de seu filho, e teve a chance de ver de perto como se estrutura o departamento de futebol que municia Arsène Wenger, técnico do clube desde 1996.

Tite foi recebido na capital inglesa por Dick Law, o homem forte do tempo da Hicks Muse, parceira corintiana em anos já passados, hoje diretor do time inglês. Foi Law que lhe apresentou todos os detalhes da estrutura interna.

O que mais impressionou o treinador gaúcho foi a forma como a comissão de Wenger utilizava vídeos e imagens de suas próprias partidas com os jogadores.

O uso dos filmes já tinha sido adotado no Parque São Jorge, mas focado para apresentar ao elenco as principais características dos adversários. Mas viu no modelo do Arsenal uma forma ainda melhor de corrigir erros e reforçar acertos.

Era uma ideia já cogitada por Lázaro, do Cifut, que tinha visto a mesma coisa sendo utilizada no Chelsea, em 2012; personalizar o envio de lances para cada um dos atletas, mostrando especialmente as jogadas feitas por ele durante as partidas.

E ainda tinha o pulo do gato. Com o material pronto, os auxiliares e às vezes o próprio comandante conversavam individualmente com os atletas, discutindo as situações mais importantes.

Tite viu ali que o negócio funcionava na prática e ficou entusiasmado. Assim que chegou ao clube, quis fazer isso se tornar realidade no Corinthians.

O pen drive do Fábio Santos

Havia uma época, não tão distante assim, que as imagens editadas pelo Cifut eram entregues para os jogadores em um *pen drive*. Esse tempo ficou pra trás, desde que o aplicativo WhatsApp se tornou o principal meio de comunicação entre boa parte dos brasileiros e da classe boleira.

Mas quando o dispositivo portátil ainda fazia sucesso, Fábio Santos tentou uma vez jogar a culpa dos dribles que tomava em Cleber Xavier.

Era o penúltimo jogo do Brasileiro de 2011, duelo decisivo para a busca do pentacampeonato, em partida contra o Figueirense. O auxiliar havia deixado com o lateral, em trabalho conjunto com o Cifut, os lances dos atletas que iam jogar do seu lado do campo, o esquerdo.

Fábio Santos jura que assistiu atenciosamente a cada minuto do material que lhe foi dado. Wellington Nem, atacante da equipe catarinense, cortava todas as bolas para a esquerda, na tentativa de chegar ao gol adversário. Não tinha segredo, então.

A bola começou a rolar no Orlando Scarpelli, em Florianópolis. Wellington Nem pegou a primeira, foi para cima do Fábio Santos, cortou para a direita e passou. Pegou a segunda, fez a mesma coisa. E a terceira. O lateral já ouvia as reclamações de Tite, que estava do mesmo lado do campo, na beirada, gritando o jogo todo, como está acostumado a fazer.

– Fábio, o cara tá te passando em todas. Porra, cara. Não dá assim. Vai dentro dele. É jogo decisivo isso daqui – disse Tite no intervalo, aumentando o tom de voz.

– Pode reclamar com o Clebinho, então. No *pen drive* o cara só cortava para a esquerda – brincou o lateral, provocando risadas no vestiário, inclusive do treinador e do auxiliar.

– Foi um dos grandes atletas que eu tive o prazer de trabalhar em todos os sentidos – diz Cleber Xavier.

Liedson marcou o único gol do jogo e deixou o Corinthians ainda mais perto do título. O Vasco, que jogava contra o Fluminense, no Engenhão, marcou no finalzinho do segundo tempo, com Bernardo, permanecendo a dois pontos dos paulistas. Esse resultado levou a decisão da taça para a última rodada e deixou

Tite em claro por duas noites.

– Foi horrível. Cheguei em casa e assisti ao *tape* inteirinho do Vasco e Fluminense. E eu dizia: “Vai tomar no cu, Abel [técnico do Fluminense], como você fez isso?”. Eu não lembro exatamente qual tinha sido a substituição que ele fez, mas eu ficava xingando. A gente estava conquistando o título. Imagina se a gente perde o título contra o Palmeiras? Eu não dormi de domingo para segunda, nem de segunda para terça. Duas noites em claro, inteirinhas. O Abel é um cara de quem eu gosto muito e ele precisava ganhar, claro. Era só a raiva do momento. Eu xingava muito ele. Eu tenho nele um cara ético, de caráter, gosto muito do Abel Braga – lembra Tite.

Elias aprendeu a brigar

Já na era do WhatsApp, pós-Arsenal, a nova estratégia funcionou direitinho com Elias. O método Tite de fixar uma mensagem na cabeça de um jogador se resumia, então, em três etapas: reuniões *tête-à-tête* com o atleta, cobrança do pedido durante os treinamentos e conversas apoiadas por vídeos com os auxiliares e em grupo. Aos mais dedicados, é infalível.

O meio-campista corintiano tinha como sua maior fraqueza a de não brigar por bolas altas de cabeça.

– Eu odiava cabecear – diz Elias.

Dos olhos de lince de Tite, nada escapa. Notou a falha e passou a cobrá-lo insistentemente. Os lances em que não subia para disputar com os adversários eram sempre destacados nos vídeos de pós-jogo que recebiam no celular e também eram levados ao grupo, com o objetivo de torná-los exemplo do que não poderia acontecer.

No dia 18 de julho, aos 41 minutos do primeiro tempo do duelo contra o Atlético Mineiro, no primeiro turno do Brasileiro, a bola bateu e rebateu de um lado para o outro, subiu demais e Douglas Santos pulou para brigar pela posse no campo de defesa dos paulistas. Mas não foi sozinho. Elias saltou junto e ganhou a disputa, viu Vagner Love do lado esquerdo e logo lançou. O atacante arrancou até a entrada da área e tocou para Malcom.

Gol do Corinthians, três pontos na tabela, 29 no total, o mesmo número dos mineiros, que eram os líderes naquele momento. Ali começava a arrancada rumo ao hexa.

O conselho do mr. Libertadores

Depois de passar por Londres, em fevereiro, Tite foi assistir à partida final da Copa Libertadores 2014, em agosto, na Argentina – o jogo foi realizado entre o argentino San Lorenzo e o Nacional, do Paraguai.

O San Lorenzo superou a zebra paraguaia e sagrou-se campeão do principal torneio da América do Sul pela primeira vez, após empatar o jogo de ida na casa do adversário por 1 X 1 e vencer em seus domínios por 1 X 0.

Tite aproveitou a oportunidade para visitar a sede do Boca Juniors, rival na conquista do título de 2012, e almoçar com Carlos Bianchi, o mr. Libertadores, apelido que ganhou depois de vencer o torneio quatro vezes, no comando do Boca (três vezes) e do também argentino Vélez Sarsfield (uma vez).

Com ele, reforçou um conceito que já carregava, o de buscar o equilíbrio. Tite não esconde: aproveitou o período sabático para procurar alternativas ofensivas, pois se sentia carente nesse sentido – até por isso, muitas vezes, foi chamado de retranqueiro, ganhando o apelido de Empatite, o que sempre lhe incomodou.

Sempre diz que no Rio Grande do Sul, no início da carreira, era criticado por ser "faceiro": "Esse aí é faceirinho, não vai longe", falavam os comentaristas gaúchos.

De repente, na sua interpretação, "virou retranqueiro". Nunca entendeu. Concordando ou não, reconheceu que precisava se aperfeiçoar para ter um ataque mais surpreendente.

Prometeu logo no dia da apresentação que o torcedor veria um trabalho diversificado, mas sem perder a ideia de equilíbrio, bem destacada por Bianchi.

– Bianchi me disse que nosso grande desafio é o equilíbrio, porque nossa atividade é extremamente exposta. Eu pensei: "Pô, se um cara com todo esse lastro coloca isso, não posso ficar me cobrando" – respondeu à imprensa, em dezembro de 2014.

Completou ele:

– Eu queria ter uma gama maior de trabalhos ofensivos para passar para os atletas, ser chato, exigente. Mas com essa ideia de futebol equilibrado, não consigo conceber só agressividade, assim como não consigo só marcação. Vamos ter uma variação maior de trabalhos ofensivos.

O Corinthians terminou a campanha do hexa com o melhor ataque e a melhor defesa do campeonato: 71 gols, distribuídos democraticamente entre 18 jogadores – apenas Fagner, entre os chamados “titulares”, não marcou. A defesa levou apenas 31 tentos, rendendo o saldo positivo impressionante de quarenta gols.

O que Ancelotti falou sobre Tite

A última parada significativa do gaúcho foi em Madri, na Espanha, em encontro inesquecível com Carlo Ancelotti, em outubro do ano sabático. Tudo o que tinha visto no Arsenal inglês encontrou em doses multiplicadas no Real Madrid. O treinador italiano era quem dirigia o clube naquele momento – ficou entre 2013 e 2015, levando-o à conquista da Champions League e do Mundial de 2014.

– Aprendi com ele a ser mais direto, a ser mais preciso e conciso na informação. Vi também coisas voltadas para o campo e como ter a lealdade com o grupo – conta Tite.

Era para haver uma conversa ou duas, mas aquele encontro praticamente se transformou em uma clínica de especialização. O uso dos vídeos, as conversas individuais, o alto nível de concentração e exigência. Passou sete dias na capital espanhola, quatro deles acompanhando as atividades na Ciudad Deportiva, centro de treinamento dos madrilenhos, com direito a um almoço e a um jantar com o italiano, e a assistir a dois jogos do Real. Como jogador, Carlo Ancelotti atuou ao lado dos brasileiros Falcão e Cerezzo. Como treinador, ele dirigiu Cafu, Dida, Kaká, Pato, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Emerson, Roque Júnior, Amoroso e Rivaldo.

– Tite passou uma semana comigo em Madri, em 2014. Ele veio acompanhar um curso e as minhas sessões de treinamento no Real Madrid. Tivemos oportunidade também de almoçar juntos. Tite provou da verdadeira comida espanhola. Ele é uma pessoa muito humilde e tem um conhecimento incrível sobre futebol e táticas em especial – afirmou o treinador italiano em conversa inédita e exclusiva para este livro.

Espelhou-se também em Ancelotti para quebrar um paradigma: acabou com o tradicional rachão que fazia aos sábados, com times misturados, 100% voltado para a descontração e 0% para o jogo do dia seguinte. Passou a propagar o conceito de que a partida é um espelho do que acontece nos treinamentos. Imitou, então, o italiano e os dez primeiros minutos das atividades começaram com bobinho entre os jogadores, momento de risadas, brincadeiras e palhaçadas.Terminado isso, é “pau dentro”, como gosta de falar o brasileiro.

Foco total e concentração máxima em cada lance.

A preocupação em se especializar taticamente cada dia mais faz Tite deixar de lado algo que poderia ser muito importante para uma carreira fora do Brasil. Ele não fala nada, nada de inglês e desistiu de estudar, embora não tenha sido por falta de ajuda dos filhos. Além deles, quando necessário, contou com os "trabalhos" de tradução de seus preparadores e auxiliares, como Ricardo Rosa e Geraldo Delamore.

– Tentei colocar meu pai no inglês. Uma época que estava fazendo o curso ainda em Porto Alegre, tinha uma professora que eu gostava bastante. Por ver como ela era, principalmente pelo humor, achei que esta professora ia se dar bem. Não tem jeito, meu pai e a minha mãe são dois índios falando inglês, não tem jeito – conta Matheus.

Tite consegue ler em espanhol, mas também não se comunica muito bem nesse idioma. O italiano é sua língua predileta e a única, além do português, em que consegue conversar.

– Gostaria de ter feito inglês. É um arrependimento. Passei muita vergonha na frente dos meus filhos nos Emirados Árabes. Eu não vou conseguir mais a fluência, vai tomar muito meu tempo e eu quero me aperfeiçoar na parte tática. E aprender o italiano fluente. Não tenho ambição de treinar na Inglaterra. Eu compreendo italiano, vou melhorar – argumenta ele.

TREINABILIDADE

Grua: o xodó do CT

Um minielevador móvel se levanta, chegando a 12 metros de altura em relação ao chão. Transporta no CT Joaquim Grava uma única pessoa e uma câmera digital. Conhecido também como “grua”, o equipamento é o xodó de Tite.

Carrega sempre alguém do Cifut, que passa cerca de uma hora filmando lá de cima todo o treinamento. Mais e mais imagens para o banco de dados.

É dessa forma que a comissão técnica consegue analisar os erros e acertos, separar lances para repassar e cobrar os jogadores, aperfeiçoando o desempenho da equipe – o procedimento é o mesmo para os dias de jogos, quando a filmadora é levada aos estádios.

A uma altura de 12 metros acima do gramado, o resultado obtido pela câmera, na maior parte das filmagens, é de imagens abertas, em que é possível ver a jogada completa. Se sai um gol pela direita, Tite enxergará também qual foi a movimentação no lado esquerdo, no meio e na defesa, simultaneamente.

Assim, ele pode corrigir posicionamentos que passariam em branco em uma imagem focada no lance, como é a tradicional da televisão. No começo, resistia. Não se acostumava com as tais “imagens abertas”. São mais frias, não pegam a emoção e o calor de um carrinho, de um drible bem dado, de um desarme.

– Depois ele se converteu à imagem aberta – brinca Fernando Lázaro, responsável pelo Cifut.

A grua foi comprada depois da pré-temporada de 2015, nos Estados Unidos, onde Fernando Lázaro descobriu a tecnologia. O equipamento chegou em abril daquele ano e vem sendo utilizado desde então, cumprindo mais uma das metas que o ano sabático entregou a Tite.

O tite13 foi removido do grupo

À central de inteligência do Corinthians, aliás, não faltam coisas a fazer. Se dependesse de Tite, então, os funcionários trabalhariam nas férias, nos feriados, nas manhãs, nas madrugadas, ininterruptamente.

Lázaro criou um grupo no WhatsApp que conta com a presença do treinador. Por meio do aplicativo, ele faz as solicitações que precisa – é um membro pra lá de aplicado. Os participantes já se acostumaram com uma certeza: o treinador na academia é mensagem garantida. Enquanto faz seus exercícios, o gaúcho não desgruda os olhos da TV.

"Não é *Multishow*", brinca o pessoal do Cifut. Está sempre assistindo a algum jogo ou aos melhores momentos de algum campeonato, e faz seus pedidos.

Mensagem de tite13 (nome usado no WhatsApp): "Minuto 17 de Villareal-ESP X Real Madrid-ESP: perde-pressiona".

A frequência do comandante no grupo é tão grande que virou até piada depois da conquista do hexacampeonato.

"Fernando Lázaro removeu você", recebeu o treinador em seu celular, ainda no vestiário, depois de mensagens de felicitações no grupo do tipo "Feliz 2016 para todo mundo".

Nem essa seria uma forma de aquietar Tite, admitem. No início de 2013, eles ainda não tinham o aplicativo, e Tite telefonou diretamente para Fernando.

– Fernando, tudo bem? Estou pensando aqui, acho que seria legal se a gente separasse umas coisas para a reunião. Pode anotar aí?

– Claro, mas calma, deixa eu achar aqui algum lugar para anotar.

Tite percebeu que do outro lado da linha havia uma voz um pouco atrapalhada, diferente da que estava acostumado a ouvir.

– Fernando, tá tudo bem? Tu tá podendo falar?

– Estou, sim, professor. É que eu tô viajando, tô em outro país, e aqui são quatro horas da manhã.

O responsável pelo Cifut mal sabia exatamente o que se passava naquele momento. Era dia 2 de janeiro, estava com a mulher em outro país – quatro horas a menos no fuso horário –, dormindo no momento do telefonema.

Tite não esconde de ninguém que sem o departamento de inteligência e

informática criado no Parque São Jorge ele sentiria um vazio no coração, ficaria órfão e viúvo.

Vinte e quatro horas de futebol

Ao longo da carreira, Tite foi fazendo mudanças na dinâmica dos seus treinamentos. Diminuiu o volume e a carga horária, mas aumentou a intensidade.

Havia um tempo em que as atividades chegavam a durar uma manhã inteira – assim como faziam e fazem seus colegas de profissão. Não é, definitivamente, mais o caso. Algumas vezes, a atividade não passa de uma hora de duração.

Essa é, porém, a parte do campo. Os jogadores ainda fazem trabalhos específicos na academia, de fortalecimento muscular, ou exercícios na piscina do CT. Para Tite, a preparação dos treinos e dos jogos lhe tomam quase 24 horas, não fosse aquele negócio que inventaram... de dormir.

Tem por característica ser um cara extremamente reservado, o que muitas pessoas que convivem com ele acreditam ser um defeito, embora tenham aprendido a conviver. Não importa onde esteja, no entanto, a única certeza que há é que estará falando de futebol.

A maior prova disso é a preocupação que vivem Gabriel, o namorado da filha, e Fernanda, mulher do filho.

– Minha esposa até brinca às vezes: “Pô, quando eu tô com vocês, eu não sei se eu falo alguma coisa, se dá ou não para falar, porque ele só fala de futebol, e eu não quero falar uma coisa que incomode” – conta Matheus.

Já o namorado de Gabriele nunca foi muito fã de futebol. Nada assiste, não acompanha. Desde maio de 2015, quando engatou o relacionamento com a filha do professor, mudou os hábitos.

– Ele começou a ver mais futebol. Se tá passando na TV ele assiste, para comentar com meu pai, ter assunto – diz a filha Gabriele.

A atitude de Tite até surpreendeu a direção corintiana em 2015, quando o técnico participou de todas as comemorações que foram feitas para o hexa. Quando chegou ao restaurante Fratelli, após a conquista do título contra o Vasco, localizado na Barra da Tijuca, zona Oeste do Rio, foi logo pedindo:

– Qual é o maior copo que vocês têm aqui? – perguntou ao garçom, que mostrou uma taça gigante de vinho, em que poderiam caber quase quinhentos mililitros.

– Pode fazer uma caipira de vodca de limão aí dentro mesmo! – empolgou-se

Tite.

De lá, ainda passou na festa que acontecia na casa da família do Vagner Love, onde ficou até de madrugada. Na semana seguinte, após a goleada de 6 X 1 contra o São Paulo, o clube reservou um local para mais celebrações e lá estava o treinador de novo, com a sua esposa e o filho. Na noite do clássico, aliás, Rose invadiu a coletiva de imprensa, fez uma pergunta se escondendo do marido e terminou em cima do palco, dando um beijo e um abraço no hexacampeão, em cena comovente.

Rodízio de auxiliares

Atualmente, o treinador segue uma rotina fixa de reuniões com seus jogadores – que determina também o fluxo de trabalho do Cifut. Com Cleber Xavier e Fábio Carille ao seu lado, foi estabelecido o rodízio de auxiliares nos jogos, o que facilita e melhora o andamento do trabalho.

Explico a seguir como funciona, começando pelo fim de um jogo em um domingo, em uma semana chamada de “aberta”, com compromisso na semana seguinte.

Para o confronto contra o São Paulo, antepenúltima rodada do Brasileiro, na vitória por 6 X 1, Cleber Xavier foi o auxiliar – enquanto isso, Fábio Carille já fazia o planejamento do outro domingo, para a partida contra o Sport, na Arena Pernambuco.

Assim que acaba o clássico, o pessoal do centro de inteligência e informática já apresenta o *scouting* (levantamento) do confronto, com dados principais, ainda no vestiário – o que foi bem-feito e o que não foi.

A partir daí, o Cifut já começa a montar um compacto com os lances mais importantes do jogo. Quem assiste esperando encontrar uma espécie de “melhores momentos” se assusta.

– A gente busca lances que tenham a ver com a ideia do jogo, do nosso padrão. Uma cobertura que não foi bem-feita, uma bola parada, algum tema específico que a gente tenha treinado na semana – explica Lázaro.

As imagens editadas obedecem, na verdade, aos tópicos determinados naquela semana. Por exemplo: iniciação pelo lado direito, perde-pressiona, cruzamento com a bola no funil.

– Eu olhei as 46 jogadas selecionadas na semana, fiz um filtro, como sempre faço, e reduzi para 28. Aí sim eu passo para o Tite. Ele olha, faz outro filtro e tira mais algumas – explica o auxiliar Cleber Xavier.

Vem, então, a reunião do pós-jogo, que acontece na terça ou na quarta-feira. Pelo menos uma vez por mês ela reúne todos os funcionários do CT: jardineiro, roupeiro, cozinheira, nutricionista, assessor de imprensa, fisioterapeuta, médico, segurança, porteiro.

Todo mundo assiste aos certos e errados das jogadas, escuta o balanço do

jogo, elogios e críticas. Uma conversa que dura, no cronômetro, trinta minutos.

– A nossa capacidade de concentração não passa desses trinta minutos, é do ser humano – avalia Tite.

Nada escapa. Tite adora separar imagens de indisciplinas táticas do tipo infantil, mas não menos importantes. O cara que vai tirar satisfação com o árbitro em vez de voltar para marcar, o outro que ficou deitado no gramado fingindo ter se machucado, um que foi discutir com o adversário ou até que foi lamentar o erro de um companheiro de time. Nada disso passa despercebido. Tem *replay*, se precisar. Se for reincidente, já sabe que vai ter conversa individual depois, com cobrança mais dura.

Nada mais é, na verdade, do que um longo processo de convencimento: desalienação da classe boleira, de forma que entendam a consequência do que estão fazendo e a utilidade real de cada uma das coisas pelas quais são exigidos.

Fim do Jorge Aragão

Finda a reunião do pós-jogo, há dois momentos pela frente. O primeiro é o dia que antecede à partida do fim de semana seguinte, normalmente sábado, para apresentar o adversário e começar a definir estratégias. Essa parte é comandada exclusivamente pelos auxiliares, que têm total liberdade para fazer suas preparações da maneira que se sentirem melhor.

– A gente viu que passar as informações de forma homeopática para os jogadores era melhor. Por isso criamos esse momento do dia da véspera – aponta Tite.

Cleber Xavier gosta de reunir a equipe inteira, falar com todo o elenco junto – sempre com apresentação de imagens. Fábio Carille, por sua vez, prefere o encontro individual ou em pequenos grupos, por posições – às vezes acontece nos quartos da concentração ou no próprio CT.

Vem, então, a preleção, essa comandada por Tite – o auxiliar do dia faz a apresentação de como se portará a equipe nas bolas paradas. Ela mudou ao longo dos anos, essa é a primeira constatação que deve ser feita. Em 2004, quando Betão ainda jogava no Corinthians, a reunião de antes do jogo tinha até música.

– Ele chegou, a gente tava mal na tabela, um momento difícil. Ele colocou aquela música do Jorge Aragão que diz “respeite quem pode chegar onde a gente chegou”. Foi muito emocionante para todo mundo. Levantava o astral e a confiança de todos – recorda o zagueiro. – O Cleber Xavier era auxiliar e também DJ. Aumentava e diminuía a música na hora certa – brinca ele.

O nome da música é *Moleque atrevido* e é considerada uma das principais do repertório de Jorge Aragão. Na segunda contratação para o Parque São Jorge, em 2010, o então presidente Andrés Sanchez deixou logo um recado a Tite:

– Tá contratado. Mas vou fazer só um pedido: não chore mais nas preleções – falou o cartola com um sorriso no rosto.

Tite dividia seu tempo na conversa, mais ou menos assim: 80% emoção, 20% técnica. Era a combinação que acreditava dar certo. À medida que foi crescendo na carreira, ganhando títulos, aumentando o repertório, decidiu mudar. Atualmente, as proporções se inverteram: 80% técnica, 20% emoção.

O estilo motivador, além das conquistas, deu a Tite outra opção profissional.

Passou a ser chamado com frequência para dar palestras em empresas. Ao confirmar o título do hexacampeonato com o Corinthians, os pedidos quadruplicaram. Entre janeiro e novembro de 2015, foram mais de quarenta convites, mas não conseguiu ir a nenhum.

O horário das preleções também foi modificado. Aconteciam minutos antes de o ônibus sair para o estádio, para a efervescência dos sentimentos também entrar em campo. Agora, porém, são feitas antes do almoço, de modo que o grupo tenha tempo suficiente para refletir sobre o conteúdo, as características e estratégias do duelo.

Para esse momento, também gosta de separar algum vídeo específico. Entre a coletânea de Tite há lances de campeonatos Sub-17, do Brasil de 1970 e de 1982 – a sua preferida –, da Holanda de 1974, matérias de TV, entrevistas e até jogadas de partidas de basquete.

– Sempre fazem sentido – diz o treinador.

Resta, então, apenas um breve bate-papo já no estádio, com ajustes também feitos pelos auxiliares, de forma mais individual, desde a entrada do ônibus até se postarem no gramado. Dentro de campo, Tite continua o mesmo. A maior parte do tempo fica em pé no espaço que lhe é reservado, gritando as orientações e cobrando a atenção do elenco.

O tapão nas costas

A dúvida mais inquietante de toda conversa de vestiário antes de entrar em campo não é sobre o 4-1-4-1, ou as triangulações pelas laterais, ou sobre o sistema defensivo. O questionamento que fica ali dentro de cada um, nem sempre revelado, é de quem será a vez de tomar o tapa mais forte na hora do cumprimento – seja antes ou depois do jogo.

– Nossa, ele dá cada abraço na gente, cada tapa! De alegria. Quando ganha um jogo assim, um título, a gente já fica preocupado, segura o corpo, porque ele vem e dá o tapa. Você tem que ir com o corpo fechado porque dá cada tranco... Se o cara estiver entalado, ele desentala naquela hora ali. Tem que ir com o corpo firme. Se for com o corpo mole, te quebra – revela o roupeiro Edízio.

O susto do Viola

Um desses tapas que ele deu acabou assustando Viola.

Depois do 7 X 1, os que lamentaram a falta de inteligência da cúpula da CBF pela não convocação de Tite para a Seleção Brasileira não podem dizer que Marco Polo Del Nero, presidente que escolheu Dunga, sempre foi injusto.

Em 2004, o cartola chamou Tite (que estava no Corinthians) para comandar a seleção paulista em um confronto com a seleção carioca, no Maracanã, na celebração dos sessenta anos da Rádio Globo – uma reedição comemorativa do clássico que não acontecia desde 1987.

– Ele me agradeceu muito na época por tê-lo escolhido – lembra Del Nero.

Na lista dos convocados pelo treinador estavam os goleiros Sílvio Luiz e Fábio Costa; os laterais Anderson Lima, André Cunha e Lúcio; os zagueiros Dininho, Serginho, Anderson e Betão; os volantes Mineiro, Fabinho e Marcinho (Palmeiras); os meias Marcinho (São Caetano), Lindomar e Pedrinho; e os atacantes Gil, Osmar e Viola.

Tite ainda explicou o critério:

– Chamei seis do São Caetano, cinco do Corinthians, quatro do Palmeiras, dois da Ponte Preta e um do Guarani de acordo com a representatividade de cada clube na classificação do Campeonato Brasileiro.

São-paulinos e santistas não puderam ser chamados porque se enfrentavam no mesmo dia na Sul-Americana. Do outro lado do campo, no jogo realizado no dia 10 de outubro daquele ano, estavam estrelas como Romário, Edmundo, Júnior Baiano, Túlio, Ramon Felipe e Zinho, e o técnico era Renato Gaúcho.

Isso aconteceu no tempo em que Tite ainda gostava de fazer a preleção do tipo emocional. Os tapas não eram somente na hora de cumprimentar. Mexia com os jogadores batendo no peito dos atletas, na cabeça, segurando na mão – ainda carrega um pouco desse comportamento, mas em menor escala.

– O Tite ainda não era o Tite. Era um técnico muito bom, mas que buscava espaço, tentava se firmar. Não era consagrado. E ele tava lá dando a preleção, e mexia com um e outro. De repente foi até o Viola e deu um tapão no peito dele. O Viola tava cheio de corrente, começou a chacoalhar tudo, o pessoal se segurando para não rir – recorda, aos risos, o zagueiro Betão. – Foi engraçado,

mas foi também uma demonstração de coragem muito grande, de personalidade. O Viola já era o Viola.

Campeão com a Seleção Brasileira na Copa de 1994, o atacante já tinha passado por Corinthians, Palmeiras, Santos, Vasco e defendia o Guarani naquela época.

– Lembro que eu disse: “Tu é o representante do time do Mundial. Tu é campeão do mundo. Tu é o capitão daqui e tem a responsabilidade”. O Viola deve ter pensado que eu era louco – recorda o treinador.

* * *

Betão, aliás, não se esquecerá jamais do “titês”, expressões idiomáticas próprias utilizadas pelo comandante durante o tempo em que trabalharam juntos. As principais delas são:

• Tu não pode ser cagalhão da correnteza – você não pode ser medroso.

• Tu baixa o centro de gravidade – fazer a posição de defesa, sem ficar com o corpo reto, sempre flexionando o joelho.

• Vai lá e dá um trompetaço – dar um encontrão no jogador.

Carrossel 5 X 4 time do Dunga

Tite se preparava e se concentrava até para as peladas que fazia com o seu time de rua, o Carrossel, do qual é um dos fundadores.

– Ele ficava puto se alguém não levasse a sério, se chegasse de corpo mole na pelada – conta Alvaro Mentta, amigo de infância, também fundador da equipe.

Criado na década de 1980, foi batizado apenas em 1996: uma referência à eternizada Seleção Holandesa de 1974, vice-campeã do mundo.

– O estilo de jogo era de troca de posições, lembrava o estilo do time da Holanda – atesta o irmão Miro, deixando a modéstia de lado.

Depois de nomeado, dois anos mais tarde, o time ganhou até casa própria, o Centro de Esportes e Lazer Tite, que segue recebendo o time todas as terças-feiras – o Celte tem duas quadras de soçaite e é administrado por Miro, em sociedade com o irmão. O local é aberto ao público, para aluguéis mensais.

Em 2001, o Carrossel de Tite recebeu o time de Dunga, que tinha Paulo Roberto, ex-lateral do Grêmio, e Ademir Maria, ex-goleiro do Internacional. Placar final do jogo: 5 X 4 para a equipe de Tite.

– Ele leva tudo que faz a sério. Até ali ele entra concentrado e não tem brincadeira. Dava orientações durante o jogo para organizar o nosso time. Quando terminou, a gente foi para o vestiário e ele falou: “Gente, foi um jogo de xadrez, puta que o pariu, que jogo!”. Vibrou muito – lembra Mentta.

Os três mosqueteiros

Com a cabeça sempre no trabalho, Tite costuma ouvir cobranças para se desligar pelo menos um pouquinho do futebol em alguns momentos. Sai um pouco da rotina assistindo ao *Jornal Nacional* e, logo na sequência, o *Jornal da Cultura* – isso em tempos de crise no governo.

– Ele tem se interessado mais por política nos últimos tempos, nunca o vi tão interessado – constata o filho.

Matheus conta como são as batalhas para forçá-lo a se distrair.

– Eu falo: "Vamos assistir um seriado, pai". Mas é difícil. Consegui fazer com que ele visse *The Musketeers* [série da BBC da clássica história criada pelo escritor Alexandre Dumas, *Os três mosqueteiros*], logo depois da conquista do hexacampeonato. Ficamos uma hora sem falar de futebol. Ele gostou, comentou que achou leve e tranquilo.

Durante muito tempo Tite também recebeu puxões de orelha do seu braço direito, Cleber Xavier, para ser mais sociável. Um jantar que fosse, com a diretoria ou o presidente do clube em que estava. Mas nunca adiantou. A cada dez churrascos aparece em um jantar, no máximo, na melhor das possibilidades.

– Não tem jeito, ele é assim. Agora que a gente tem saído um pouco mais. Temos ido jantar nos restaurantes de que gostamos, perto de casa. Eu digo para o Tite, quando ele resiste: "É a hora que a gente tem para se olhar no olho, para ficar perto, sem preocupação de fazer comida, tirar a mesa" – constata Rose, sua esposa.

– Uma coisa que sempre deixou meu pai muito bravo era quando eu levava gente em casa sem avisar. Nossa, ficava muito bravo mesmo. Ele não gosta de estar com muitas pessoas, essas coisas. Até hoje, se a gente vai estar junto em Caxias, eu evito levar amigos – conta Matheus.

Tite prefere ficar quieto, em casa, com poucas pessoas, lendo um livro (sobre futebol em 99% das vezes), assistindo a um jogo na televisão, revendo imagens do treino, pensando na partida seguinte.

Esse estilo reservado ia lhe trazer problema mais para a frente.

A escola gaúcha

– O futebol gaúcho é formado por duas escolas diferentes: a do capitão Carlos Froner e a do seu Ênio Andrade. Não quero qualificar uma como melhor que a outra. São só dois estilos diferentes de jogar. Eu me filio à do seu Ênio – salienta Tite em diversas entrevistas aos meios de comunicação quando perguntado sobre as características principais dos treinadores gaúchos.

A escolha de Tite se reflete diretamente no estilo das suas equipes, pois a escola de Ênio Andrade tem como metodologia priorizar o toque, a aproximação e a qualidade técnica em vez da bola erguida e da bola parada.

– Seu Ênio trouxe o sentido de organização e da inteligência em campo, sempre com disciplina. Basicamente, é a ideia de que é possível jogar bonito e vencer – valoriza Tite.

Já a escola do capitão Carlos Froner privilegia a competitividade com um jogo mais físico, que exalta a força física. As principais características são a defesa firme e o estilo duro, apesar de ter espaço para o talento. Um dos principais seguidores dessa escola é Luiz Felipe Scolari.

Tanto Ênio Andrade como Carlos Froner alcançaram sucesso com seu estilo de jogo e conquistaram diversos títulos.

Ênio era um meia habilidoso, de muita qualidade técnica e que como treinador se destacou ao sagrar-se campeão do Campeonato Brasileiro em três oportunidades: em 1979 invicto pelo Inter, em 1981 pelo Grêmio e em 1985 pelo Coritiba.

Carlos Froner dirigiu equipes como Grêmio, Inter, Bahia, Flamengo, Vasco, entre outros. Também comandou a Seleção Brasileira em 1966, que na verdade era a Seleção Gaúcha representando o país na Taça Bernardo O’Higgins, em duas partidas contra o Chile. Pelo Grêmio, foi campeão estadual em 1964, 1965 e 1967.

MAGOABILIDADE

O choro de decepção depois da Libertadores

Depois do ano dos sonhos, com a conquista da Libertadores e do bicampeonato no Mundial de Clubes, as coisas foram se perdendo no Corinthians. O ambiente, que até então era ótimo, foi ficando ruim. O que dava certo já não funcionava mais. As vitórias não eram da mesma maneira; as derrotas, mais doídas.

Mesmo logo depois da festa do título inédito no torneio sul-americano, antes do Japão, Tite já via sinais de que não seria fácil o que vinha pela frente. Tinha o desafio de trazer seus jogadores, imortalizados no coração de uma nação de mais de 30 milhões de torcedores, de volta à realidade. Missão que se tornaria quase impossível após a vitória contra o inglês Chelsea, em dezembro.

Não havia ainda completado um mês do histórico 4 de julho quando o treinador gaúcho chorou decepcionado pela primeira vez desde que havia começado seu trabalho à frente do clube. O time chegava à nona rodada do Brasileiro de 2012 amargando a zona de rebaixamento, depois de uma derrota para o Botafogo, por 3 X 1, em pleno Pacaembu. Tinha o Náutico pela frente, em casa mais uma vez.

– Vocês [jogadores] podem enumerar cinquenta defeitos em mim. Podem me encher de erro. Mas um erro que não podem falar de mim é falta da verdade e da lealdade. Mas vocês não estão correspondendo, não estão respondendo ao que eu estou falando, ao que eu estou pedindo, desde a conquista da Libertadores. E nós estamos afundando cada vez mais. Vocês não estão tendo comigo o respeito que eu tenho com vocês. Eu não mereço isso. Eu não fiz isso com vocês. E tô me sentindo traído por vocês. Vocês estão me machucando enquanto homem, enquanto profissional. Eu não mereço isso – disse Tite, antes do duelo contra a equipe pernambucana.

– Foi uma das palestras mais bonitas da minha vida. Eu estava muito mal. Estava me sentindo realmente traído por eles – recorda o treinador.

O jogo começou com um gol de Elicarlos para os visitantes. Danilo empatou

no minuto seguinte, ainda no primeiro tempo, e marcou também o da virada, depois do intervalo, tirando o time alvinegro da zona de rebaixamento. O Corinthians terminou em sexto no Brasileiro naquele ano e ainda conseguiu fazer história com a conquista do Mundial, praticamente uma vitória da paz e do bom ambiente que tinham estacionado no Corinthians havia pelo menos cinco anos.

O início da ruptura entre Andrés Sanchez e Mário Gobbi

Nos bastidores do Parque São Jorge, a euforia das conquistas também dava adeus logo após a volta do Japão. Mário Gobbi, delegado de polícia e conselheiro vitalício do clube desde 2002, tinha sido eleito presidente no início do ano mais vitorioso da história do Corinthians.

Em 11 de fevereiro de 2012, ele foi escolhido pelo antecessor Andrés Sanchez, presidente desde 2007. Sanchez tomou o poder quando Alberto Dualib renunciou ao cargo após escândalos envolvendo a parceria com a MSI. Uma das razões para a escolha de Mário Gobbi foi a sua experiência como vice-presidente e diretor de futebol.

Amigos e companheiros do mesmo grupo político (batizado como Renovação e Transparência), Andrés Sanchez e Mário Gobbi davam os sinais dos primeiros conflitos, embora nunca tenham tratado do assunto publicamente. Sobre o início dos desentendimentos há versões distintas, uma de cada lado, contadas pelos mesmos ou por aliados.

Não tinha ainda seis meses de gestão quando Mário Gobbi começou a olhar contratos assinados pelo antecessor, bem como contas do período anterior, chegando a contestar o que considerava excessivo, como centenas de multas de trânsito dos motoristas que trabalhavam lá (para Andrés Sanchez) desde 2007 e também do cartão corporativo da presidência.

Ao saber da vasculha a que estava exposto, Andrés Sanchez se irritou, pelo que chamou de falta de confiança e lealdade. E não havia nada que acontecesse que não ficasse sabendo, tinha informações em tempo real do que se passava, mesmo que as coisas não acontecessem do lado de dentro dos portões da rua São Jorge.

Dessa parte sou testemunha, quando cinco minutos depois de um almoço inédito meu com Luis Paulo Rosenberg, vice-presidente até 2015, e Mário Gobbi, Andrés já tinha a informação do encontro que acabara de acontecer, sabendo por meio de um aliado.

No entendimento de Mário Gobbi, a relação degringolou a partir do momento que seu antecessor tentava continuar mantendo o mesmo poder que tinha quando era presidente, metendo-se em todos os assuntos, tentando lhe transformar em

rainha da Inglaterra, posição que não estava disposto a ocupar naquele momento.

Fez algumas mudanças na diretoria que também ofenderam o ex-presidente, como a demissão de pessoas de sua confiança. A chegada do conselheiro Max Reis para o departamento administrativo, que não tinha afinidade com o mandatário anterior, se tornou mais um problema.

Não ter mais liberdade completa e irrestrita no futebol, não ser ouvido e obedecido pelo novo presidente, como chegou a acontecer nos primeiros meses, também era um incômodo para Andrés Sanchez, que decidiu se demitir oficialmente – o que nunca acontecera na prática, embora insista que tenha se afastado.

– Eu fiquei fora e não dava nenhum palpite. Quem mandava ali era o Mário Gobbi.

O envolvimento não era mais tão forte, nem explícito, mas continuava. Sua relação com Edu Gaspar, gerente de futebol, com Roberto de Andrade, diretor, e Duílio Monteiro Alves, adjunto, era e permanecerá forte. Tinha dentro do CT o respeito que Mário Gobbi nunca conseguiu ganhar.

A traição de Tite

Nos primeiros meses da guerra fria que tomou o clube, o time não foi diretamente afetado, isolado pela comissão técnica. Mas o problema chegou até Tite e não foi mais tão fácil separar as coisas. Enquanto a relação de Andrés Sanchez e Mário Gobbi ficava pior dia após dia, as informações sobre os problemas que enfrentavam começaram a chegar ao CT Joaquim Grava. Tite, porém, não tomou posição e manteve o respeito e a gratidão que tinha pelo ex-presidente.

– Eu não vou deixar de ter esse sentimento e não dou o direito de me cobrarem isso. Eu escolho as pessoas a quem eu vou ser leal. Tudo que eu tinha que falar para o Mário Gobbi, para o Andrés Sanchez e para o Roberto de Andrade, eu falei – lembra-se o treinador.

Mas não ter tomado posição era, no entendimento de Mário Gobbi, um jeito de se posicionar, um erro sem precedentes. A partir daquele momento, Tite virou para o então presidente mais um homem de Andrés Sanchez.

As fofocas circulavam, inflamando o Parque São Jorge e o CT. Ao treinador, diziam que Mário Gobbi não era um cara leal, que estava por todos os cantos do clube reclamando do trabalho desempenhado após a conquista da Libertadores e do Mundial. A Mário Gobbi, tentavam provar que Tite o havia abandonado.

A primeira situação mais explícita da confusão que tomou o Corinthians aconteceu no CT, em uma reunião convocada por Mário Gobbi com toda a comissão técnica, médicos e fisioterapeutas, em maio de 2013.

– O time está mal, não vejo ninguém correndo. O que está acontecendo? Está jogando com uma arrogância, com uma preguiça... Os jogadores estão cansados, não aguentam dar um pique e já estão morrendo no gramado. O que é isso? – foi parte do discurso do presidente no encontro, com tom de voz elevado, demonstrando irritação e inconformismo com a situação.

A cobrança desagradou. Ninguém que estava ali gostou do que tinha ouvido, tanto pela forma quanto pelo conteúdo. Algo visto como fora da realidade, uma bronca sem propósitos, depois de tantas glórias alcançadas. Estava escancarado que a relação de confiança tinha se quebrado e seria de difícil reparação.

O jeito reservado de Tite também se tornou um obstáculo. Se nos primeiros

meses de relacionamento Mário Gobbi achou que a distância imposta pelo treinador era apenas coerente com a falta de intimidade que tinham, depois passou a achar que era falta de gratidão, de carinho e de respeito. Eram companheiros de missa, irmãos de fé, mas não se entendiam mais.

– Caminhávamos em engrenagens diferentes. Eu não sou de fazer jantares fora, de frequentar a casa das pessoas. Não é o meu estilo. Houve um desgaste, teve diferença, é verdade, mas os detalhes eu não digo – explica Tite.

As frequentes mensagens de celular enviadas por Mário Gobbi a Tite, com cobranças, questionamentos e lamentações, passaram a ser mal-interpretadas. Até que lhe chegou um pedido, por um membro da diretoria, para que não mais enviasse os SMS ao treinador, que estava incomodado com a situação.

– Não quero falar sobre isso. Houve muita coisa boa nesses três anos. Prefiro ficar com essas lembranças – desconversou Tite ao ser questionado sobre o fato.

Mesmo não indo tão bem quanto Mário Gobbi gostaria, o time foi campeão Paulista daquele ano. No início de maio, foi eliminado da Libertadores pelo Boca Juniors, em um jogo marcado por polêmicas com a arbitragem de Carlos Amarilla.

Em julho, daquela temporada que Mário Gobbi teria riscado da sua história, o Corinthians ainda ganhou a Recopa Sul-Americana, torneio de dois jogos entre o vencedor da Libertadores e da Sul-Americana do ano anterior, que era o São Paulo, ampliando a crise que caminhava a passos largos no Morumbi.

No segundo duelo da final, o presidente ouviu o pedido sutil e inesquecível da diretoria de não participar de uma preleção. As justificativas foram várias, jamais relacionadas ao treinador. Mas o mandatário já tinha a sua própria verdade: não entrou naquela reunião porque Tite não quis.

Enrolado na toalha e cerveja na mão: Tite recebe visitas

Embora as críticas de Mário Gobbi não fossem bem-aceitas, era uma verdade que o rendimento do time havia caído, impossível negar, mesmo com os dois títulos do primeiro semestre daquele ano. Os jogadores sabiam, os torcedores enxergavam, era nítido. Quanto mais a relação ficava ruim, mais as cobranças eram ignoradas e mais arrogante a comissão e o elenco pareciam aos olhos do cartola, que se perguntava o tempo todo o porquê de tanto orgulho e vaidade.

Começaram, então, os meses mais difíceis. Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, o Corinthians tomou a maior goleada do ano jogando contra a Portuguesa (4 X 0), e se viu afundado em uma crise sem portas de saída. Era a oitava partida sem vencer, o time estava a seis pontos da zona de rebaixamento e não demonstrava forças para reagir. Alessandro e Emerson Sheik foram à entrevista coletiva no lugar do técnico depois da goleada.

– Não houve um pedido para que o Tite ficasse simplesmente porque não houve nenhuma manifestação dele nesse sentido. Temos confiança no trabalho dele e isso vai mudar – afirmou o lateral Fábio Santos para a imprensa naquela noite. Uma meia-verdade.

Tite chegou ao vestiário e praticamente jogou a toalha. Disse ao grupo que estava atrapalhando o andamento das coisas, que não se sentia capaz de reverter o cenário que estava criado, que não poderia fazer mais nada por ali. Edu Gaspar pediu calma ao treinador, para não tomar decisões precipitadas, o mesmo discurso da maioria dos jogadores ainda ali no estádio.

– Eu fragilizei. Fragilizei muito. Não escondi de ninguém – lembra-se Tite.

A delegação voltou ao hotel na cidade, onde passaria a noite, para pegar o voo para São Paulo no dia seguinte. Uma noite difícil de digerir. Por volta das 21 horas, o treinador foi surpreendido com algumas batidas em sua porta. Acabara de sair do banho. Virou a maçaneta e deu de cara com 11 jogadores.

Alessandro era o primeiro da fila, que tinha Paulo André, Ralf, Danilo, Guerrero, Emerson, Cássio, Júlio César e outros. Espalharam-se pelo quarto do professor, como nunca fizeram antes daquele momento, sentados no chão.

– Quer que a gente volte depois, professor, para o senhor ficar à vontade? – perguntou o lateral direito Alessandro, vendo o Tite ainda com uma toalha no

corpo e uma lata de cerveja na mão.

– Não, não, podem falar – respondeu o técnico, sorrindo, sem graça.

– Agora estamos em um pouquinho mais de gente aqui. Não viemos aqui para sermos simpáticos com você. Quem pode tirar o máximo de nós aqui, professor, é você. Não precisaria disso. A gente tem de rever algumas coisas, algumas situações importantes, mas é só você que pode tirar da gente o máximo que temos – falou Paulo André, o primeiro a abrir a conversa.

– Quem é que vai me treinar e me cobrar para eu não errar pênalti, professor? – perguntou Guerrero, que desperdiçou uma cobrança na derrota.

A conversa se estendeu.

– Discutimos, tentamos entender o porquê de tudo aquilo, o que a gente não estava conseguindo fazer. Um falava para o outro coisas como você passava mais a bola, agora não passa mais... Eram cobranças que em uma relação de grupo é difícil. Às vezes tem dificuldade de aceitar. Pô, por que ele tá falando isso se também não faz o dele? A gente tem essa linha de raciocínio, infelizmente, de não aceitar cobrança. Mas aí foi muito legal. Fomos nos entendendo – conta Alessandro.

– Vocês não me convenceram, mas ganharam mais um dia – disse Tite, colocando fim à conversa que deixara seu quarto lotado.

O time chegou a São Paulo na tarde do dia seguinte.

– Mário Gobbi me encontrou no CT e falou logo de cara: “Estamos juntos, professor”. Eu falei que tinha ficado chateado, fragilizado e pensado em sair. Mas respondi: “Vamos embora”. E seguimos – lembra Tite.

O contrato entre o clube e o campeão da Libertadores se aproximava do fim. Em 31 de dezembro o vínculo se acabaria se não houvesse renovação. E, claro, naquela situação não se falava no assunto. A prioridade era chegar ao número de pontos que desse segurança da permanência na elite do futebol brasileiro.

Mano Menezes já estava acertado

A goleada sofrida naquele 29 de setembro tinha sido triste, mas não era a única dúvida de Tite sobre continuar naquela noite em Campo Grande. Uma semana antes, Mano Menezes tinha deixado o Flamengo e estava livre no mercado. Nunca foi segredo a boa relação que tinha com o presidente Mário Gobbi.

– Meu irmão recebia informações detalhadas de que Mário Gobbi e Mano Menezes estavam acertados. Ele sabia onde tinham sido os encontros, como estavam as coisas. Quando isso começou, meu irmão teve certeza de que estava sendo traído. Foi uma traição muito grande – conta Miro, o irmão de Tite.

Juram Mano Menezes e Mário Gobbi que a negociação nunca aconteceu e que as primeiras conversas foram feitas no final do ano, no momento em que já havia sido decidido que o contrato do então treinador corintiano não seria renovado.

– Não era uma questão do jogo em si, do resultado. Era muita coisa a mais. O *feeling*, as percepções, o conjunto da obra. As coisas paralelas. Era muita coisa junto – argumenta Tite. – Não sei se tinham acertado ou não. Quem sabe são eles.

No dia 2 de outubro, três dias depois da goleada, saiu a primeira notícia no jornal sobre o interesse do Corinthians no novo treinador. “Corinthians trabalha para ter Mano”, estampava a manchete da *Folha de S.Paulo*.

Naquele momento, o sentimento de desconfiança e de tristeza já tinha se transformado em revolta. A comissão técnica olhava para trás, analisava o ano e tinha certeza de que havia sido boicotada pelo então presidente. Até a falta de dinheiro para contratações na transição de 2012 para 2013 foi lembrada como parte de uma ação já planejada de Mário Gobbi contra os que comandavam o futebol. Interpretação completamente sem sentido para o então presidente.

O teatro de Mário Gobbi

No jogo seguinte ao da derrota por 4 X 0, o Corinthians reagiu, ganhando do Bahia por 2 X 0. Foi só um pequeno respiro. As três rodadas seguintes resultaram em 0 X 0, jogando contra o Atlético Mineiro, o Atlético Paranaense e o São Paulo, sequência de partidas que ajudou a consolidar o apelido de "Empatite": foram 17 empates na competição, o clube que mais empatou entre os vinte times da Série A. Logo veio outra derrota, para o Grêmio, por 1 X 0. Na volta de Porto Alegre, mais um dia de crise. Mário Gobbi chegou ao CT convicto de que a melhor decisão para o momento era a demissão do treinador.

O presidente fez uma reunião com a diretoria. Roberto de Andrade, Duílio Monteiro e Edu Gaspar participaram. Tite estava sozinho em sua sala durante a maior parte do tempo. O mandatário não tinha dúvida do que fazer e anunciava naquele momento quais seriam os próximos passos. A conversa foi se arrastando ao longo do dia até que em determinado momento Alessandro, Fábio Santos e Paulo André deram de cara com o trio da cúpula do futebol. A demissão foi avisada; os jogadores se opuseram.

– Vamos ali na sala com o Mário Gobbi e vocês falam isso para ele – disse Duílio Monteiro.

Um nervoso Mário Gobbi foi surpreendido pela chegada dos atletas. Lamentou e reclamou mais uma vez da situação da equipe, sem que ninguém pudesse lhe tirar razão naquele momento tão delicado do campeonato – eram apenas cinco pontos que a separavam da zona da degola, com apenas 37 pontos somados dos 87 disputados.

Fábio Santos, Paulo André e Alessandro concordavam que o momento era realmente muito ruim, mas que era normal depois de tantas conquistas e de um ano desgastante como foi 2012. Defendiam também que não era Tite o culpado por aquela situação, que ela havia se criado por responsabilidade de todos. E o principal: trocar o treinador naquela altura não seria a melhor atitude diante da missão que tinham, de se afastar da zona de rebaixamento.

– É isso que vocês querem? Então, tá. É isso que vocês vão ter. Chama o professor aqui, agora – gritou Mário Gobbi.

Em dois minutos o técnico já estava na sala.

– Professor, nós estamos lhe chamando aqui pra dizer que temos plena e irrestrita confiança no senhor. Você tem o apoio da presidência e da diretoria para permanecer no comando e nós temos certeza absoluta de que você vai conseguir tirar o nosso time dessa situação. Temos certeza e confiança – falou o presidente.

O trio de atletas acompanhou toda a conversa. Em nenhum momento foi mencionado que a demissão tinha sido cogitada, tampouco que foram os jogadores que lutaram pela permanência. Se ainda restava alguma confiança do elenco em Mário Gobbi, ali foi tudo por água abaixo. Relataram a amigos e companheiros do time que essa teria sido a reunião mais teatral que presenciaram na carreira futebolística.

– Eu tenho bem esse dia na minha cabeça. Não falo sobre ele. Só digo que me lembro dele. Só. Roberto de Andrade e Duílio Monteiro me sustentaram. Foram eles e a manifestação dos jogadores – comenta Tite.

E a vida que segue. No dia seguinte, a diretoria negava que a demissão de Tite havia sido pensada. Em entrevista para rádios, Mário Gobbi declarou que pensava em ampliar o contrato do comandante, “um homem muito ético”, e que a decisão seria tomada quando chegasse aos 47 pontos, zona de segurança para evitar o rebaixamento.

O Corinthians realizou uma campanha desequilibrada no Brasileiro de 2013. Ficou na décima colocação, com cinquenta pontos. Foram 17 empates e apenas 11 vitórias. Com dez derrotas, o time de Tite foi o terceiro clube que menos perdeu no torneio. A defesa também funcionou bem, tomando somente 22 gols – a melhor defesa do Brasileirão. Em compensação, foram apenas 27 gols marcados. O Corinthians só fez mais gols que o Náutico, que marcou 22 tentos e ficou na vigésima e última colocação.

Decepcionado com o presidente

Para a comissão técnica, não há dúvida. Mário Gobbi foi o grande responsável por travar a sequência do trabalho no Corinthians.

– O Mário Gobbi foi uma decepção. Uma decepção muito grande – revela Cleber Xavier, auxiliar de Tite, em nossa conversa, em novembro de 2015.

Conta o seu irmão Miro:

– Foi uma mágoa que demorou para passar. Mas passou. Meu irmão me disse no começo desse ano, feliz: “Eu consegui dar um abraço nele”. Isso significava que tinha passado toda a tristeza.

Tristeza que talvez nunca tenha ido de fato embora do coração do ex-presidente, que se afastou do clube desde que terminou o mandato, em fevereiro de 2015. Passou por meses de turbulência que o deixaram até doente, além de 18 quilos mais gordo e com o triplo de cabelos brancos.

Mário Gobbi e aliados até hoje são convictos de que foi Andrés Sanchez quem criou boa parte de toda essa situação. Sustentam que ele ligava no momento de crise dando orientações do que fazer, “demite ou não demite”, mas que se escondia e não assumia a ninguém o que havia aconselhado por telefone, deixando cair sempre nas costas do então presidente – versão esta que foi contestada por Andrés Sanchez. Uma história com muitos meandros, sinuosidades, curvas e labirintos. Verdades inteiras, mentiras completas e interpretações a se perder de vista.

Fato é que no jogo de despedida de Mário Gobbi na temporada do hexa, Tite fez um pedido público de desculpas no vestiário, antes do amistoso contra o inglês Corinthian-Casuals, na Arena Corinthians, em Itaquera.

– Hoje não vou falar muito. Quero passar a palavra ao presidente, a quem quero pedir desculpas. Quero pedir perdão pelos erros que eu tenha cometido e por qualquer mágoa que eu tenha causado – disse o treinador.

Erros que não necessariamente cometeu, mágoas que não necessariamente causou. Mário Gobbi se surpreendeu com a atitude do técnico, disse que não havia nada para desculpar, que tudo estava certo. Não pediu perdão – nem no modo indicativo, nem no modo subjuntivo, nem pelo presente, nem pelo passado.

EQUILIBRABILIDADE

O nome dele é personalidade

Das palavras prediletas de Tite, “equilíbrio” está sempre entre as primeiras da lista. Dentro ou fora de campo, busca achar a compensação dos dois lados, de forma que não passe do ponto em nenhum aspecto.

Com o time indo muito bem, ataque e defesa sintonizados, o treinador foi pego de surpresa contra o Sport, em Itaquera, quando Uendel sentiu a coxa no finalzinho do primeiro tempo e avisou no intervalo que não teria mais condições de permanecer. Era agosto de 2015.

Tinha duas opções para escolher: improvisar alguém na lateral ou apostar em Guilherme Arana, garoto de apenas 18 anos na época. Ele havia subido da base no início do ano, mas ainda não estreara em partidas oficiais no time principal.

Pouco tempo para o tamanho da dúvida que estava na cabeça de Tite – o placar marcava 2 X 1 naquele momento, com vento a favor. Não estava seguro de colocar o menino – pesou até a possibilidade de queimar a jovem promessa com a torcida e que a situação poderia ser uma furada para o lateral.

– Vamos de Arana. Ele vem treinando muito bem, vamos com ele – sugeriu Cleber Xavier.

– Tá arrebentando nos treinos, dando conta. Também acho que tem de ir com ele – engrossou o coro Fernando Lázaro, do Cifut.

Tite ouviu os dois e ia se levantar para avisar Arana sem antes confirmar se os auxiliares tinham certeza, mas isso logo foi respondido por olhares seguros de ambos. Foi então chamar o estreante.

O Corinthians ampliou a vantagem para 3 X 1 e parecia que conseguiria mais uma boa vitória rumo à liderança do Brasileiro. Mas a imprevisibilidade do futebol deu as caras e Guilherme Arana se tornaria o personagem principal a partir dos 26 minutos da segunda etapa. O jovem lateral tentou recuar uma bola para Gil, mas errou o passe. Hernane Brocador aproveitou a falha e não perdoou, diminuindo a diferença para 3 X 2.

Bastaram mais cinco minutos para o Sport empatar a partida com uma jogada

originada pelo lado do debutante. Era o penúltimo jogo do primeiro turno, a equipe andava encostada no Atlético Mineiro e os três pontos eram primordiais.

Arana então decidiu ir para cima e não se escondeu. Faltando cinco minutos para o fim da partida, o jovem lateral apoiou o ataque, um dos seus fortes, e, ao chegar na linha de fundo, fez o cruzamento na área. A bola raspou na mão do volante Rithely e o árbitro Luiz Flávio de Oliveira marcou penalidade. Jadson bateu, fez o quarto do Corinthians, gol da vitória e da redenção para o novato, para Cleber Xavier e para Fernando Lázaro, que por motivos muito particulares também estavam agoniados na torcida.

Arana, que veste o número da sorte de Tite, o 13, nunca vai se esquecer da primeira vez no profissional – e ainda foi embora de Itaquera com um elogio de Renato Augusto no final, que disse que ele teve muita personalidade.

O afastamento de Rincón

Ter deixado Douglas no banco na final do Mundial não tinha sido a primeira escolha difícil do treinador em sua carreira. Só nas passagens pelo Corinthians, já acumulava três experiências inesquecíveis, duas delas fundamentais para a concretização das conquistas que logo vieram. O desafio sempre foi, e sempre será, o de ter dentro de campo a mudança desejada e, ao mesmo tempo, manter o bom ambiente fora. Um exercício de equilibrista.

Freddy Rincón, em 2004, foi o primeiro a ouvir de Tite a decisão que havia tomado. Com 1,85 metro de altura, Rincón era um volante do tipo temido e destemido, xerife do meio de campo. O colombiano tinha ficado dois anos parado, havia retornado em janeiro daquele ano especialmente para jogar pelo Corinthians. Voltou a treinar, perdeu quase seis quilos logo no começo da temporada, conseguiu a vaga de titular e a faixa de capitão, ainda com o então técnico Oswaldo de Oliveira, que deixou o comando em maio após a goleada por 5 X 0 para o Atlético Paranaense.

Tite chegou em seguida e não demorou um mês para definir uma mudança no cenário.

– Olha, fui jogador como você, tive muitos problemas e um dia me vi numa situação que você está hoje. E alguém tem que te dizer o que vou dizer. Eu te respeito muito, acho você um brilhante jogador, mas para o que pretendo, não vou ter a utilização que você gostaria que eu tivesse, então prefiro dizer isso pra você – disse Tite a Rincón, no Parque São Jorge, na presença do então gerente de futebol, Paulo Angioni.

– Obrigado. Você é um grande homem – respondeu o volante, apertando a mão do treinador, após alguns minutos de reunião.

– Foi uma conversa muito bacana e eu tive a honra de participar. O Tite foi muito transparente, honesto. Falaram depois que a decisão era do Antonio Roque Citadini, na época diretor de futebol, mas não era verdade. A decisão foi inteira tomada por Tite – recorda Paulo Angioni, contando detalhes daquele dia.

Dias depois, Freddy Rincón fez um desabafo em entrevista coletiva, chamando Antonio Roque Citadini de mau-caráter, colocando-o como o grande responsável por sua rescisão de contrato. Reclamou também de Tite, que teria

aceitado afastá-lo por pedido da direção para ficar no cargo, mas nunca deixou de reconhecer a lealdade da conversa que tiveram.

– Podem questionar o meu critério, mas não o meu caráter – declarou o técnico, também em entrevista coletiva.

Parece, porém, que até hoje há uma pequena cicatriz no coração de Rincón.

– Nesse momento houve coisas que eu não gostei, mas hoje eu tenho um bom relacionamento com Tite e ele me parece boa pessoa.

A decepção com Chicão

Naquele jogo em que o Corinthians perdeu por 3 X 1 para o Santos, em setembro de 2011, o do episódio do Jorge Henrique com Andrés Sanchez, o time deixou escapar a liderança do Brasileiro. Acabou caindo para o terceiro lugar na tabela, atrás de São Paulo e Vasco. Das arquibancadas já se ouvia o pedido, em coro, de “Fora Tite”.

Na terça-feira após a derrota, protesto no CT. Uma conversa de jogadores e dirigentes com líderes das organizadas tentava acalmar a situação. Na busca de retomar o primeiro lugar na tabela (e garantir o seu emprego), Tite decidiu fazer uma modificação na equipe. Titular absoluto desde a Série B de 2008, Chicão foi sacado do time principal para o jogo seguinte, outro clássico, desta vez contra o São Paulo e que terminou em 0 X 0.

Paulo André e Wallace foram os escolhidos para formar a defesa; Leandro Castán foi deslocado para a lateral esquerda, pois Fábio Santos estava no departamento médico. Inconformado com a saída do time, revelada no dia anterior, o zagueiro pediu para não ficar na concentração, o que irritou Tite.

– Nós conversamos, eu expliquei para ele a mudança e ele disse que respeitava, mas que não estaria bem de espírito para ficar ali e pediu para ficar fora naquele jogo. Não era o que eu esperava naquele momento. Esperava que ele comesse a massa. Mas não ficou sequela disso, não. Com o tempo, passou. Nada é melhor do que o tempo. Ele nos permite um monte de coisas. Tanto é que ele voltou para a equipe – lembra o técnico.

A situação demorou a voltar ao normal entre os dois. Chicão ficou alguns dias treinando longe do grupo e só retornou ao banco de reservas em 12 de outubro. As vitórias reapareceram e, no fim daquele mês, o Corinthians voltou para a liderança. O final, você já conhece: o alvinegro foi pentacampeão brasileiro.

Sai Júlio César, entra Cássio

O quarto e último episódio mais emblemático da série de trocas ousadas nas passagens pelo Corinthians aconteceu na fase final da Libertadores, em 2012. Cássio tinha sido contratado no início da temporada, por decisão única e exclusiva do ainda presidente Andrés Sanchez.

Cássio foi revelado pelo Grêmio, jogou pela Seleção Brasileira Sub-20 e logo em seguida foi negociado com os holandeses do PSV Eindhoven, onde pouco jogou nos cinco anos em que permaneceu no clube. Também teve uma breve passagem pelo Sparta Roterdã, também da Holanda, por empréstimo durante o período do contrato com o PSV. Com o contrato encerrado com o time de Eindhoven, Cássio chegou ao time que havia sido campeão brasileiro, mas não encontrou espaço.

Júlio César era dono da vaga titular, depois do melhor ano da carreira, mas nunca conseguiu se livrar de vez das desconfianças. Cássio ainda enfrentava a concorrência de Danilo Fernandes, revelado no próprio Corinthians, e era apenas a terceira opção para a meta corintiana.

Um ano antes, Júlio César ganhou de Tite a chance mais importante da sua vida.

– Tinha falhado na final do Paulista de 2011, contra o Santos, no chute do Neymar. Ia ser a estreia do Brasileiro contra o Grêmio e eu tinha certeza que ficaria fora. O Tite me chamou e passou tranquilidade. Falou: “Agora você está pronto e é a sua hora de brilhar”. E eu consegui retomar e fui bem o ano todo, campeão do Brasileiro – lembra o goleiro.

Nas quartas de final do Paulista de 2012, porém, Júlio César falhou de novo. Duas vezes. Deixou um chute fraco passar para o primeiro gol da Ponte Preta e saiu mal no terceiro tento do time de Campinas, selando a desclassificação do Corinthians no torneio estadual.

– Tite sentou para conversar comigo e explicou. Era uma questão técnica e também emocional. Eu não estava bem. Ele foi muito transparente comigo. Eu já esperava por isso. Foi uma conversa tranquila – atesta Júlio César.

Tite escolheu Cássio para ser o substituto. Decisão mais do que acertada. Foi fundamental na reta final da Libertadores. Entrou e fechou o gol contra o Emelec

do Equador, nas oitavas de final, quando só havia sido titular uma única vez contra o XV de Piracicaba, no estadual. Fez contra o Vasco, nas quartas de final, a defesa mais importante da carreira – impediu Diego Souza, que estava cara a cara com ele, de marcar.

No Mundial, transformou-se em um gigante, um paredão contra o Chelsea, importantíssimo para a conquista do bicampeonato. A atuação de Cássio o credenciou a ser considerado o melhor em campo, levando a Bola de Ouro do torneio e um carro como prêmio.

Fim da dupla Roberto e Ronaldo: retomada do comando

Um dos motivos que pesou para a manutenção do Tite no comando logo depois da eliminação do Tolima, em 2011, foi o fato de que a direção entendia, por todas as conversas que tinham, que o treinador não possuía o total controle da equipe nos primeiros meses à frente do Corinthians, em sua segunda passagem pelo clube.

Embora fosse um jogador disciplinado do ponto de vista de horários, Ronaldo Fenômeno exercia um papel de liderança que era muito maior do que qualquer outro que estivesse por perto, inclusive do próprio técnico. Ao lado do lateral Roberto Carlos, tornaram-se uma combinação que dificultava a vida de qualquer um que quisesse exercer comando.

Era algo bastante subjetivo, mas foram várias as conversas que tiveram sobre o assunto. Tite buscava a melhor forma de se portar, mas era visto como inseguro por grande parte do elenco e talvez a explicação estivesse justamente na dupla que fez sucesso na Seleção Brasileira e no Real Madrid.

Com aquele vexame na Libertadores, Roberto Carlos foi o primeiro a dizer adeus. No dia 11 de fevereiro, a diretoria do Parque São Jorge anunciou sua saída, sem explicação oficial. Nos bastidores, as justificativas eram várias. Fez 61 partidas pelo alvinegro, mas o lateral não participou do fracasso contra o Tolima por causa de uma dor muscular na coxa direita, versão que não colou para a torcida. Foi acusado de fazer corpo mole, pipoqueiro, amarelão, entre outros adjetivos, e as ameaças da torcida começaram. Com a cúpula e a comissão técnica a relação também não ia tão bem, e havia ainda uma proposta excelente do Anzhi, da Rússia, clube onde ficou até 2012.

Três dias depois, 14 de fevereiro, foi a vez de Ronaldo se despedir. Em coletiva de imprensa no CT Joaquim Grava, ele anunciou sua aposentadoria. Fez 69 partidas com a camisa corintiana, 35 gols.

– Muitos aqui estão arrependidos das chacotas que fizeram em relação ao meu peso. Não guardo mágoa de ninguém – afirmou o craque, visivelmente emocionado, chorando em vários momentos da entrevista. – Não me arrependo de nada que fiz, honrei sempre tudo que fiz e foi tudo muito maravilhoso. Vou sentir muita saudade. Não sei como vai ser daqui para a frente. Aquela sensação

de jogar, de protagonismo. Mas, enfim. Deu a hora e é hora, o momento de olhar para a frente. Por enquanto não penso em jogo de despedida, mas em junho ou julho vou tentar reunir jogadores que estiveram comigo e fazer uma festa de despedida – completou Ronaldo.

As ameaças da torcida, a luta eterna contra as lesões e o excesso de peso, a necessidade de estar mais presente na sua nova empresa. Esses foram os motivos que determinaram o fim da carreira, aos 34 anos.

Era hora de Tite buscar o equilíbrio e retomar o comando.

Não é digno de um prato de comida

Tite era conhecido por ser brigão nos tempos de escola. Quando Miro se metia em encrenca, o inimigo pensava duas vezes antes de se envolver em confusão. O irmão mais velho podia chegar a qualquer momento.

Uma vez, já como treinador, quase voltou a dar motivo para a fama que um dia conquistou.

Com todas as desavenças aqui já contadas, D'Alessandro não conseguiu ser o jogador com quem Tite teve mais problemas na carreira. O argentino não superou Laércio, nos tempos de Veranópolis, no início da década de 1990, que por pouco não foi atacado com garfo, colher, faca ou qualquer outro talher que houvesse à disposição.

A postura do jogador fez o técnico se lembrar do tempo em que ainda era Ade ou o "gringo" da colônia, um dos mais briguentos da turma.

O jogador foi contratado para o time por um pedido do próprio treinador. Chegou e recebeu o pagamento das luvas à vista, tratamento mais do que especial para a época. Gastava algumas de suas noites, porém, em um restaurante da cidade falando mal do clube, do comandante e dos companheiros. O que ele não esperava é que um dos garçons fosse amigo do professor.

Tite achou que uma conversa em particular seria o suficiente para acabar com o problema.

– Eu conversei com o Laércio, que chorou, me pediu desculpas. Perguntei se ele não estava contente, o que estava acontecendo. Ele só pediu desculpas – lembra Tite.

Na mesma noite, o jogador voltou ao restaurante e ao seu padrão costumeiro.

– Chega na minha frente, é capaz de chorar, e no mesmo dia é capaz de falar tudo de novo? Quando eu soube, fiquei no refeitório, só esperando. Fiquei olhando pra porta e eu falava: "Se ele entrar aqui, e pegar um prato de comida, eu vou pra dentro dele". O Laércio chegou, foi até a cozinha falar com a cozinheira. E eu fiquei andando, de um lado pro outro, pensando: "Se ele entrar, eu vou dar nele. Ou ele vai dar em mim, ou eu dou nele". Foi um momento de muita tensão mesmo.

Amigos que presenciaram a cena contam que Tite, enquanto andava de um

lado para o outro, falava em voz alta que ele não era digno de um prato de comida, enquanto segurava um garfo e uma faca nas mãos, talheres que usaria para comer mais tarde.

Laércio nunca mais voltou ao Veranópolis. Foi embora sem se despedir e com uma chuteira que nunca devolveu ao roupeiro.

– Ele ainda roubou a chuteira – termina Tite.

PREVISIBILIDADE

A CBF procurou Tite depois de Dunga

Do primeiro minuto do dia 14 de julho até as 15 horas do dia 19 de julho de 2014, Tite viveu um dos momentos de maior ansiedade da sua vida. No início daquela madrugada de segunda-feira, Luiz Felipe Scolari anunciou a saída do comando da Seleção Brasileira, seis dias depois de sofrer a sua maior derrota – e a de todos os brasileiros –, os 7 X 1 para a Alemanha, em pleno Mineirão lotado. A Copa das Copas tinha terminado em fracasso histórico.

Foram quase 135 horas de angústia para Tite, esperando e "esperançando" por uma ligação. O telefone, dolorosamente, não tocou.

A surpresa, porém, veio depois. O treinador corintiano fez uma revelação. Foi procurado quase um ano depois, antes e depois da Copa América no Chile, que começou no dia 4 de julho de 2015.

O assunto da ligação que recebeu por um emissário que Tite não revela o nome era declarado: projeto Seleção. O chamado era simples, uma reunião em um hotel nos Jardins, bairro nobre da capital paulista, com recomendações definidas de sigilo total e absoluto.

– Solicitaram uma reunião nos Jardins e eu disse que não ia, por duas vezes – diz Tite.

Dunga tinha feito dez jogos e tinha dez vitórias. Um começo para ninguém pôr defeito, embora tivesse tido seu nome contestado quando foi anunciado.

– Meu irmão me ligou e falou o que tinha acontecido. Estava surpreso como poucas vezes. Eu não sei o que teria acontecido se ele tivesse ido ao hotel, mas ele estava decidido a não ir. Chamar para uma reunião, naquele momento? Ele falava ao telefone: "Com esses caras que estão no comando, eu não vou... não vou..." – conta Miro.

O autor da ligação dizia falar a pedido de Marco Polo Del Nero, então presidente da CBF que se licenciou do cargo em dezembro de 2015 assim que foi denunciado pela Justiça dos Estados Unidos, acusado de pedir e receber propina em negociações envolvendo competições no Brasil e na América do Sul.

– Foi depois da prisão do José Maria Marin, ex-presidente da CBF. Eu acho que a intenção era criar um fato para tentar abafar toda a crise, trocando de técnico e fazendo uma coisa que parte dos torcedores e a opinião pública elogiariam. Mas a gente só saberia se ele tivesse ido. Fiquei orgulhoso do Tite, por ter rejeitado, mesmo com tamanha curiosidade que isso deve ter criado nele – completa o irmão Miro.

José Maria Marin foi preso no dia 27 de maio de 2015, na Suíça, na antevéspera da votação para presidente da Fifa, que acabou elegendo mais uma vez Joseph Blatter. No convite para o almoço, Tite recebeu ainda algumas instruções: entrar pela porta de trás do hotel e ir direto para o primeiro andar, onde aconteceria o encontro. Licenciado, Marco Polo Del Nero me atendeu para comentar o assunto. Em sua versão, disse que nunca houve um pedido, por parte dele, para nenhum tipo de ligação ao treinador.

– Ninguém está autorizado a falar em meu nome. Ninguém. Ele fez bem de não ter ido, porque não fui eu que o chamei – afirmou.

O dia em que faltou previsão

Uma das características do trabalho de Tite é cercar-se das mais diversas possibilidades em uma partida. O treinador fica atento aos mínimos detalhes. Contudo, até mesmo o mais preparado às vezes passa por uma situação inusitada e precisa improvisar.

Foi o caso da partida contra o Once Caldas, da Colômbia. Tite não teve a mesma "previsibilidade" de outros tempos. Não imaginou que logo na sua reestreia com o Corinthians na Libertadores, em fevereiro de 2015, teria de se preocupar com uma expulsão aos 25 minutos do primeiro tempo. Paolo Guerrero atingiu o rosto de um adversário com a mão, em uma disputa de cabeça, e o argentino Patricio Loustau mostrou o cartão vermelho para o atacante.

Estava 1 X 0 para o alvinegro neste momento. O gol tinha sido marcado por Emerson Sheik, logo que a bola começou a rolar. Com um a menos, o receio era de que a equipe colombiana conseguisse se recuperar.

A primeira reação do treinador não funcionou. Pediu para Emerson Sheik ocupar o lugar de centroavante, deixando o lado esquerdo do gramado, que passou a ser ocupado pelo meia Renato Augusto.

– A bola não ficava no nosso pé. Eu tinha a imagem do Emerson jogando a Libertadores de 2012 e achei que ia dar certo. Ele tinha ido bem ali. Mas as coisas não são iguais sempre. Eu chamei ele e o Renato Augusto perto de mim e falei: "Inverte, Sheik volta para o lado esquerdo e Renato vai na frente". E ali a gente encaixou de novo – recorda o técnico.

Funcionou. Felipe, Elias e Fagner balançaram a rede depois do intervalo para carimbar uma goleada: 4 X 0 foi o placar final em Itaquera. O fantasma da fase prévia da Libertadores estava longe de assombrar o Parque São Jorge novamente. O time foi cair nas oitavas de final, para o paraguaio Guaraní.

Seis minutos depois, Sheik marcou o primeiro da goleada daquela noite de quarta-feira. Felipe, Elias e Fagner balançaram a rede depois do intervalo e 4 X 0 foi o placar final em Itaquera. O fantasma da fase prévia da Libertadores estava longe de assombrar o Parque São Jorge novamente. O time foi cair nas oitavas de final, para o paraguaio Guaraní.

A bronca de Oswaldo de Oliveira

Quanto mais tem convicção de que tudo pode ser antecipado, mais Tite estuda, para não deixar nenhuma ponta descoberta. É um dos motivos por ser obcecado por imagens de jogos, ver e rever lances dos treinos e trabalhar tão intensamente com os departamentos de análises em todos os clubes por onde passa. Quando alguma coisa fica fora da estratégia, ele quase vira um bicho.

No duelo contra o Flamengo no Brasileiro de 2015, disputado na arena corintiana, era Cleber Xavier o auxiliar responsável pela preparação do duelo – um dos mais importantes na reta final da campanha. Era a 32a rodada do campeonato, o Corinthians estava com oito pontos de vantagem em relação ao Atlético Mineiro, vice-líder, e perder em casa poderia ser um abalo no ânimo da equipe.

Assim que o ônibus da delegação chegou a Itaquera, o treinador teve uma lembrança.

– Eu lembrei que o Oswaldo de Oliveira [técnico do Flamengo] havia feito muitas vezes uma mesma jogada de escanteio quando estava comandando o Palmeiras. É uma cobrança em dois tempos e eu tinha certeza que ele iria tentar de novo – recorda.

Nas reuniões de planejamento de estratégia para o confronto, o lance específico não tinha sido apresentado para os jogadores, que, portanto, não saberiam como se comportar caso Oswaldo de Oliveira tentasse repetir o que fizera com o rival alviverde.

Mobilizou toda a sua equipe, então, para que buscassem exemplos da jogada do treinador rubro-negro. Foram quase 15 minutos para conseguir baixar as imagens.

– Como é que tu não viu isso? Como é que tu não lembrou? Tem que ver as equipes, mas tem que ver o perfil do treinador também. Espera chegar as imagens e vai tu mesmo mostrar. É tu que vai, eu nem vou lá – esbravejou Tite com Cleber Xavier.

E explica:

– Eu fiquei puto com a comissão e os auxiliares por não terem visto isso. Conseguimos recuperar e foi dito e feito, eles se prepararam para fazer a jogada

do Oswaldo. Mas a gente já estava ali arrumado para isso, não conseguiram. Isso é planejamento.

Foi Love quem levou a melhor no duelo com Guerrero, no reencontro do peruano com a arena corintiana. O artilheiro marcou e o alvinegro deu mais um passo na corrida pelo hexa.

Silêncio em Minas

A obsessão de prever o futuro é tão grande que Tite faz planejamento até para impedir o oba-oba de quando está perto de vencer. Assim que acabou o jogo do Corinthians contra o Atlético Mineiro no estádio Independência, em Belo Horizonte, na campanha do hexacampeonato, o treinador avisou à direção que não daria coletiva de imprensa.

– Edu Gaspar, vai você hoje para a entrevista, por favor. Vai ser melhor. Se eu for, vão ficar perguntando se foi o jogo do título, vão falar que já somos campeões. Eu não tenho que participar disso, não podemos deixar ninguém achando que já está tudo ganho – afirmou o treinador no vestiário do estádio depois da vitória por 3 X 0 que deixou o clube com a mão na taça.

A distância para os mineiros, os vice-líderes do Brasileiro, aumentou naquele momento para 11 pontos, faltando cinco rodadas para a competição terminar – 15 pontos em disputa. Só um milagre tiraria o hexa do clube. Foi convencido pelo gerente de futebol a sair para se encontrar com a imprensa.

– Eu falei com ele [Edu Gaspar], ele disse que se eu não fosse podia parecer um pouco de ostentação também. Eu concordei com ele e acabei indo.

Tite se incomodou ao ver os jogadores dando entrevistas exclusivas aos montes no CT e vetou. Essas entrevistas só voltaram a acontecer depois da conquista do título contra o Vasco da Gama, em São Januário. O próprio Tite também não aceitou nenhum convite naquele período.

– Disse para o meu assessor que não ia fazer. Evitar deixar todo mundo no clima de já ganhou, e eu também não posso entrar – diz.

Aliás, na preparação para esse jogo, Tite achou que os dois mais novos do grupo, Guilherme Arana e Malcom, poderiam ter problemas jogando no estádio mineiro, onde nunca tinham atuado antes.

Uma arena que ferve durante a partida, com presença certa da torcida, que canta nos noventa minutos sem parar, com pressão de caldeirão. Para antecipar problemas, na véspera decidiu levar a dupla ao local.

– Dois jovens. O jogo tinha muita grandeza, expectativa enorme. Eles tinham que ter a noção do lugar. Fomos nós três e o Edu Gaspar. Foi engraçado ver o comportamento deles. O Malcom não saiu nem um minuto do meu lado. Eu

virava, ele virava. Eu parava, ele parava. O Guilherme Arana não. Em dois minutos, tava indo para o lado oposto, foi sozinho – lembra o treinador, admirado com a postura do lateral.

O gaúcho tinha também interesses particulares em fazer a turnê um dia antes da “decisão” do Brasileiro. Queria ver o estado do gramado, se teria problemas. Tentava também se lembrar da proximidade do campo e das arquibancadas e saber se, enfim, tinham colocado alguma proteção perto do banco de reservas que evitasse a “interação” dos atleticanos com os técnicos rivais – nesse caso, ele.

Viu que nada tinha mudado desde a última vez que estivera por lá em 2013, havendo mesmo previsão de chuva (entenda-se de cusparadas). Amado pela torcida da equipe paulista, o gaúcho não tem o mesmo prestígio entre os mineiros por causa da passagem pelo clube em 2005, quando brigou para não cair para a segunda divisão e deixou o comando pela campanha ruim que fazia. Sabendo disso, teve tempo de se preparar e entrou em campo no dia seguinte com jaqueta e gorro (enquanto fazia um calor de mais de 33 graus e o sol queimava) para ver Malcom abrir o placar da decisão aos 22 minutos: 3 X 0 para o Corinthians, ponto-final no Brasileiro de 2015.

Festa de despedida

Do lado pessoal, a engrenagem dos pensamentos tenta trabalhar da mesma forma. Um pouco mais vulnerável, é verdade. Tite voltou do Guarani de Campinas, São Paulo, passou por mais uma cirurgia, mas ainda tentou alguns meses no Esportivo de Bento Gonçalves, na primeira divisão do Gaúcho.

– No Esportivo eu tinha acabado de me recuperar, e veio um cara por trás de mim com um carrinho. Senti que ele tinha me machucado. Eu fui atrás do cara no meio do campo. Eu o chamei de tudo que era possível. Era contra o Santa Cruz, no Gaúcho. E o árbitro ficava pedindo calma. Eu queria bater nele, até que me substituíram. Ali foi a outra artroscopia.

Foi parar no Guarany de Garibaldi como último respiro, em 1990, acumulando a vida de atleta com a de preparador físico – o clube disputava a segunda divisão. Tinha acabado de fazer mais uma cirurgia, ainda conseguiu marcar seu último gol, mas viu o joelho inchar novamente.

Quando decidira interromper a carreira, prestou um concurso público no Rio Grande do Sul. Formado em educação física em Campinas, em 1989, passou em terceiro lugar no estado e estava pronto para ser chamado para começar a dar aulas na rede pública. Foi pego de surpresa quando recebeu um convite para se tornar treinador.

– Celso Freitas era o técnico, mas estava saindo. Gilberto Piva, que cuidava do futebol do Guarany de Garibaldi, me falou: “Você não quer ficar no comando nesses últimos cinco jogos?”. E eu topei. A gente ganhou quatro e perdeu só a última. Quase subimos. Ele me convidou para continuar no ano seguinte e eu não pude dar aulas.

Nesses anos em que ficou pingando de clube em clube, especialmente entre 2003 e 2010, já longe da sua cidade natal, a vida era ainda mais imprevisível. O segundo convite para os Emirados Árabes, para comandar o Al Wahda, frustrou planos – na ida e na volta – no segundo semestre de 2010.

Tinha planejado uma viagem romântica com a mulher, Rose, para a Argentina. Ela já havia feito todas as reservas possíveis, seguindo a metodologia do marido. Os hotéis já estavam reservados, as entradas para as apresentações já estavam compradas e os jantares em restaurantes também estavam garantidos.

Tiveram que cancelar tudo. A diretoria do Al Wahda entrou em contato com Tite uma semana antes de a viagem acontecer. O casal chegou a adiar “as férias”, mas não adiantou. A cúpula árabe exigiu que o treinador se apresentasse rapidamente e não houve outra solução.

Desembarcou em setembro para a segunda vez no país. A primeira experiência, três anos antes, foi adorada pela família, que havia se mudado junto com ele. Os filhos, aliás, foram de fundamental importância para ajudar o pai com o inglês.

Empolgada para mais um período fora do Brasil, a filha Gabriele antecipou provas, fez festa de despedida para os amigos, agilizou o visto no passaporte e já tinha data para embarcar, junto com a mãe. Nisso tocou o telefone.

– Nem arrumem as malas. O Corinthians me convidou para voltar.

Uma estrela chamada Agenor

Como aquelas coisas imprevisíveis, em julho de 2009 seu Agenor Bachi foi embora, aos 74 anos. Um início de pneumonia e o mau funcionamento dos rins, que já apresentavam problemas havia algum tempo, o fizeram ficar um mês internado. Não houve como evitar. Deu tempo, porém, de fazer alguns últimos ajustes na vida. Mandou recados, deu ordens sobre o futuro, orientou a divisão de parte dos seus bens. Exigiu que a sua espingarda preferida fosse dada a Matheus, filho de Tite e o xodó do avô, um dos únicos que conseguia amolecer seu coração.

Pelo telefone, deixou escapar pela primeira vez a frase “eu te amo” ao neto, uma semana antes de falecer, felicidade que Tite não teve.

– Nunca me disse – confidencia emocionado o treinador. – Meu pai falava com os olhos. Mas nunca verbalizou que me amava. Eu demorei 35 anos para sentar ao lado dele, pegar seu rosto e dar um beijo. Nesse dia, eu olhei no olho dele e falei que o amava. Foi 13 anos antes de ele nos deixar. Eu deveria ter dito isso antes. Não é o tipo de coisa que se guarda na caderneta de poupança e que se escolhe a hora de retirar. É a principal lição que a vida me deu – recorda Tite.

Somam-se à saudade a lembrança de quem deu forças, a vontade de ter passado mais tempo junto, a culpa de ter sido distante, os remorsos dos poucos carinhos. Uma mistura que sempre faz Tite chorar.

Foi embora sem assistir às principais glórias. Não viu filho e neto levantando a primeira taça juntos. Nem Tite nem Matheus tinham ideia do que viria pela frente, não poderiam imaginar o que o futuro havia reservado depois daquele triste mês de julho. Não haveria bola de cristal que pudesse. Uma coincidência que a família não acredita.

– As coisas mais importantes aconteceram depois que meu pai foi embora. Ele foi para ajudar meu irmão, mandando luz. Uma estrelinha. Ilumina o caminho dele por todos os lados – diz Miro.

Uma estrela chamada Tite

O último compromisso do Corinthians no ano de 2015 poderia ser considerado pelos leigos como uma partida sem grandes atrativos. Afinal, o time já tinha se sagrado campeão com antecedência e, qualquer que fosse o resultado, nada alteraria a tabela de colocação para a equipe paulista.

O próprio campeonato tinha poucas coisas a serem definidas. Faltava saber quais seriam três dos quatro rebaixados (o Joinville era o único com o destino definido para a Série B), e o quarto representante brasileiro na Copa Libertadores.

Mas o corintiano é um torcedor diferente e tem como um dos maiores prazeres na vida ver o seu time jogar. Por essa razão, 43.389 alvinegros, o quarto maior público na breve história do estádio em Itaquera, saíram de suas casas para a despedida do ano. Tinham ainda um outro objetivo: agradecer ao maior responsável pelo hexacampeonato brasileiro. Na entrada do time em campo, e pouco antes da execução do *Hino Nacional Brasileiro,* Tite foi surpreendido e emocionou-se com o que presenciava.

“Olê, olê, olê, olê, Titê, Titê”, cantavam os corintianos das arquibancadas, antes da partida de despedida do Brasileiro contra o Avaí.

Enquanto o som da homenagem ecoava até a estação Itaquera do Metrô, um mosaico em 3D se formava do lado leste da arena, estrategicamente situado na direção do meio de campo. Era a reprodução de uma das fotos mais famosas do treinador, a da conquista do Mundial de Clubes com Tite segurando uma faixa com a frase “The favela is here. Corinthians is my life” [A favela é aqui. Corinthians é a minha vida]. Uma curiosidade sobre essa faixa é que ela foi originalmente levada por um torcedor ao Japão e foi jogada para o técnico da arquibancada. É inegável que os dizeres da faixa representam fielmente o espírito e o orgulho das origens do corintiano.

– Foi um dos momentos mais lindos do ano, mais emocionantes. Eu fiquei realmente muito feliz. Não esperava que tivesse uma surpresa para mim – entregou Tite.

Tite ainda fez questão de salientar à reportagem do SporTV a importância do grupo e que o mosaico utilizando a sua imagem representava, na verdade, o time

todo:

– Você fica emocionado e não encontra palavras. É um grupo de trabalho bem-representado. É uma foto minha, mas é o grupo do Corinthians.

O treinador ainda comentou uma particularidade em relação à origem da imagem:

– Foi ideia do Guilherme Prado, assessor de imprensa da época [pegar a faixa com a emblemática frase], tenho que ser justo. É todo um trabalho que foi premiado naquela época também.

Além do mosaico, cada torcedor que chegava a seu lugar no estádio também ganhava uma faixa com a mesma mensagem para levantar com ele.

Quanta coisa passou na cabeça de Tite nesse dia.

Fez questão de falar um pouco mais do mosaico e o que ele representava na coletiva de imprensa:

– Era um sentimento meu no Mundial que a favela estava ali. Eram 50 mil corintianos, uma coisa impressionante, extraordinária. Quando vem esse carinho, eles [torcedores] têm de colocar. Pode ser eu, pode ser o Edízio [roupeiro], o Miranda [roupeiro], o Fábio Seródio [assessor de imprensa]. Fico contente, mas gosto de dividir essa alegria.

Tite ainda se lembrou das eliminações do Paulista e da Libertadores no começo de 2015, quando tudo parecia estar perdido, recordou-se do momento em que decidiu voltar ao trabalho, de quando fez a escolha corajosa de voltar ao clube em que já tinha conquistado tudo. Nem no melhor dos seus sonhos imaginava acabar o ano daquele jeito, com tanto carinho.

O barulho do canto sincero dos alvinegros foi mesmo de arrepiar. Nenhum outro jogador mereceu tanto, na opinião da Fiel. Em um time formado por jogadores de destaque, nem Jadson, o rei das assistências, nem Love, que arrebentou de marcar gols na reta final, nem Renato Augusto, o melhor do campeonato. A estrela do Corinthians no hexa brilhava com o nome de Adenor Leonardo Bachi – ou, simplesmente, Tite.



Com a camisa da Portuguesa, no Canindé, Tite marca nos 4 X 1 sobre o Brasil, de Pelotas-RS, pelo Campeonato Brasileiro de 1984. O gol foi eleito o mais bonito da rodada no *Fantástico* daquela noite.



O Grêmio, comandado por Tite, derrota o Corinthians de Vanderlei Luxemburgo por 3 X 1, no Morumbi, e ganha a Copa do Brasil de 2001. O tricolor gaúcho era o time de coração de Tite na infância.



Depois de sua primeira experiência no exterior, nos Emirados Árabes, Tite treinou o Internacional, entre 2008 e 2009, e faturou três títulos.



Expulso de campo, Tite foi assistir à final do jogo contra o Vasco, pela Libertadores de 2012, no meio de torcedores, nas numeradas do Pacaembu.



Tite fuzila com os olhos o árbitro paraguaio Carlos Amarilla, após a atuação desastrosa na partida em que o Corinthians foi eliminado da Libertadores de 2013 pelo Boca Juniors, da Argentina, em São Paulo.



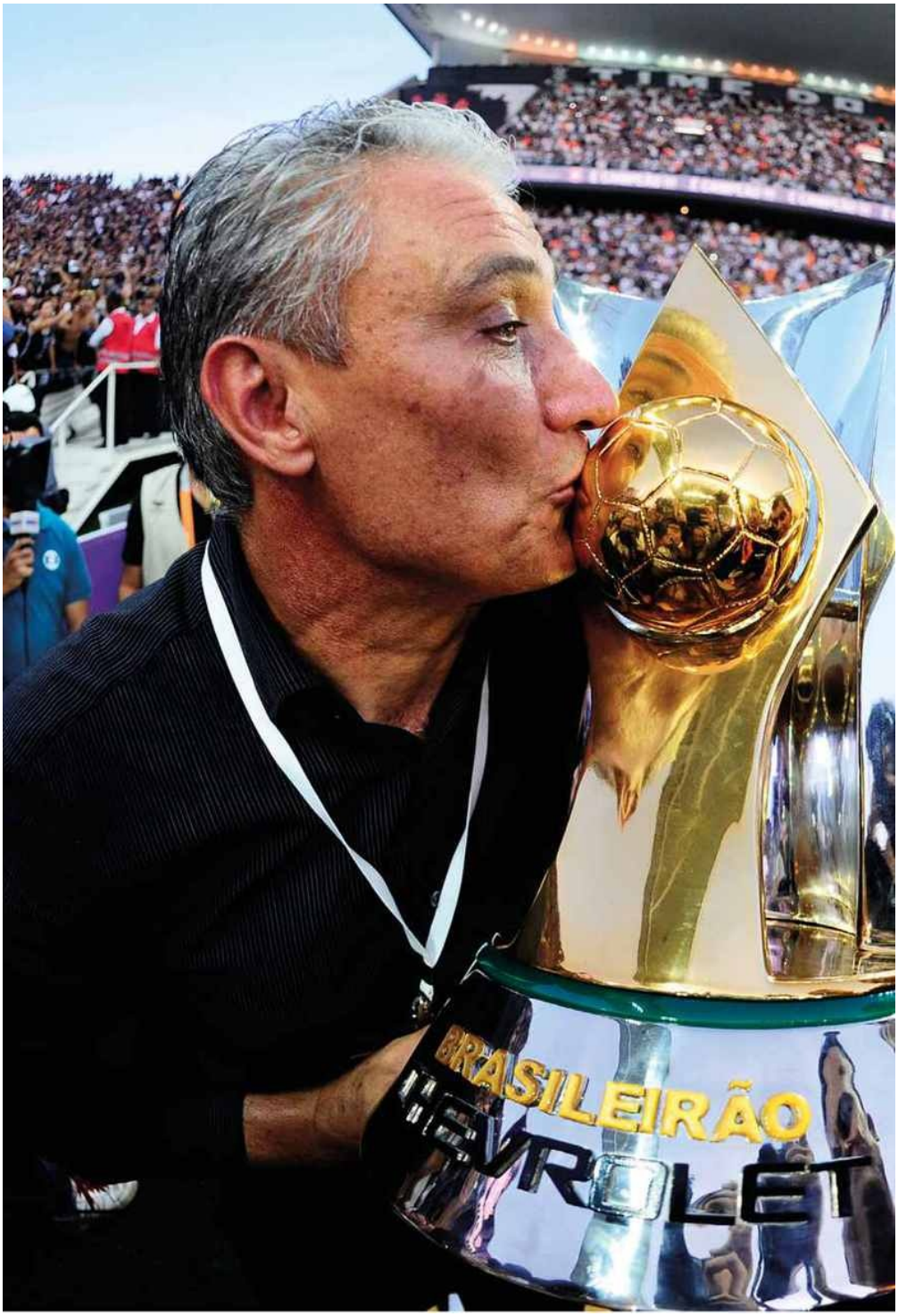
Corinthians campeão mundial de clubes, contra o inglês Chelsea, em dezembro de 2012. A faixa erguida no centro do Estádio de Yokohama virou sua marca registrada: “A favela é aqui!”.



4 de julho de 2012. A noite em que a Fiel foi libertada! Tite ergue a taça de campeão invicto da Libertadores.



Dentro do vestiário, Tite tem seu próprio altar. E nunca podem faltar velas.



Tite beija a taça de hexacampeão brasileiro no jogo em que os alvinegros golearam o rival São Paulo por 6 X 1, na Arena Corinthians, em Itaquera.



A conquista do sexto título brasileiro do Corinthians foi confirmada no empate de 1 X 1 contra o Vasco, em São Januário, no Rio de Janeiro. A comemoração foi num restaurante com um copo gigante de caipirinha.

Ficha técnica

Adenor Leonardo Bachi
Nascimento: 25/5/1961, Caxias do Sul (RS)

Carreira como jogador

Posição: volante
1978: Juventude (categoria de base)
1978 a 1982: Caxias
1983: Esportivo
1984 (primeiro semestre): Portuguesa
1984 (segundo semestre) a 1989: Guarani
1989: Esportivo e Guarany de Garibaldi

Carreira como treinador

1990 a 1991: Guarany de Garibaldi
1991: Caxias
1992 a 1995: Veranópolis
1996: Ypiranga e Veranópolis
1997: Veranópolis e Juventude
1999 a 2000: Caxias
2001 a 2003: Grêmio
2003 a 2004: São Caetano
2004 a 2005: Corinthians
2005: Atlético-MG
2006: Palmeiras
2007: Al Ain
2008 a 2009: Internacional
2010: Al Wahda
2010 a 2013: Corinthians
Desde 2015: Corinthians

Títulos como treinador

Veranópolis
Campeonato Gaúcho da Segunda Divisão (1993)

Caxias
Campeonato Gaúcho (2000)

Grêmio
Campeonato Gaúcho (2001)
Copa do Brasil (2001)

Internacional
Copa Sul-Americana (2008)
Campeonato Gaúcho (2009)
Copa Suruga (2009)

Corinthians
Campeonato Brasileiro (2011 e 2015)
Copa Libertadores da América (2012)
Mundial de Clubes da Fifa (2012)
Recopa Sul-Americana (2013)
Campeonato Paulista (2013)

Agradecimentos

Ufa. Consegui. Mas não teria conseguido sem a disposição inesgotável de algumas pessoas. Do meu irmão, Caio, dono das melhores ideias. Do meu namorado, Mauricio, pela paciência e carinho. Das melhores amigas, em especial Renas, Gabi, Dita, Nana, Leleka, Natis e Luci. Do Marcelo Damato, que leu o livro em menos de 24 horas. Do Cobos, e as “cobices”. Do Mauro Cezar, apoiador e ouvinte. Do PVC e do Juca, incentivadores de todas as horas. E, em especial, do meu pai e da minha mãe, Mario e Sandra, os melhores parceiros do mundo.

A autora



CAMILA MATTOSO nasceu em 25 de fevereiro de 1988, é jornalista e começou sua carreira na Rádio Bandeirantes. Morou em Londres por um ano, onde trabalhou com Andrew Jennings, o repórter da BBC que ajudou o FBI a desvendar o escândalo da Fifa. Ganhou projeção fazendo matérias e entrevistas sobre os bastidores dos clubes, das federações e da CBF. Cobriu a Olimpíada de Londres pela ESPN, a Copa das Confederações 2013 pelo Lance! e a Copa do Mundo 2014 pela ESPN. Atualmente é repórter do caderno de esportes da Folha de S.Paulo.

Notas

1 Jogo da 34ª rodada do Brasileiro de 2015.

2 Jogo da 35ª rodada do Brasileiro de 2015.

© Camila Mattoso

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patty Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Mayara dos Santos Freitas
Roberta Stori

Assistentes de arte
Mislaine Barbosa

Capa
Vanessa Sayuri Sawada

Diagramação
Carla Almeida Freire

Colaboração
Paulo Unzelte

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Revisão
Juliana de Araujo Rodrigues
Telma Baeza Gonçalves Dias

Fotos
Agência Estado
Alexandre Battibugli
Folhapress

Diagramação para e-book
Elis Nunes

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Mattoso, Camila
Tite / Camila Mattoso. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2016.

e-ISBN: 978-85-7888-596-0

1. Tite (Adenor Leonardo Bachi), 1961–. 2. Jogadores de futebol – Brasil – Biografia. 3. Treinadores de futebol – Brasil – Biografia. I. Título.
16-30789
CDD: 927.96334
CDU: 929:796.332

2016
Todos os direitos reservados à Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.


Padre
MARCELO
ROSSI
a superação pela fé
Edison Veiga

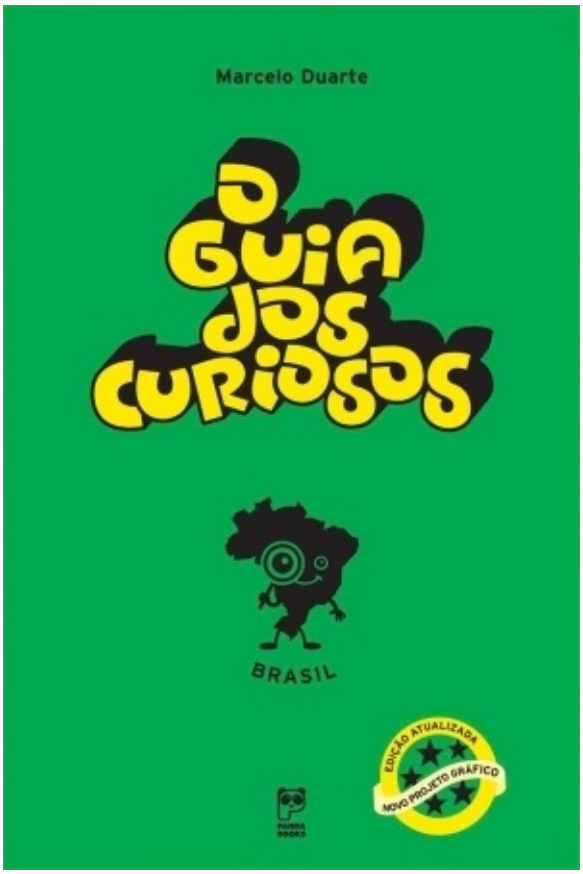
Padre Marcelo Rossi

Veiga, Edison
9788578885304
152 páginas

Compre agora e leia

Desde 1997, Edison Veiga nunca deixou de prestar atenção nos passos de padre Marcelo Rossi. Primeiro, pela novidade que ele representava. Depois, por curiosidade. Em seguida, mais maduro e com certo distanciamento crítico, com um profundo interesse jornalístico. Neste livro, o autor apresenta um perfil daquele que se tornou o padre mais famoso do Brasil - desde a sua juventude e a escolha tardia pelo sacerdócio, até o reconhecimento nacional e a superação dos problemas e das adversidades que a vida lhe apresentou.
Edison cita que, ao contrário de muitos padres que entram no seminário ainda na juventude, a vocação do mais famoso padre brasileiro surgiu já na idade adulta depois da vontade de ser bombeiro ou piloto de fórmula 1. Questões filosóficas, como a existência de Deus, passavam longe da cabeça do adolescente que vinha de uma família de classe média paulistana e que, em breve, revolucionaria a Renovação Carismática Cristã (RCC) e traduziria um novo conceito dentro da Igreja Católica.

Compre agora e leia


Marcelo Duarte
O GUIA DOS CURIOSOS
BRASIL
EDIÇÃO ATUALIZADA
NOVO PROJETO GRÁFICO

O guia dos curiosos - Brasil

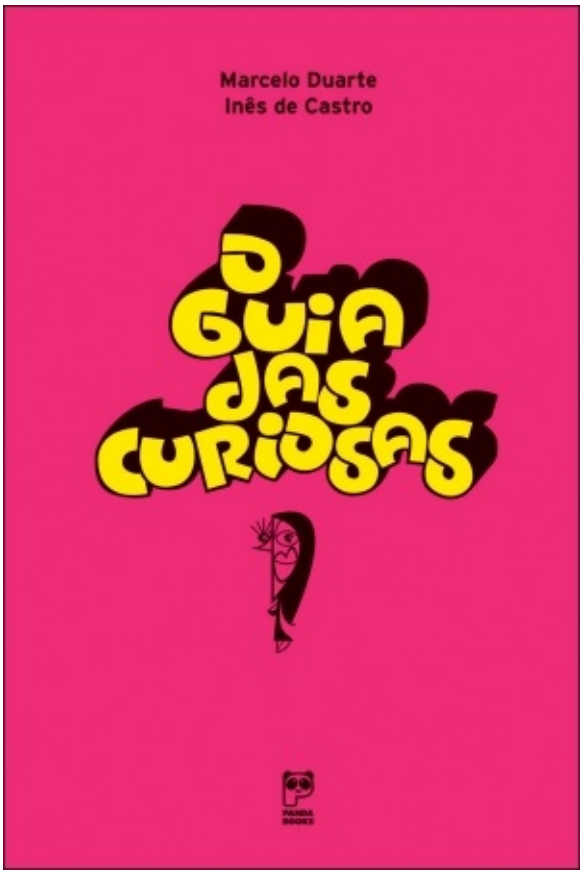
Duarte, Marcelo
9788578885496
584 páginas

Compre agora e leia

Veja algumas das curiosidades que você encontrará nas páginas deste livro: dos presidentes do Brasil, Deodoro da Fonseca foi o único que não teve filhos. Em compensação, Afonso Pena teve 12! Em Tocantins e na Bahia existe uma cidade chamada Filadélfia; em Pernambuco, uma que se chama Pará, e em Minas Gerais, há o município Paraguai. Existem nada menos que 30 milhões de espécies de insetos no planeta e a região da Amazônia é moradia de um terço desse total.

Com novo projeto gráfico e em edição atualizada, o Guia do Curiosos - Brasil traz informações de norte a sul do país, desde a chegada dos portugueses até a eleição da primeira presidenta do país.

Compre agora e leia


Marcelo Duarte
Inês de Castro
O GUIA DAS CURIOSAS

O guia das curiosas

Duarte, Marcelo
9788578885489
580 páginas

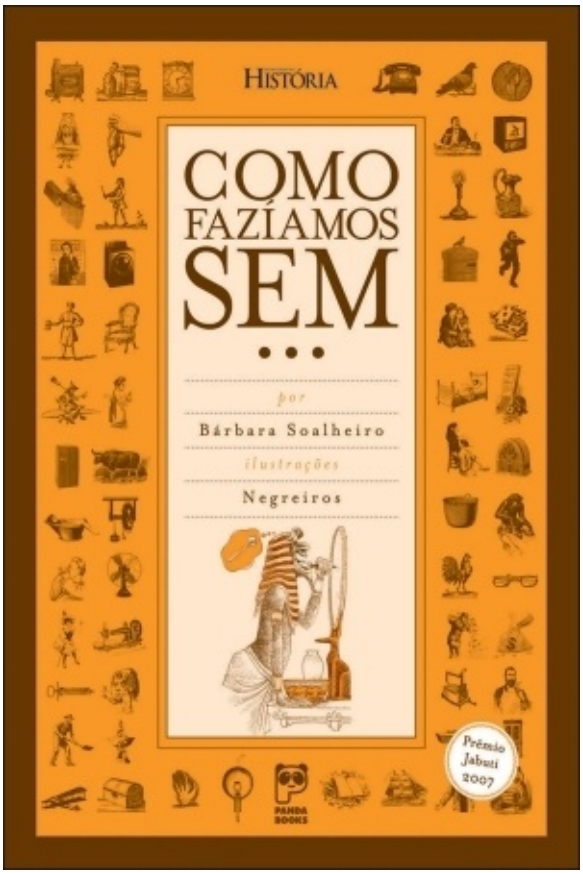
Compre agora e leia

Quem é mais curioso: o homem ou a mulher? De tanto ouvir essa pergunta, o autor da série O Guia dos Curiosos decidiu escrever um livro só com curiosidades femininas.

Veja nestas páginas curiosidades sobre moda, beleza, saúde, dietas, dança. Histórias engraçadas e pitorescas das mulheres na história, na política, na música, no cinema, nos esportes, na televisão, nas artes. E até respostas para aquelas perguntas que parecem mais absurdas. Se a esposa do presidente é a primeira-dama, o que o marido de uma presidenta seria? Quem é aquela mulher que aparece no símbolo da Columbia Pictures? Por que a noiva joga o buquê?

Agora responda: será mesmo que elas são mais curiosas que eles?

Compre agora e leia


HISTÓRIA
COMO FAZÍAMOS SEM
...
por
Bárbara Soalheiro
ilustrações
Negreiros
Prémio Jabuti 2007
PANDA BOOKS

Como fazíamos sem...

Soalheiro, Bárbara
9788578885373
144 páginas

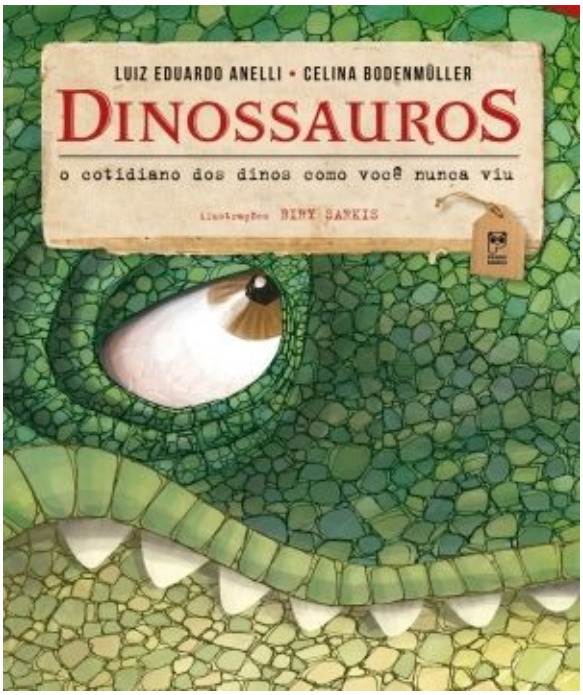
Compre agora e leia

Hoje a coisa é simples. Você abre a torneira do filtro – ou a garrafinha de água mineral – e mata a sede à vontade. Mas, para nossos antepassados, água costumava ser um problemão: um gole podia levar à morte. E tomá-la não era o único problema.

Neste livro, você vai descobrir como era a vida nos tempos em que certos objetos (que hoje podem ser até banais) não haviam sido inventados ainda.

Descubra como fazíamos sem água limpa, fósforos, vaso sanitário, óculos, anestesia, banho, papel higiênico, cemitério, divórcio, sobrenome e outras coisinhas mais.

Compre agora e leia


LUIZ EDUARDO ANELLI • CELINA BODENMÜLLER
DINOSSAUROS
o cotidiano dos dinos como você nunca viu
BIBY SANKIS

Dinossauros - O cotidiano dos dinos como você nunca viu

Anelli, Luiz Eduardo
9788578884901
56 páginas

Compre agora e leia

Se alguém perguntar onde os dinossauros viviam há 200 milhões de anos atrás, a resposta é muito fácil: em todos os lugares. E em cada lugar, cada espécie deixou suas marcas que nos contam muito de seus hábitos. Luiz Eduardo Anelli e Celina Bodenmüller resolveram reunir todas as principais informações no livro Dinossauros - O cotidiano dos dinos como você nunca viu.
O leitor se deparará com diversos nomes de espécies no decorrer da obra. Algumas com nomes bem bacanas como Kryptops, Aletopelta e Amazonsaurus e outras que são praticamente impossíveis de se pronunciar rapidamente: Brachytrachelopan, Piatnitzkysaurus e Bruhathkayosaurus. Além de muitas informações curiosas, o trabalho do ilustrador Biry Sarkis apresenta o mundo dos dinossauros com cores bem vivas e os retrata de forma humana e muito bem humorada.

Compre agora e leia